

Wellington Pereira

# RASCUNHO EPISTEMOLÓGICO



Wellington Pereira

# RASCUNHO EPISTEMOLÓGICO



Marca de Fantasia  
Paraíba - 2021

# RASCUNHO EPISTEMOLÓGICO

Wellington Pereira

2021 - Série Veredas, 51



**MARCA DE FANTASIA**

Rua Maria Elizabeth, 87/407  
João Pessoa, PB. 58045-180. Brasil  
marcadefantasia@gmail.com  
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia (CNPJ 09193756/0001-79) e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

## Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;  
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;  
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;  
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;  
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nilton Milanez - UESB;  
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;  
Waldomiro Vergueiro, USP

Capa: H. Magalhães

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

---

ISBN 978-65-86031-38-6

## Sumário

---

Prefácio: Uma reverência a Wellington	8
Apresentação	10
<b>Parte I – Cotidianidades</b>	
<b>Presenteísmo</b>	14
1. Odiai-vos uns aos outros	15
2. Por que sou um fascista brasileiro	17
3. A servidão voluntária e o feio como categoria estética	19
4. Onde estão os negros?	21
5. Ubuntu: negro sou	23
6. Eu sou mulher	25
7. Para sair às ruas na pós-modernidade	26
8. O jazz, o rap, o conto e o ensaio	28
9. Raul Seixas e o Bhagavad Gita, a canção	30
10. Cantar um hino de guerra não basta!	31
11. O Future-se, Heidegger e o nazismo	33
12. Freud, o totalitarismo e a arte do chiste	35
13. Goethe e Macunaíma regem a mesma estética	36
14. O coronavírus desmascara o capitalismo	38
15. Covarde, quo vadis?	40
16. A realidade: game over	43
17. Deus é a natureza, a Natureza é deus	46
18. Banalidade do mal, perdão e promessa: Covid-19	48
19. Amizades e afetos	51
20. Uma rosa para Chomsky	53

21. Elogio da alegria	55
22. A lua e o bêbado de chapéu-coco	57
23. A morte do Ser na melancolia do nada	59
24. O fogo liberador	60
25. Antroposofia do cotidiano brasileiro	61
26. O telos e o intelecto	63

## **Política** 65

1. Putas e bruxas salvaram o clero e a burguesia	66
2. O ódio a Lula é medo do Hades social	68
3. O Anel de Giges e a Política	70
4. João Pessoa: vícios públicos, benefícios privados?	73
5. A inquisição do Feminicídio mata “bruxas”	77
6. Como o Brasil se tornou sadomasoquista	78
7. A República dos maus sentimentos	80
8. Brava gente brasileira! Longe vai temor servil!	83
9. Um país não é uma mercadoria	85
10. Contrato do Estado brasileiro contemporâneo	87
11. Há mistificações sobre o porte de armas	89
12. O porquê do #EleNão no feminino plural	90
13. O fascismo e o Tlön tropical	92
14. O ódio aos pobres está nas fontes da vergonha	94
15. A Baixa-elite é dona do formigueiro nacional	96
16. Racismo estrutural	99
17. Para que existe este país?	101
18. O revisionismo histórico como apologia ao Golpe de 64	102

<b>Educação</b>	104
1. A universidade e a banalidade do mal	105
2. A paixão pela leitura	109
3. A pesquisa que não se vê aqui é enxergada lá	110
4. Como a filosofia pode auxiliar a sociologia	112
5. Pequeno manual de pesquisa afetivo-metodológica	114
6. O artesanato da leitura	116
7. A sala de aula é o oráculo das culturas	118
8. O professor e a arte de ministrar aulas	122
9. A professora, o Pai Nosso e Hermes Trismegisto	126
10. A balbúrdia universitária e a secularização do saber	127

## Parte II – Quotidiano e midiocracia

1. Jornalismo crítico ou clínico?	131
2. A mídia e as metáforas sociais	135
3. A mídia e a palavra	137
4. Mademoiselle mídia e a promiscuidade com ditadores	140
5. A mídia e o animismo tecnológico	144
6. Mídia, luto e escatologia	146
7. A mídia e o paroxismo da indiferença	150
8. As regras nada elementares da vida midiática	152
9. Carnaval, mídia e paródia	154
10. O algoritmo é o oráculo do homem-midiático	157
11. Escatologias midiáticas e pandemia	160
12. Mídia, lives e pandemia	163
13. A mídia e a banalidade do mal	166
14. A mídia e a privatização da água	169
15. Mídia: direito ao discurso-livre	172

16. Jornalismo televisual político-judicante	175
17. O direito à mentira na era da pós-verdade	177
18. A ralé da mídia alimentada pela elite da ralé	179
19. Jornalismo a golpes de martelo	183
20. O jornal parecido com a TV	185
21. As desilusões iludidas e as ilusões desiludidas	187
22. Jornalismo caixa-de-Pandora	192
23. O cosmos e o caos no universo midiático	195
24. Jornalismo e literatura: escritas da vida cotidiana	197
25. O Carnaval, Rabelais, Bakhtin no desfile do Paraíso do Tuiuti	199
26. A vida de homens e mulheres jornalistas	201
27. Walter Benjamin viu Lula no Recife	203
28. O jornalista não é Homo Sacer	205
29. A persuasão midiática contra as universidades	208
30. Se Kant fosse jornalista?	209

## Prefácio

### Uma reverência a Wellington

Desde o início de março o professor Wellington Pereira me enviou uma compilação de seus artigos publicados na internet - no Facebook e compartilhados por meio do WhatsApp sob a denominação de “Rascunhos epistemológicos” - com a proposta de fazermos uma edição em livro pela Marca de Fantasia. Com entusiasmo, aceitei a proposta, tendo em vista que já comentara com ele sobre minha admiração por seus textos, ainda mais no formato em que se apresentavam: curtos, precisos, críticos, uns quase aforismos a tratar das coisas mais sensíveis do cotidiano, da vida da província à provinciana nação.

Surpreendentemente, no meio do percurso, com a capa do livro aprovada e a revisão dos textos avançada, Wellington me revela que o irmão estava com a covid19; dois dias depois ele mesmo me disse que também estava; mais dois dias, em 19 de março de 2021, venho a saber por amigos sobre seu falecimento em decorrência de complicações da covid19, bem como de sua companheira Lurdinha, dias depois.

Um sentimento de perplexidade, revolta e incompreensão me invadiu a ponto de me deixar sem palavras. No outro lado da linha telefônica, o amigo Júnior chorava e se desculpava por me dar tão triste notícia. O fantasma da pandemia chegava à porta de nossos gabinetes, já que a convivência com Wellington nos fazia todos pupilos e mestres, todos companheiros de um discurso inteligente e

criativo que nos ajudava a enxergar a vida em toda a sua potencialidade e desafio.

Fazemos nosso o desejo e as palavras sublimes da professora Sandra Luna, nossa colega de cátedra e de vida: “Quando tudo isso passar, quando já tiverem secado as lágrimas que estamos derramando por essa morte trágica - trágica no sentido mesmo formulado por Schopenhauer, isto é, trágica porque absolutamente evitável -, haveremos de nos encontrar para, juntos, celebrarmos a imortalidade já conquistada por Wellington através de seus belos versos, sua prosa erudita, sua crítica refinada, seu companheirismo, seu exemplo de pessoa digna”.

Wellington tinha me pedido um texto de apresentação do livro. Infelizmente, tive que fazer um que ele não viria ler, nem discutir ou festejar o olhar de um leitor atento de sua escrita.

Este livro póstumo é uma homenagem a Wellington Pereira, e, sobretudo, a realização de seu desejo de ver as crônicas produzidas na atualidade reunidas, que, em conjunto, ganham a dimensão de um ensaio, uma crítica contundente ao conturbado momento de insensatez que vivemos. Em sua melhor verve criativa e lucidez, este é um libelo que Wellington nos deixa para refletir, além do precioso conjunto de sua obra acadêmica e literária.

Henrique Magalhães

## Apresentação

---

**P**or que escrevo estes rascunhos epistemológicos? Por que abuso a paciência de amigos e seguidores virtuais com eles?

Respondendo a primeira questão, pela paixão que tenho pela leitura e escrita.

Para a segunda questão, respondo simplesmente: pela vontade de compartilhar algo que estou aprendendo, algo que não sei e considero mais importante do que sei.

Neste sentido, o título rascunho, algo provisório, passível de correção, de debates, dúvidas; epistemológico: conhecimento, teoria do conhecimento, métodos, desobediência metodológica. Assim, Rascunho epistemológico, conhecimento provisório, razão efêmera.

Queria agradecer às pessoas que curtem, compartilham e difundem os rascunhos pelas redes sociais. Mas também sou grato àquelas que corrigem meus erros, semânticos, sintáticos, conceituais.

Houve uma amiga, verdadeiramente, que fez a seguinte pergunta: você entende o que escreve?

A pergunta não foi maldosa, mas refletiu a defasagem de leitura que a minha geração enfrentou, sobretudo no tocante ao acesso aos livros e bons cursos para quem veio de um meio socioeconômico mediano, o que não é desculpa para não aprender a ler o mundo.

Outro amigo, me fez a seguinte admoestação: seus textos estão fora de contexto no Facebook. Uma observação importantíssima, vindo de um doutor acadêmico.

As opiniões refletem o que pensamos sobre as redes sociais: um lugar para se comunicar futilidades, a partir de uma linguagem pobre.

Uma jovem aluna, no esplendor de sua busca pelo conhecimento, me disse, de forma animadora: - Nunca pensei que este professor fosse usar as mídias digitais com frequência. É claro que me senti um *Dinossaurus Academicus*. Mas também compreendi, pois a questão focaliza uma dúvida ‘moderna’: a cada geração sua tecnologia? Mas ouse dizer: o que supera tudo isso é a paixão pela leitura, pelo conhecimento, pela busca de transformação do mundo através da palavra.

Uma coisa importante é escrever com autocrítica. Às vezes, essa autocrítica pode ser agridoce para que não se caia nos ardis do Eu antiCorpénico da academia universitária, na qual muitos sábios pensam que o conhecimento gira em torno deles. Essa ‘crítica agridoce’ tem herança na cultura judaica ou melhor, na cultura do povo que deixou a Babilônia e seguiu Neemias e Esdras.

Normalmente, se fala no humor judaico, mas a palavra exata é *chutzpá*, que poderíamos traduzir por: aprender a fazer crítica a si mesmo.

Há três coisas que são fundamentais nessa cultura *chutzpá* na produção de narrativas e textos: leveza, humor e autocrítica, de preferência agridoce. Mas isso não quer dizer autodepreciação ou medo de errar; aliás, quem tem medo de errar não escreve, como o sisudo professor capaz de amassar o texto dos alunos, mas sem coragem de assinar um texto jornalístico.

Ao entender a cultura *chutzpá*, aumentamos a nossa segurança em gerar oxímoros como expressão, pois a ciência ocidental, desde o Iluminismo, passou a odiar os rascunhos, os vasos auto corrigíveis da consciência.

Desde 2014, venho me dedicando à publicação cotidiana dos rascunhos que, na verdade, são uma extensão dos meus estudos e pesquisas sobre a relação entre mídia e cotidiano, tanto no Grupecj –

Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Cotidiano – UFPB – como no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (UFPB), no qual fui fundador da Linha de Pesquisa Mídia e cotidiano.

Surgida a possibilidade de parte do material ser editado pela Marca de Fantasia, prestigiosa editora do colega de cátedra e amigo, o professor Dr. Henrique Magalhães, procurei selecionar os textos menos factuais que pudessem sobreviver à temporalidade do factual. Assim, com muito orgulho, e alegria vejo os rascunhos editados pela Marca de Fantasia em formato e-book, como prova da resistência em pensar o Munda da Vida, a Vida cotidiana e a Cotidianidade de todos nós.

Wellington Pereira

João Pessoa - 20/02/2021



Parte I

# Cotidianidades

# Presenteísmo

## Odiai-vos uns aos outros

---

**D**ecepcionado com Bolsonaro? Faça isso, não!

Ele é a representação autêntica desse Brasil latifundiário, escravocrata.

Bolsonaro é o nosso Eu vergonhoso que pomos em funcionamento na calada do isolamento.

Bolsonaro é o Totem (sem Tabu) que a libido da agrimensória Capitania Hereditária exercita contra os de origem africana ou indígena.

Bolsonaro é a fina representação do Cristianismo ad hoc - com seu Deus particular exposto no mármore dos altares.

Bolsonaro honra todo o discurso de nossas elites. Por isto é autêntico, cria leis para defender o direito de estuprar as mulheres, empalar os trabalhadores, matar os negros para não manchar a fisionomia do Cristo hebraico com a hagiografia europeia.

Bolsonaro é o cara!

O homem do mal a serviço de todas as ambições de acumulação de mercadoria, de introjeção do desrespeito à Terra.

Vocês acertaram!!! Botaram para fora todo o ódio contra a harmonia universal, os direitos humanos - até mesmo o que o Iluminismo tentou empreender como parte da maioria intelectual dos homens: o Estado Moderno.

Que coragem!!! Bravo!!!

Depois de criticar todas as formas de Totalitarismo - com Estado ou sem Estado - a mídia brasileira apostou, mais uma vez, na Filoso-

fia do Dinheiro (ver Georg Simmel) e na Metafísica do Capitalismo de Mercado (o Paraíso dos agiotas).

Esse ídolo de vocês!!! Ele não perde tempo com o Pentateuco - com os rituais de imolação ou preparação do Templo de Javé: advoga logo o genocídio - como fosse um Ciro sem perdoar os judeus no exílio babilônico.

Bolsonaro diz que a Bíblia está acima do Estado. Mas que Bíblia? A dele, com seus sicários (os milicianos no tempo de Jesus) comandando a geopolítica.

Bolsonaro é, também, um grande faraó.

Para combater a Peste do Século XXI (Covid-19), do alto de seu trono mítico-miliciano, não convocou os sábios para combater a praga, mas os vendedores de armas e, com rebeldia demoníaca, expulsou José do Egito.

Vocês falsos cristãos, falsos poetas, falsos educadores, reitores impostores, belezas de víboras votaram no homem certo e criaram um novo país: Brasilódio.

Avante: odiai-vos uns aos outros!

09/12/2020

## Por que sou um fascista brasileiro?

---

No jornal Folha de S. Paulo, edição desta quinta-feira, 4 de outubro de 2018, Caderno Mundo, página A20, a jornalista Danielle Brant entrevista o filósofo norte-americano Jason Stanley, autor do livro *Como o fascismo funciona: as políticas do nós contra eles*.

Jason é professor da Universidade Yale (EUA) e estuda o fascismo a partir da propaganda e dos preceitos da teoria linguística.

O importante na entrevista de Stanley é a sinonímia fascista entre o presidente dos EUA Donald Trump e o candidato à Presidência do Brasil Jair Bolsonaro.

Na opinião do filósofo, ambos exercitam o fascismo, mas o candidato brasileiro é mais radical, porque usa a violência física como forma de difusão de seus poderes.

Quão perigoso é o fascismo. Mas alguns segmentos da sociedade brasileira não entendem que este jogo não é brincadeira: ele tortura, mata, aniquila pessoas e nega a condição humana.

O fascismo não respeita realidades.

“A única realidade que o fascista vê é a sua própria”, diz o filósofo Jason Stanley em entrevista à Folha de S. Paulo.

As fontes de nascimento do fascismo são remotas, mas Jason busca n’ *A República* de Platão uma das primeiras reações a esta forma de barbárie:

“Acho que Platão, em A República, está respondendo como a propaganda é usada pelo fascismo quando diz que (fascismo) é ‘tudo se trata de poder’ (sic)”.

Para o filósofo, no fascismo tudo é poder e força: a verdade e o conhecimento são fraquezas.

O poder, a força e a violência são opostos à justiça e à verdade, como atesta o filósofo norte-americano definindo o modus operandi do fascismo.

Se o que importa é a força, através da violência, para manter o poder, temos um candidato à presidência que cabe bem neste modelo, pois exercita, a cada fala, quer seja na TV quer seja nas mídias, ódio às garantias sociais.

As agressões a negros, pobres, homossexuais, mulheres e minorias étnicas são as tônicas da violência fascista identificáveis por filósofos, sociólogos e historiadores.

No Brasil, o fascismo ganha uma nova coloração política - herdeira de dois sistemas violentos, o latifúndio e a escravidão: o fascismo brasileiro é da ordem das posses intelectuais e materiais e subjetivas.

O fascista brasileiro não quer perder o poder de nomear as coisas (intelecto), dominar as temporalidades místico-religiosas (subjetividade) tampouco modificar o cio da terra (propriedade privada).

Dominadas estas assertivas, às vezes embrionárias, o fascista nascido das tradições escravocrata-latifundiária nunca se pergunta: por que sou um fascista brasileiro?

04/10/2018

## A servidão voluntária e o feio como categoria estética

---

Com o filósofo francês La Boétie, aprendemos o conceito de Servidão Voluntária aplicado à adesão dos estamentos sociais privilegiados aos poderes absolutos.

A mídia brasileira tem induzido boa parte da população assalariada - classe média - a se empenhar numa luta fratricida contra as garantias sociais conquistadas pelos mais pobres.

Parte desta classe média é contra o programa Bolsa Família, as universidades públicas, o SUS, o transporte público - e a liberação de juros baratos para o consumo em massa (contradição capitalista).

Muita dessa gente é contra crianças pobres serem alfabetizadas, porque elas ‘ficariam sabidas’ e recusariam quaisquer níveis de exploração.

O que temos no Brasil, por parte daqueles que se consideram vencedores na vida - esta é uma das falhas ontológicas - é a servidão ao ódio gratuito contra os que espelham as nossas categorias estéticas sem maquiagem - pois na pobreza o feio é feio, o belo é belo.

A prisão de líderes políticos que fizeram opção pelos pobres se dá - em primeiro modo - porque está estética barroca do feio atinge a estética asséptica e eugenista dos ricos que prega a aniquilação dos “incongruentes sociais”, os mais pobres, os ‘feios’.

As elites donas dos conteúdos midiáticos não suportam o Feio como uma categoria que tem valor social e estético, por isso querem eliminar do convívio social os mais pobres.

06/04/2018

## Onde estão os negros?

---

Quando Sartre – filósofo francês – visitou o Brasil nos anos 1960, numa de suas palestras para um público de caracteres europeus, fez a seguinte pergunta: “Onde estão os negros?”.

A voz fanhosa de Sartre até hoje deve martelar no cadinho de nossas sociologias, pois a pergunta é ferida aberta em torno de um projeto civilizatório à brasileira.

Sob a imposição de um Estado violento, a cidadania para os negros (homens e mulheres) ainda é um projeto precário que esconde preconceitos abissais, o que impede o jovem negro – em sua maioria – a avançar no processo educacional.

O 13 de maio de 1888 foi uma negociata comercial que fantasiou a liberdade dos negros escravizados, presos como espólios de guerras, vendidos no Brasil como ferramentas para as mãos dos grandes proprietários de terra.

Passados quatro séculos, não temos ainda uma resposta honesta à pergunta de Sartre: “Onde estão os negros?”. Porque no espaço público eles ocupam papéis secundários.

O Estado brasileiro trata o negro de viés, com um reserva de desconfiança que se faz violenta como o chicote do feitor.

Aos negros brasileiros – além da Casa Grande & Senzala – são reservados dois sistemas: 1) o sistema de anulação cognitiva; 2) o sistema de manutenção dos prazeres.

No primeiro sistema, aos negros – homens e mulheres brasileiros – são impostas as tarefas de manutenção da vida material, cujo lema é: onde tem trabalho mecânico chame um negro.

Ao segundo sistema, o negro é incorporado como provedor de gozos estéticos e sexuais: o negro sambista, jogador de futebol, o corpo sensualizado da mulher negra, força física das empregadas domésticas.

Os negros ajudam senhoras e senhores brancos na descoberta do gozo sem divã.

No sistema educacional – escolas e universidades – o preconceito é enorme, por isto a maioria dos jovens negros não se sente confortável em sala de aula.

O governo e a mídia brasileiros comemoram o aumento do número de alunos negros nas universidades públicas, o que realmente significa uma conquista. Mas esta é fruto de uma luta dos movimentos sociais contra o racismo e da maturação de políticas públicas nos governos de esquerda.

Não há uma preocupação do governo com a base, a formação de cidadãos negros nos ensinamentos básico e médio, porque estes continuam servindo – desde a adolescência como mão de obra barata e desqualificada.

Precisamos melhorar muito como nação para responder a pergunta de Sartre, uma das mais difíceis para as nossas vãs sociologias: “Onde estão os negros?”.

14/11/2019

## Ubuntu: negro sou!

---

Quem não vibrou com um gol de Pelé, foi às lágrimas com um solo jazzístico de Miles Davis.

Quem caminhou para além do fanatismo religioso apreendeu que Jesus era hebreu, que Cassius Clay se tornou Muhammad Ali em homenagem ao Islamismo africano.

Os lances geniais do basquete norte-americano, o tênis francês de Yannick Noah, o reggae de Bob Marley, o grão sonoro de Gilberto Gil, o ‘eu sou neguinha?’ de Caetano Veloso, a Chica da Silva de Zezé Motta recolonizando a libido do colonizador português.

A prosa elegante de Conceição Tavares, o conto abolicionista Pai contra Mãe, do negro Machado de Assis, as birras de Lima Barreto contra o futebol dos brancos ingleses transformadas em belas crônicas.

Tantos prazeres descritos. Mas todos são da Cultura-afro-mundial.

Mas se mata a cultura que nos dá prazer em nome racismo estrutural herdeiro de uma das mais perversas alianças: o racionalismo europeu (eurocentrismo) e o catolicismo-branco do Império romano.

O Ocidente nunca vai entender o que se constrói independente das cercanias mitológicas da Grécia.

Assim, não fomos preparados, com nosso saber instrumental, a entender a grandeza de outros povos.

Por isto, aproveitando fraturas sociais nos seios das tribos africanas, os europeus aceitaram comprar os derrotados em guerras tribais e forjaram a naturalização da escravidão humana em um modo

de produção, cuja principal ferramenta era a força física - na produção do ópio-europeu do século XVI, o açúcar.

Assim, hordas de homens e mulheres desembarcaram acorrentados nos porões dos navios europeus para trabalhar nas lavouras do continente americano.

Muitos desses homens e mulheres eram mais civilizados que os 'civilizados' e seus principados na Europa, pois traziam consigo estruturas complexas do ponto de vista da arte, língua e filosófica.

Como exemplo da complexidade filosófica da cultura africana, podemos pensar na palavra Ubuntu.

Ubuntu quer dizer: exercer a humanidade para os outros.

Portanto, toda vez que a violência urbana ou rural, perpetrada por um Estado genocida, se omite diante da morte de homens ou mulheres negras estamos nos distanciando dos ensinamentos legados pela Filosofia africana, deixando de aprender o significado da palavra Ubuntu na vida cotidiana de nossas comunidades negras.

Por isso, é bom escrever: Ubuntu: negro sou! Faço parte desta cultura afro-mundial.

22/11/2020

## Eu sou mulher

---

**P**assar a vida me defendendo do meu próprio corpo, porque a toda hora ele pode se saqueado. Esta é a minha metade Sísifo.

Isto começa na mais tenra idade.

Os meus seios não têm direito a crescer, tampouco às formas elípticas do vento.

As minhas coxas não podem engrossar, pois são confundidas com muralhas que devem ser violadas;

Os olhos devem ter escuridão - mas se trouxerem as cores do mar serão vendidos como 'olhos gregos'.

A minha bunda não pode ser sadia, redonda ou curva, pois se transforma na fantasia em fazer amor com o Minotauro.

A minha vagina é confundida com a Caverna de Platão, pois eles desejam penetrá-la para se esconder da luminosidade dos dias.

O meu corpo não tem alforria!

Quando gozam dentro de mim chamam isto de amor. Mas depois me batem, violentam, apagam o meu nome da espécie humana através da violência sexual.

Eu sou mulher.

Mas gostaria de ser uma menininha que todas as manhãs vejo - da janela do meu apartamento - conversando com o solitário beija-flor.

05/09/2020

## Para sair às ruas na pós-modernidade

---

**P**ara sair às ruas das cidades na pós-modernidade a nossa melhor guia é a sociologia do alemão Georg Simmel.

Simmel atesta que o homem é um ser que faz distinções.

Quando sai de casa, ao pisar as calçadas, o homem contemporâneo sofre as ‘intensificações nervosas’ provocadas pela velocidade das mudanças na economia, cultura e política.

As variedades constantes sofridas pela vida cotidiana provocam um vazio subjetivo no espírito citadino que estabelece, a cada mudança, uma nova forma de interpretar os signos sociais, mas tudo de acordo com o mesmo paradigma: a sociedade de consumo.

As cidades grandes ou de porte médio, como João Pessoa, Capital da Paraíba, criam ‘intensificações nervosas’ responsáveis por gerar um caráter racional que afasta os transeuntes das ruas - no caso de nossa cidade a falta de vias seguras para os pedestres - empobrecendo as caminhadas sensíveis pelo centro da cidade.

Em tempos oblíquos, uma cidade como João Pessoa, outrora decantada por sua ‘verdura natural’, vai se tornando uma cidade insensível aos apelos humanos, pois segue a tendência das metrópoles modernas: padronizar o comportamento das pessoas para que elas se adaptem ao fluxo dos automóveis.

Em seu ensaio, *As grandes cidades e a vida do espírito* (espírito como sinônimo de consciência), escrito em 1903, Simmel afirma que o habitante das grandes cidades (incluímos as em desenvolvimento)

usam a razão como órgão protetor contra o desenraizamento cultural provocado pela velocidade e fragmentação das ações, na lógica do ilógico, das sociedades de consumo.

09/10/2017

## O jazz, o rap, o conto e o ensaio: as formas formantes das narrativas cotidianas

---

**H**á formas narrativas que se interpenetram, embora cada uma exija uma “embocadura linguístico-musical”.

O jazz e o conto são duas formas narrativas nas quais o narrador se desmembra do núcleo inicial e cria novos, a partir de uma improvisação de margens semânticas, até o retorno para mostrar que a ideia inicial se recupera de forma dialógica, ou seja, juntando os estilhaços micronucleares às margens das improvisações.

Tanto o contista (no sentido da escrita literária) como o músico jazzístico têm pleno domínio da resiliência de suas narrativas, por isso não teme o improviso.

No Jazz ou no conto o eco narrativo estabelece uma espécie de eco semântico que promove as articulações entre o núcleo central narrativo e suas ‘marginálias’ - notações à margem que são claves cognitivas pontuando a sonoridade da imaginação.

No rap e no ensaio, o ritornelo pontua o processo, pois o desenvolvimento de uma temática se efetiva de forma metalinguística no processo narrativo sem dar importância à conclusão temporal.

Os compositores de rap e os ensaístas (de quaisquer áreas do conhecimento) colocam suas narrativas como saberes espirais - a forma da Métis grega - nos quais o dizer está em consonância com o espaço-estético que cada objeto ocupa em um determinado contexto.

Poderíamos pensar, para efeito didático, o jazz da cantora Rosa Passos e a literatura jazzística de João Gilberto Noll, os ensaios de Montaigne e o rap de Mv Bill, assim poderíamos verificar, pedagogicamente, como estas narrativas cotidianas são profícuas em revelar as formas formantes do cotidiano.

17/03/2018

## Raul Seixas e o Bhagavad Gita, a canção

---

Quem lembra da famosa e bela canção Gita (1974), composição de Raul Seixas e Paulo Coelho?

Depois de anos e anos, ouvindo em épocas diferentes esta canção, cuja primeira vez foi em Sumé (PB), na casa do meu amigo, o educador José Medeiros (DUDA), podemos dizer que a canção nos proporciona uma caminhada poética pelo Bhagavad Gita, o poema que faz parte do Mahabharata, epopeia do povo indiano.

Gita, como na releitura de Raul e Paulo Coelho, é a demonstração das forças de ação do homem que unem a passividade e a agressividade.

Na passividade, o peso dos carmas - das energias herdadas; na agressividade, a violência na busca da superação do vivido.

Mas na bela voz de Raul Seixas, em um dos momentos modais da canção, entendemos que há um apelo ao desapego, pois esta é uma das grandes lições do Bhagavad Gita: desapegar para ser livre.

Uma visão cósmica para o mundo da vida é o que nos fornece esta releitura da Bhagavad Gita na forma de canção composta por Raul Seixas e Paulo Coelho - desde 1974.

07/12/2020

## Cantar um hino de guerra não basta!

---

La nouvelle vague (a nova onda) não é mais a expressão usada pelos franceses para se referir ao movimento cinematográfico que levou o Cinema francês ao topo da Sétima Arte no mundo.

Nouvelle vague é a denominação que os franceses estão dando ao ressurgimento da Covid-19 no país.

Ontem (hier), morreram 536 franceses vítimas da contaminação por Coronavírus. Os dados alarmam as autoridades sanitárias, políticos e empresários por toda a França.

Hoje (aujourd'hui), 28 de outubro de 2020, o presidente Emmanuel Macron falou aos franceses, através de um pool de emissoras de rádio e TV, da necessidade de adotar novas medidas (restritivas) no combate ao Coronavírus, pois o problema é a velocidade com que o vírus vem se propagando – muito mais forte do que em março deste ano.

La nouvelle vague da Covid-19 na França talvez caiba num enredo de um filme de Truffaut (A noite americana?) mas está mais próximo d'Os pássaros, obra do mestre Hitchcock: hospitais que voltam a ter leitos indisponíveis, crianças e jovens acometidos por síndromes desconhecidas, índice de mortalidade em pico; cenário de terror psicológico e físico.

Nos hospitais parisienses faltam enfermeiros – e o governo começa a requisitá-los nas cidades do interior – pois é uma categoria essencial no combate à pandemia.

O cenário é de filme de horror – porque o terror vai sobrar para os países mais pobres nesta nova fase da pandemia.

Se no Brasil, o governo tenta dismantelar o SUS – Sistema Único de Saúde – o que trata dos mais pobres, podemos pensar como ficará a nossa situação, porque a nossa consciência cidadã não respeita a Constituição, apenas os ardis políticos.

O certo é que a República Francesa, protagonista de tantas lutas, justas e injustas contra povos e suas nações, sabe que neste momento não adianta cantar um hino de guerra como a Marselhesa (“às armas cidadãos”), é preciso investir em ciência, saúde pública.

Pratiquemos o cuidado-de-si, antes que este governo brasileiro aventureiro nos imole em nome do Deus-mercado.

28/10/2020

## O Future-se, Heidegger e o nazismo

---

Se fosse vivo, Heidegger - um dos mais controversos filósofos do mundo moderno – estaria completando 130 anos (impossível para o ser humano) no dia 26 de setembro.

Autor de um dos mais importantes livros da filosofia, *Ser e tempo*, Heidegger - nascido em 1889 - ainda hoje provoca admiração e ódio por parte de acadêmicos e estudiosos diletantes.

A admiração se dá por conta da originalidade de sua obra, a partir da descoberta-criação do Dasein - o Ser-no-mundo, como diz o sentido comum: para afetar e ser afetado.

O ódio por conta de sua adesão ao Nazismo, negando toda a possibilidade de libertação do ser, do ponto de vista do social, a partir da imanência filosófica, sem oferecer a transcendência religiosa.

Como o Brasil vive, neste momento, um período que se aproxima da violência cognitiva dos nazistas contra as universidades públicas, nada mais interessante do que lembrar o discurso de Heidegger, em 1 de maio de 1933, quando foi nomeado por Hitler reitor da Universidade de Freiburg (Alemanha):

“A regra de sua vida não são teoremas nem ‘ideias’. O Führer e somente ele é a realidade alemã e sua lei, de hoje e do futuro”. In: EILENBERGER, Wolfram. *Tempo de mágicos - a grande década da filosofia-1919-1929*.

O título do discurso da posse de Heidegger como Reitor de Freiburg é *A assertividade da universidade alemã*. Mas o que chama a

atenção é colocar no Führer-Hitler o futuro da universidade alemã dos anos 1930.

Por analogia, o Future-se tem precedentes históricos ancorados na morte das universidades pelo Nazismo e o ódio à liberdade na produção de conhecimento.

05/09/2019

## Freud, o totalitarismo e a arte do chiste

---

**F**reud era um mestre do chiste - do dito espirituoso, do trava-língua (em alemão, imagine!) ou algo como o trocadilho, uma arte dos poetas nordestinos.

No verbete “chiste” do Dicionário de Psicanálise - Elisabeth Roudinesco e Michel Plon - os autores chegam a afirmar que Sigmund Freud tinha paixão pelo chiste e colecionou-os ao longa da vida. Mas o chiste mais famoso e criativo de Freud se deu quando ele teve que assinar, sob coação, uma declaração pela qual reconhecia que os funcionários do partido nazista o tratavam com respeito. Freud, aproveitando-se da ocasião, escreveu: “Posso recomendar cordialmente a Gestapo a todos”. Depois teve que abandonar a sua bela e amada Viena. Com a licença dos arautos do impeachment, poderíamos produzir um chiste ou um ‘trava-democracia’ à la Freud: “Posso recomendar cordialmente Temer a todos”, depois colocar a estrela amarela no braço e fugir para um gueto digital.

17/05/2017

## Goethe e Macunaíma regem a mesma estética

---

Podemos ter perdido o título, mas não perdemos a Copa.

O povo brasileiro vai continuar a fazer a festa.

O nosso futebol está superado, mas as nossas atitudes críticas evoluíram.

Hoje, dependemos menos das dubiedades políticas, das opiniões publicadas contra a opinião pública, e a nossa crítica à sociedade que esmaga o social é feita diariamente nas redes sociais.

Os donos da informação temem, cada vez mais, o “religare digital”. Os jornalismo não são mais os super-heróis atravessadores de fatos socioeconômicos. E os políticos? Estes têm servido de mau exemplo de um dos 3 pilares da Filosofia, a ética (os outros dois são a teoria e a sabedoria).

O futebol continuará sendo para a sociedade brasileira uma espécie de Pharmakon de Platão - o veneno remédio, como bem o definiu José Miguel Wisnick em livro homônimo. Mas podemos empregar as nossas sensações estéticas dedicadas ao futebol a outros setores como a educação. Educação no sentido do Complexus, etimologicamente vindo do latim; a capacidade em realizar conexões.

Temos muito o que aprender com a técnica futebolística e suas riquezas táticas, que o povo alemão, herdeiro dos maiores estetas nas artes, música, pintura e literatura, hoje nos demonstrou através do futebol (Alemanha 7x1 Brasil, 8 de julho de 2014).

A riqueza estética no futebol poderá nos ajudar a pensar a educação universitária conectada com outras áreas do conhecimento, geometria, astronomia, matemática, aritmética; gramática. Lógica e retórica, o Quadrivium e Trivium dos gregos. E não ensinar informática dissociada da gramática ou da estética.

As nossas universidades têm demonstrado ser trágicas sem catar-se - apenas reprodutoras de racionalismo de segunda mão.

O Futebol nos ensina, nesta Copa de 2014, que é preciso ser inventivo e organizado para não cair na boçalidade dos exegetas do Eu.

Assim, vamos lamentar a derrota durante uma partida de futebol, mas não confundi-la com derrota social.

Os alemães jogaram uma partida exemplar, digna de reparar as dicotomias entre racionalismo e empirismo. Trouxeram a imaginação de seu povo e (como mostraram as reportagens de TV) quiseram aprender o nosso - inclusive contratando professores de capoeira para seus jogadores.

Isso foi uma das mais belas lições que aprendemos: primeiro compreender para depois emular, foi o que os alemães fizeram em relação ao nosso futebol. Goethe e Macunaíma jogam na mesma estética, sem relativismos.

08/07/2014

## O Coronavírus desmascara o capitalismo

---

O Coronavírus, a mais perigosa pandemia depois da Peste Negra – em 1348 –, questiona o mercado de indulgências dominado pelo capitalismo midiático, a farsa dos banqueiros reis taumaturgos, travestidos de políticos, que dizem curar com a tibiez de suas convicções capitalistas.

O capitalismo criou a técnica para enfeitiçar seres humanos: o fetiche da mercadoria.

Cada mercadoria traz fetiche àqueles que consomem?. Por isto, quanto mais cara a mercadoria maior o seu fetiche.

Os cidadãos que podem provar o fetiche de mercadorias de luxo, produto *haute de game* – como dizem os franceses – se sentem próximos do Olimpo, por isto não é à toa que produtos são nomeados com deuses gregos ou latinos.

A população de classe-média que habita países na periferia do capitalismo (como o Brasil) se espelha na ascensão social das classes mais abastadas? dos países verdadeiramente capitalistas (EUA, Inglaterra, Coreia do Sul, Canadá, Japão), através do consumo.

Algumas mercadorias servem de senha para alcançar o ‘maná’ da ilusão capitalista, como é o caso do automóvel.

Alguém já teve ter escutado de um amigo ou parente: “Meu filho está morando nos Estados Unidos e no primeiro ano de trabalho comprou um carro zero”. Euforia que disfarça os ardis da sociedade capitalista.

Evidentemente, o automóvel é a mercadoria símbolo da sociedade de massa, consumista, que não respeita a esfera pública, tendo no individualismo a combustão para as ilusões da felicidade privada.

O automóvel é *mot de passe* (senha) para desistirmos de salvar a expressão tornada cara pelo Cristianismo “urbi et orbi” – da cidade para o mudo, porque o que vale é sentar em algum trono do consumismo – mesmo que seja de plástico.

Mas com esta pandemia da Convid-19, o jornalismo da CNN Brasil tem demonstrado a falência do sistema sanitário e educacional dos EUA – muito antes do Coronavírus.

No sistema universitário estadunidense, alguns dados chamam atenção:

1) Nos EUA 3 entre 4 universidades são públicas, mas recebem os piores financiamentos; 2) 33% dos universitários não têm dinheiro para se alimentar nos campi; 3) os contratos para a docência não são vitalícios, o que cria uma diferença salarial estúpida entre professores numa mesma universidade; 4) a maioria dos alunos universitários não tem acesso a internet de boa qualidade – sequer pode acompanhar as aulas virtuais; 5) os alojamentos universitários, com algumas exceções, são precários.

Este primeiro mundo – quer na Europa, quer na América do Norte – é para poucos – pois a maioria não tem acesso a bens primários, como boa moradia, saúde para todos.

## Covarde, quo vadis?

### A construção da servidão voluntária brasileira

---

**H**á livros cujo título, invariavelmente, nos conduz a uma reflexão filosófica.

O livro de Étienne de La Boétie, *A servidão voluntária*, já no título nos faz pensar nos antônimos da liberdade.

La Boétie foi um filósofo francês que nasceu na região do Périgord, na França, em 1530, e morreu muito jovem, aos 33 anos, aos 33 anos de idade.

Étienne foi um garoto prodígio que se dedicou ao Direito e ao estudo das línguas, tendo sido considerado um gênio nas escolas jurídicas da França, sobretudo na Universidade de Orléans, como também na Universidade de Bolonha (Itália), a universidade mais antiga do mundo.

Por seu talento jurídico, dominando em várias línguas, desde muito jovem, sobretudo o latim, Boétie ocupou cargos importantes na Corte francesa, sendo conselheiro de Bordeaux e representante francês no exterior.

Mas o que nos interessa neste artigo não é traçar um perfil de Étienne de La Boétie, mas discutir a atualidade do seu ensaio *A servidão voluntária*, obra que deixou a cargo do seu grande amigo Michel de Montaigne para ser editada.

Ao reler a obra de La Boétie senti que boa parte dos eleitores brasileiros foram ‘levados’ – e isto pode ser visto como uma das pragmá-

ticas do Regime republicano, mas especificamente da República de coalizão no Brasil – a acreditar – por conta dos confrontos acirrados com a esquerda – em um salvador-justiceiro, armado e com licença para matar, a mesma que a Rainha da Inglaterra concedeu a 007.

Uma das questões que podemos extrair do texto d'A servidão voluntária é: como depois das agressões proferidas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro contra instituições, Ongs, trabalhadores, e militantes pelos Direitos Humanos metade do Brasil permanece calada, e grande parte da mídia – jornais, emissoras de TV – apenas anuncia os fatos sem nenhuma reflexão crítica – com exceção do The Intercept.

Quem cala consente! Amanhã poderá não haver mais tempo para recuperar algumas garantias sociais conquistadas com muita luta por vários setores da sociedade – de forma mais enfática por trabalhadores e categorias profissionais que respondem, diretamente, pelo equilíbrio social no combate às desigualdades.

Por que aceitamos tantas agressões? Ainda guardamos ódio e rancores do outro ideologicamente diferente? Mas agora o atrevimento do presidente passou dos limites, como bem enunciou o ministro Celso de Melo, decano do Supremo Tribunal Federal (STF).

O presidente agride até seus aliados no 'passé composé', prática uma misoginia de porta de botequim, fazendo gracinhas com as mulheres – como o fez na Arábia Saudita, afirmando que toda mulher gostaria de passar uma tarde com um príncipe – quando na verdade era ele que teria um compromisso diplomático com o monarca.

Até quando suportaremos essas agressões? Serão mais quatro anos de opróbio e humilhações no campo da saúde, educação, moradia, segurança, desastres ambientais?

Eu não entendo o nosso estado de catatonia diante deste político eleito pelo voto direto, mas que governa como um Rei-Leão entre

hienas, como ele denominou algumas instituições, imprensa e políticos ‘inimigos’. Mas esta era a mesma dúvida de La Boétie no séc. XVI, vejamos:

“Agora gostaria apenas de compreender como é possível acontecer, que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações, suportem às vezes um único tirano, que só tem o poder que lhe outorgam; que não em poder para ofendê-los, senão; que não saberia fazer-lhes mal algum, senão que preferam suportá-lo a contradizê-lo.(..) surpreender-se de ver milhões e milhões de homens servir miseravelmente, subjugados por ele (...)”. Étienne de La Boétie in A servidão voluntária.

Como La Boétie eu também não entendo o porquê do medo paralisante diante dos atos do governo mais despreparado da história da República brasileira.

Mas talvez a base desta nossa servidão não seja apenas o medo da tirania dos milicianos que dominam as cidades e parte da administração pública através de autoridades públicas venais: ela pode estar enraizada no ódio geométrico às faces da pobreza que agridem o ideal pequeno burguês daqueles que, em um País como o nosso, acham que venceram na vida, são superiores aos menos escolarizados ou aos personagens da canção de Belchior: “Um preto/ um pobre/ um estudante/ uma mulher sozinha”.

O modelo da Servidão Voluntária na pós-modernidade é: aniquilar o outro para que ele não me sirva de arquétipo.

Por isso, lembrando da resistência dos atenienses dominados pelos lacedemônios (espartanos) depois da Guerra do Peloponeso, caberia perguntar aos medrosos: Covarde, quo vadis?\*

\*Quo vadis? (Para onde vais?).

## A realidade: game over

---

A vida é um jogo!

Portanto ninguém vence na vida ou vence a vida – pois se assim proceder é passível de morte. E morrer não é uma vitória ou derrota diante da vida, mas um acidente hormonal, fisiológico ou estético.

Mas na sociedade de consumo surge uma nova forma de jogar com a vida: matar as paixões de longa duração através do entretenimento.

O entretenimento é um campo de saberes aperfeiçoado pela modernidade que transformou a vida nas sociedades ricas e ‘desenvolvidas’ em um grande espetáculo.

As formas do entretenimento, no mundo pós-moderno, superaram os conflitos teológicos e não admitem mais cristãos sendo entregues aos leões nas arenas romanas; autenticando os elos entre o imperador, o gozo popular e a política.

Com o advento das mídias pós-modernos (digitais e cinéticas), o domínio do gozo popular por parte de instituições que controlam o lúdico se tornou mais sofisticado, pois o alvo é dominar os deuses que regem as paixões cotidianas.

Contemporâneo de Santo Agostinho, o teólogo Macróbio (o corretor quer forjar micróbio) dizia que o homem medieval não saía de casa sem os quatro deuses: Daimon, Tiche, Eros e Ananche (O Demônio, a Sorte, o Amor e a Necessidade): os reitores dos desejos humanos – sobretudo o Daimon que, antes do significado negativo

dado pelo Cristianismo , representava a consciência humana, como o Daimon socrático.

Mas a grande desconfiança é que os deuses das Saturnais de Macroúbio tão bem retratados no livro do filósofo italiano Giorgio Agamben, *A aventura*, Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2018, estão sendo vencidos por uma nova forma de criar deuses para reger a vida cotidiana: o entretenimento.

O entretenimento se tornou uma nova arma de controle dos afetos nas sociedades de consumo – uma maneira de matar as paixões d’alma – no melhor estilo cartesiano – e implementar um sistema de rodízio de sensibilidades.

O entretenimento é um modo de produção de mercadorias, mas também de aniquilação das diferenças antropológicas na história dos jogos de cada povo. Por isto, devemos ficar atentos às observações feitas por Byung-Chul Hah, em seu livro, *Bom entretenimento: uma desconstrução da história da paixão ocidental*, Petrópolis (RJ), Editora Vozes, 2019.

O que Byung-Chul nos alerta, logo no prefácio, é quanto ao problema da ‘game-ficção’ da história do Ocidente, em nível de escala industrial, que mata a paixão pelo lúdico (tema caro a Huizinga – em seu livro, *Homo Ludens*), porque os apaixonados pelo jogo devem buscar o desempenho sem a preocupação com o Pathos – a emoção – ou mesmo com Eros – o amor – no caso a paixão pelo jogo.

“Hoje, porém, mesmo o jogo é submetido à produção. Ele é gamificado”. Essa assertiva de Byung-Chul demonstra que o entretenimento é uma das etapas das sociedade pós-industrial -esta do capital especulativo (que não produz, mas vive de agiotagem entre as nações) e escolhem como forma de evidenciar a ‘paixão’ pelo jogo o

desempenho sem nenhuma ligação histórica com a sociedade à qual o cidadão permanece.

O simples entretenimento em espaço público, hoje, é mensurado por olhos mecânicos que procuram performances de alto desempenho para alimentar a mídia em busca de um daqueles quatro deuses das Saturnais de Macróbio, Ananche – deusa da necessidade – capaz fabricar ídolos rentáveis, cuja exploração não obedece sequer aos limites do corpo humano.

A lição aprendida com a leitura do livro de Byung-Chul é a seguinte: estamos perdendo a capacidade de exercer o hedonismo de forma pura, buscar nos entreter com paixão sem querer transformar a realidade em Gamer Over, um efeito especial de formas de entretenimentos industrializados.

## Deus é a natureza, a Natureza é deus

---

Os deuses deram aos homens o saber racional, ignis, o Deus do fogo roubado por Prometeu, mas em sua forma inicial, a razão.

Mas nenhum deus, do Oriente ao Ocidente revelou a força da Natureza sobre a fragilidade do organismo humano.

Por isto, desculpem o desabafo, convivemos com tantos FDP's - independente de gêneros - e nossas vidas se tornam facilmente amargas.

No exercício de nossos ofícios somos, com raríssimas exceções, envolvidos em intrigas, invejas, vaidades venenosas, mediocridades transformadas em armas, mau-caratismos ad hoc, beijos com a saliva de víboras, tudo isso gerado por aqueles que, às vezes, se consideram humanistas, portadores de um saber acadêmico - cujo objetivo maior é a promoção do Ego.

Nas sinecuras públicas, nas repartições viciadas dos poderes, os senhores da ferrugem estufam o peito: cantam um hino despótico, no qual o estribilho é trama, covardia, mentira, estupro de consciências.

São os reis dos Instantes Transcendentais - forjados nas tramas da covardia, uns imbecis de carteirinha que encontramos por aí à fora nas instituições da vida.

Aí vem um vírus, invisível à razão, potente contra a natureza humana e mata a todos: sem tomar conhecimento de seus reinos de sabedorias artificiais, riquezas materiais.

Esses Filhos da Puta - com anel de doutor ou título engomado em diplomas acadêmicos não sabem que a força da Natureza nunca será

revelada pelos deuses, pois como disse um maluco beleza do século XVII, o filósofo Spinoza: “Deus sive Natura”, Deus ou Natureza.

Deus é natureza. a Natureza é Deus, seu babaca!

06/12/2020

## Banalidade do mal, perdão e promessa: Covid-19

---

Nesses tempos de homens sombrios, como nos alertou Hannah Arendt, é necessário fazer a recapitulação de alguns conceitos que ferem o social, mas revelam as nuances do comportamento humano.

A obra da filósofa de origem judaica-alemã Hanna Arendt destaca três conceitos que servem como marcos teóricos para a compreensão do social neste momento de pandemia da Covid-19: 1) Banalidade do mal; 2) Perdão; 3) Promessa.

A Banalidade do mal é um conceito criado por Hannah Arendt depois de cobrir – como jornalista convidada pela revista New Yorker (EUA) – O julgamento de Eichmann em Jerusalém (que se tornou livro).

Eichmann, o bom pai de família, excelente funcionário público, não era antissemita declarado, mas foi o oficial nazista encarregado de enviar milhões de judeus para as câmaras de gás na Shoah (o Holocausto para os judeus).

O julgamento de Eichmann foi montado com base, também, no Direito Canônico que vê o Mal como pertencente ao campo teológico. Mas Arendt percebeu que era preciso deslocar este ‘Mal’ da noção de pecado e vê-lo como uma das técnicas do Nazismo, no qual os homens são meros executores de tarefas burocráticas capazes de aniquilar seres humanos.

Hannah Arendt surpreende os analistas sociais ao afirmar que o mal não está em Eichmann, mas na burocracia totalitária que coloca a banalidade do mal como uma técnica de fortalecimento do Estado.

Assim, a banalidade do mal estaria para os estados totalitários como a sociedade de consumo para o espetáculo.

Hannah Arendt desloca o mal do campo teológico para as técnicas linguísticas utilizadas pela linguagem do II Reich, o que leva a pensar sobre o Negacionismo da vida diante da pandemia da Covid-19 por políticos como Trump e Bolsonaro.

Se havia uma tendência a pensar o mal absoluto no tocante aos problemas da maldade humana, enquanto pecada original, Hannah Arendt demoveu esta assertiva ao explicar que os estados modernos promovem o ‘mal estrutural’ para a legitimação do qual contribuem a economia de mercado, o belicismo e a cultura do culto à personalidade de líderes políticos.

O mal se torna high tech – elemento de uma semiótica cujos símbolos estão sempre invertidos em relação às liberdades individuais e às crenças na alteridade social.

Para Hannah Arendt, a banalidade do mal no mundo moderno é sistêmica – algo que poderemos ler a partir da Sociologia compreensiva de Max Weber e Alfred Schutz.

O perdão é um conceito não menos importante na obra de Hannah Arendt, pois ele significa liberdade diante do algoz escolhido por nossas falhas ontológicas, violências geradas por nosso desejo desmedido de vingança contra quem feriu nosso império.

A influência de Santo Agostinho – que foi objeto de análise da tese de doutorado de Hannah Arendt – O Amor em Santo Agostinho – é quase um lugar comum, haja vista a percepção de Hannah do perdão quanto sinestesia renovadora dos espaços sociais, capaz de diminuir o número de atritos físicos e metafísicos que atrapalham o exercício pleno da cidadania.

Perdão em Hannah Arendt é renovação constante do espaço público!

A promessa é o conceito que, na obra de Hannah Arendt, revela seu percurso didático-metodológico pela Fenomenologia de Husserl, Heidegger, Edith Steiner (discípula de Husserl - depois canonizada pelo Vaticano - Santa Edith).

A promessa em Hannah Arendt tem o sentido do engajamento social, dentro daquela tradição das relações entre Javé, Moisés e o povo hebreu no cumprimento da Aliança simbolizada pelo Arco-Íris.

Não vimos, por parte da maioria de nossos governantes, promessas que nos ajudem a atravessar o Deserto da Quarentena e acreditar que haverá alguém que nos conduzirá em segurança na travessia do Mar Vermelho de mortes pela Covid-19.

Por tudo isto, seria bom se as novas gerações e os educadores discutissem o belo livro de Hannah Arendt – A condição humana – para construir a compreensão afetiva do que podemos ser em tempos de pandemia.

02/10/2020

## Amizades e afetos

---

**P**ara que servem os amigos?

Com a proximidade dos festejos de final de ano, a pergunta feita por Aristóteles aos gregos - há mais de 4 séculos a.C. - permanece atual.

Aristóteles, em seu livro, *Ética a Nicômaco* (dedicado a seu filho) classifica a amizade em três tipos: 1) aquela que surge na busca pela diversão, cujo interesse é o prazer individual; 2) as amizades que prefiguram relações estratégicas, ou seja, o prazer da convivência depende dos fins a serem alcançados; 3) a amizade verdadeira, a que estabelece uma convivência com base nos afetos positivos e negativos.

No convívio institucional, as amizades estratégicas são exercitadas com acuidade, num jogo de xadrez que não tem fim.

Na escrita da vida pós-moderna, tecida por sábios senhores e tauturgos do aqui e agora, a amizade “lúdica” se prolonga como extensão do trabalho, determinando o lugar de cada peça no jogo da sobrevivência.

Restam-nos a náusea e a esperança de encontrar, aos 59 minutos do segundo tempo, uma amizade verdadeira para o ano novo a ser iniciado.

Mas como esperar algo bom e belo se todos estão vulneráveis?

É aí que a bola passa de Aristóteles a Spinoza, o filósofo do século XVII.

Spinoza mostra em sua *Ética - Parte III* - que toda esta busca em prol de um bem-estar que tenha complacência dos outros - firmada

na alteridade - depende da forma que exercitamos o affectus social - a nossa maneira de afetar e ser afetado pelo mundo, pelas pessoas em volta de nossa convivência.

Neste sentido, os amigos verdadeiros - algo como o Ápeiron de Anaximandro - todos sabem que existe, mas ninguém ousa provar - aparecem como a geometria espacial de Jorge Luiz Borges (o genial escritor argentino): o ponto está na superfície, o centro em nenhum lugar e a margem em todo canto.

A amizade não é romance, prosa dita, mas dialogia: conjugando os momentos bons e ruins - não apenas os que foram superados na euforia dos pódios.

A amizade não se destina a mostrar a harmonia na totalidade, porque assim falsa seria. Ela é a forma retirada em meio às formas invisíveis do gozo ou do desespero. Por isto, não tem forma fixa - pode variar de acordo com a troca de afetos, do mais grotesco ao mais sublime.

18/12/2018

## Uma rosa para Chomsky

---

Chomsky é um dos maiores semióticos (estudioso das linguagens) contemporâneo.

Uma voz dissonante nos EUA que tem grande influência nas medidas políticas do congresso norte-americano em relação aos desfavorecidos.

Chomsky é Professor do MIT (um dos maiores institutos em pesquisas tecnológicas do mundo). Ele está no rol daqueles cientistas e artistas vigilantes da democracia, o que o tornou uma pedra no sapato dos governos de Bush e Trump.

Por que o cientista nascido no país mais rico e poderoso do mundo, trabalhando em um instituto com verbas mais que significativas para o desenvolvimento de novas formas de saber, se preocuparia com Lula, um preso político na América do Sul.

Porque o que une as ciências e as artes é o sentimento humano contra atrocidades desumanas.

Por que um cientista norte-americano famoso sairia de sua comodidade material e intelectual para visitar Lula na cadeia? Porque o mundo não se embrulha como mercadoria e não se vende falsificando as relações humanas.

Os céticos e deuses do niilismo de cátedra podem argumentar: mas isso é coisas de comunista norte-americano!

---

\* Chomsky, linguista norte-americano em visita a Lula.

Este argumento seria positivo se fosse verdadeiro. Assim, o Capitalismo nos EUA teria superado a ganância estrutural que engole a subjetividade humana.

Chomsky, enquanto cientista da linguagem, conhece as armadilhas dos discursos produzidos pelo Leviatã (o monstro bíblico que representa o Estado e a mídia, por isso acredita no imaginário do povo.

Obrigado por esta visita, Chomsky.

Uma rosa para Chomsky, pois, parodiando o poeta, “vi que és um homem lindo/mas se acaso a sina desse país não nos ilumina/perderemos nossas lágrimas cristalinas?”.

20/09/2018

## Elogio da alegria

---

**A**legria para a filosofia é uma força que rege a potência humana de afetar e ser afetada pela natureza.

Estar e ser alegre é uma construção social que implica no reconhecimento da qualidade dos afetos que exercitamos na convivência com outros seres humanos.

“Ser feliz é o que se quer”, diz uma velha canção. Mas este querer diz respeito à capacidade de redefinir as energias que entram e saem de nossos corpos, o que seria a potência vital.

Essa potência vital, à qual nos referimos anteriormente, o filósofo do século 17 Spinoza denomina conatus.

O conatus nada mais é do que a força reguladora de nossas energias em interação com a sociedade e o meio ambiente.

A alegria é uma energia que se exerce de um estado menor para um maior nos momentos de atenção aos fatos sociais e aos sentimentos humanos.

“... Melhor ser alegre que ser triste/pois a tristeza é a pior coisa que existe...”, canta o poeta Vinícius de Moraes numa de suas canções mais populares. Realmente, a tristeza é energia menor, conatus baixo - para Spinoza.

Então, podemos pensar que a alegria é uma manifestação de reconhecimento de nossas forças interiores que devem estar em sintonia com a natureza: meditar, cantar – produzindo sons – saber dormir, valorizar a água e os frutos da terra.

Mas toda a alegria é uma forma de liberdade laica em um Estado no qual a consciência das pessoas é livre.

Assim, Spinoza escreveu o terceiro capítulo de sua *Ética* – um dos livros mais importantes da Filosofia – até mais – para mim – que a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles – porque uma ética da alegria fala da celebração da vida, do reconhecimento dos valores negativos ou positivos, como afirma Nietzsche – outro filósofo da alegria – ao utilizar o conceito de *Amor fati* (amor à vida do jeito que ela é).

“Pois sem você, minha alegria é triste...”, o que este belo verso de Roberto Carlos tem a ver com a *Ética* de Spinoza? A constatação de que existem afetos tristes, como o medo, por exemplo – entendendo aqui afeto como *affectus*, ou seja, tudo aquilo que nos afeta e a nossa capacidade de afetar o mundo em que vivemos.

Parodiando os Tropicalistas da Música Popular Brasileira, diria que a alegria – enquanto ética do bem-viver – nunca exigirá a prova dos 9... pois a alegria não se doma, como nos ensina a maravilhosa filosofia de Spinoza.

07/10/2020

## A lua e o bêbado de chapéu-coco

---

Vem do francês La Boétie o conceito de Servidão Voluntária.

Boétie, amigo de outro não menos famoso ensaísta francês, Montaigne, nos instiga a pensar como o país que até a década de 1950 ainda era rural-urbano se tornou rico e covarde.

Este país se ajoelhou diante das elites agrárias que formaram seus filhos para controlar a religiosidade, padres, melhorar a saúde dos ricos e poderosos senhores da cana e eito, médicos, outros, com a responsabilidade de criar leis para preservar o latifúndio e a escravidão.

Esse país ainda se chama Brasil. Mas suas elites ainda são as mesmas.

A novidade é que a massa de explorados e miseráveis voltou a crescer e, com o cinismo republicano, não se fala sequer como os ditadores militares: inchar o bolo para dividir, independente do câncer social causado por aquele fermento.

Os 43 novos bilionários brasileiros, que tiveram seus nomes recentemente divulgados por uma revista estadunidense (sempre eles como o alter ego de nossas elites) têm exércitos, religiões, escolas e, pasmem, até mares e terras em grandes quantidades. Mas tudo é privado.

Eles são os corruptores, os pobres; os corruptos.

A classe média participa dessa ópera através de sua servidão voluntária.

Ela age como um filtro entre os imaginários da classe dominante e o dos miseráveis.

A servidão voluntária da classe média brasileira ganhou até conceito histórico: o homem cordial.

Esse conceito foi consagrado por um certo FHC que se defendeu politicamente defendendo uma certa “teoria da dependência”.

Essa servidão voluntária de nossa classe média está inscrita em várias formas de violência social: assédio sexual, assédio moral, discriminação religiosa, racismo, homofobia: FEMINICÍDIO - o crime contra a vida das mulheres, esporte preferencial do macho branco, rico e considerado ‘alfa’ para a economia de mercado.

La Boétie precisaria ser mais estudado, mas discutido em nossas universidades, mas o que impera nessas escolas, hoje ocupadas pelas elites - porque o ensino gratuito é frequentado por aqueles que dispõem de mais capital simbólico – otium (raiz etimológica de escola) para os estudos - não abriga em seus quadros pobres, negros, e índios (estes são minorias nas universidades públicas).

Durante alguns anos, vi alguns professores nas universidades tomarem posse do patrimônio público, denominando-os: minha mesa, meu ambiente ou cobrando por serviços acadêmicos de forma ilegal.

Mas a servidão voluntária é uma estratégia de sobrevivência, pois os nossos lobos institucionais são doces com os poderosos.

Assim, passadas décadas, todo o imaginário de lutas pela melhoria da cidadania, o reconhecimento da alteridade, o respeito e a humildade (favor não confundir com a umidade baixa de nossa arrogância intelectual) sepultamos as lutas sociais em nome da sobrevivência mediada pelo consumo.

Só nos restam: a lua e o bêbado de chapéu-coco.

24/01/2018

## A morte do ser na melancolia do nada: estamos socialmente mortos pela pandemia

Mais de 80.000 mortes. Uma geometria da dor e do medo que assola um país rico em recursos naturais, mas ignorante em realizações sociais.

Agora, não morrem mais apenas os pobres e os negros, o cão sem pluma do açougueiro, mas a frígida donzela - branca da burguesia com o pescoço arrodado de bijuterias.

Morrem também o doutor, seu ajudante, o capitão do mato, o bispo pedófilo, o pastor sanguinário que escalpa suas ovelhas com as lâminas do dízimo.

Aquele funcionário amanuense orgulhoso de seus proventos federais que passa pelos pobres do bairro e não cumprimenta, morre também, como o bodegueiro irônico que humilhava a gente que comia salame em seu balcão.

A moça suburbana, cujas coxas grossas à la Nelson Rodrigues era um troféu, deixou de sonhar com o Vestido de Noiva na cenografia mítica de um Santa Roza.

Morrerá o dono do psiu que humilhava alunos no curso universitário, porque se sentia afogado pela alegria da juventude.

Morrerão, de um jeito ou de outro, as certezas impostas entre a vida e a falsa mesóclise do sotaque acadêmico.

Todos estão mortos! Porque, sem advento, matou-se no país a consciência do ser mergulhado na melancolia do nada.

20/07/2020

## O fogo liberador

No Brasil, Pierre Lévy é conhecido como um teórico da cibercultura e da realidade virtual, mas pouco se fala sobre sua produção filosófica, pois Pierre é um filósofo dentro da alta tradição do aforisma. Em 2000, a editora Iluminuras trouxe à baila o livro *O fogo liberador*, no qual Pierre Lévy, em parceria com Darcia Labrosse, nos brinda com a riqueza de seus pensamentos através de uma prosa poética - de uma escrita refinada. Para aqueles que adotaram o autor apenas como um manuseador de novas tecnologias fica o aviso: é preciso ter cultura filosófica para avançar ante as novas tecnologias ou como diz o próprio Lévy, em seu prefácio à edição brasileira deste livro encantador: “Costumam considerar-me, em geral, um especialista da cibercultura, mas, na verdade, sou um filósofo otimista”.

A filosofia ainda não perdeu a sua capacidade de provocar espantos em nossa tarefa de reencantar o mundo.

08/06/2016

## Antroposofia do cotidiano brasileiro

---

**A** riqueza do povo brasileiro não está nos braços genealógicos europeus, mas na mistura antropológica das raças, da física e metafísica índio-africana.

Os nossos artistas representam bem essa sapiência que faz inveja à Douta Ignorância pregada pelo místico Nicolau de Cusa como força contra as dominações religiosas na Idade Média.

Mas há momentos históricos em que os velhos homens do Velho Mundo, mesmo os da Nova Inglaterra, com seus interesses mercantilistas desrespeitam a mística dos povos que habitam os territórios do Mundo Novo.

Eles nunca entenderam que os nossos deuses foram politeístas, como os dos gregos, mas também monoteístas como o Cristo europeizado para dar autenticidade à Roma-católica, o império construído por Paulo a partir de suas cartas.

Uma parte desses homens brancos, herdeiros dos velhos homens do Velho Mundo, tem vergonha da cor de nossa pele, nega a nossa fala, usam nossas mulheres para incubar violências. Mas querem, impõem, que sigamos suas crenças religiosas, suas ciências.

Quando falamos de Antropos - homem - falamos, na maioria das vezes - usando o vocabulário da Antropologia europeia. Mas o nosso homem-brasileiro está além para dos limites da razão.

Se para Hegel, em sua Propedêutica filosófica, a ciência se divide em: 1) lógica; 2) ciência da natureza; 3) ciência do espírito ou cons-

ciência, sabemos que a nossa consciência está em harmonia com a natureza, pois deixamos os “civilizados” com a lógica - que não tem nada de pensamento puro.

Os “nossos” líderes políticos que insistem neste exercício lógico do ganho financeiro são filhos e netos, herdeiros daqueles que matam nossos rios e montanhas atrás de minérios, escravizam nosso povo com falsas medidas educacionais e obrigações militares.

Estes senhores, contrariando os princípios hegelianos, não praticam a lógica como ciência do entendimento e da razão pura.

Os conquistadores querem lucros, ouro, prata, nada de incenso e mirra ou estrela de suas fábulas no Oriente; mas a guerra.

A lógica subjetiva é domínio exclusivo de um povo que está mais próximo da natureza. Por isso, a História hegeliana precisaria compreender melhor os povos do Novo Mundo.

Não precisamos da doutrinação das ideias, mas da poesia que emana de nosso povo, da razão sensível capaz de unir nossa sensibilidade.

14/09/2019

## O telos e o intelecto: as formas da escrita nas novas mídias

---

Um certo dia, uma amiga muito querida perguntou se eu entendia o que escrevia nas redes sociais.

Aquela pergunta foi uma bofetada - um cruzado de esquerda dado por alguém que milita em favor das causas e efeitos dos momentos sociais.

Recuei às cordas no round entre escrita e comunicação.

Por que me perguntara aquilo a querida amiga? Talvez alguém a tenha dito ser o escriba prolixo?

Prolixidade, pecado mortal para quem escreve às massas digitais ou não.

Passei muito tempo remoendo aquela dor - soco na cara - da recepção. Dor mais doída, quando se trata de gente inteligente e querida.

Durante meses, procurei verificar qual era a minha dificuldade em escrever para o público conectado e flutuante das redes sociais.

Descobri de forma sofrida que o meu problema era estar oferecendo o meu telos sem a preocupação com o intelecto.

Para tanto, fiz uma revisão: quando ofertamos ao leitor o telos (bem no sentido aristotélico) queremos dar o que aprendemos de melhor, mas isto deve estar associado ao intelecto - trabalho mental - capacidade de traduzir as belezas estéticas do corpo e da alma no processo de comunicação.

Portanto, a escrita - em qualquer plataforma - nada mais é que a união entre telos e intelecto.

A observação de minha amiga acabou sendo uma forma de percepção didática sobre as formas da escrita nas novas mídias.

27/10/2020

# Política

## Putas e bruxas salvaram o clero e a burguesia

---

**D**e 1315 a 1322, a Peste Negra dizimou de 30 a 40 por cento da população europeia.

Foi o sinal agudo de que não adianta atacar a Natureza, pois ela sempre vence.

A Peste Negra desmantelou o Sistema feudal, as alianças entre a Aristocracia e a Burguesia, as certezas canônicas do clero corrupto.

O que se viu na Europa foi uma massa de desempregados famintos, propriedades vazias por falta de mão de obra, e uma série de revoltas camponesas que infligiram derrotas históricas aos poderosos.

No início do séc. XV, 1412, o clero fez um pacto com a burguesia e tomou três providências para controlar a fúria dos trabalhadores do campo, artesãos e operários - sobretudo da indústria têxtil: 1) descriminalização do estupro - favorecendo aos jovens urbanos o direito de estuprar mulheres pobres e trabalhadoras; 2) oficialização da prostituição - com abertura de prostíbulos públicos, sobretudo em cidades francesas; 3) propaganda teológica disseminando a ideia de que a idade Média - um longo período de luta dos trabalhadores contra a corrupção do clero, da aristocracia e da burguesia-financeira - era a Época das trevas.

Assim, por um longo período histórico, as putas salvaram o clero e os burgueses incipientes.

Contraditoriamente, porque a História não é um carro alegre, só em 1879 uma revolução burguesa pôs em xeque os valores que a

aristocracia medieval procurava defender. Este período ficou conhecido como a Revolução, a continuidade da Revolução Americana de 1776 – esta, mais no plano econômico - e mãe do Maio 68 francês - revolução estético-comportamental.

Em todas essas revoluções, as putas e as bruxas continuaram salvando o clero e a burguesia, pois o capital reorganizou em divisões de classe uma nova libido.

01/01/2021

## O ódio a Lula é medo do Hades social

---

O amor que alguns devotam a Bolsonaro está ligado ao ódio a Lula, porque havia na classe média uma expectativa de se diferenciar dos pobres, dos menos escolarizados e com o governo Lula isto não vingou.

Hoje é comum encontrar pessoas que, agora, defenestram Bolsonaro, mas continuam odiando Lula.

Ora, Lula representa para uma elite letrada ou que se considera como o paradoxo entre o retorno à ‘estética do feio’ (lembrar que feio não é o contrário de belo na Filosofia da estética) e a descida ao ‘Hades social’, a camada inferior na Mitologia grega, o Inferno para o Cristianismo.

Como somos um país herdeiro de dois sistemas violentos, o escravocrata e o latifundiário, não aceitamos nada que nos faça retroceder ao ‘Hades social’.

A modernidade - o maior coroamento do Capitalismo - ensinou, perversamente, que para crescer, do ponto de vista social, é preciso caminhar sem olhar para trás.

Assim, alguns jovens, moças e rapazes vindos do ‘Hades social’ lutaram através dos estudos para se tornar vencedores nesta caminhada que não permitia olhar para a sua cultura, sua comunidade, sua etnia, até mesmo as origens familiares.

Uma grande parte destes jovens conseguiu ascensão econômica tornando-se médicos, juizes, engenheiros, microempresários, mas

não souberam fazer a síntese entre as origens familiares culturais e o desenvolvimento social.

O não saber fazer a síntese social provocou uma segregação indutiva dentro da segregação dedutiva - ou seja, aqueles cujos parentes eram discriminados socialmente, no sentido do todo para a parte, agora, se veem vingados de forma indutiva, da parte para o todo.

O exemplo é clássico: numa família de negros um dos filhos se torna médico e, imediatamente, ocorre a negação de suas origens e etnia por causa da saída deste indivíduo do ‘Hades social’.

Lula, neste caso, continua a ser odiado justamente por não negar ao nosso imaginário a relação entre a ascensão social e a pobreza, ou seja, ‘o Hades social’ é importante, enquanto camada mais baixa da mitologia - para entendermos a nossa evolução, seja psíquica ou cognitiva.

Evidentemente, deveremos ter cautela ao falar sobre o Lula político profissional, que tem defeitos e acertos, mas para a população das camadas mais pobres da sociedade demonstrou ter acertado.

Somos uma Sociedade Racista que aposta no pior para os outros e negamos toda as evidências que a melhoria social se dá de forma coletiva. Mas queremos, nervosamente, extirpar o ‘Hades social’ e mandar os pobres, feios e analfabetos para o inferno, assim foi o que fez a República Brasileira Positivista contra o misticismo de Canudos - erroneamente julgado como adversário da Razão Moderna.

Por isto, o ódio a Lula, ainda muito forte em tempo de pandemia, é o medo do “Hades social”.

16/12/2020

## O Anel de Giges e a Política

---

Há um mito originário da Lídia recuperado por Platão no Livro II d' A República: o Anel de Giges.

O mito (todo mito é narrativo) narra a história de um camponês que encontra um anel que, dependendo da posição do engaste, torna invisível a pessoa que usa.

Há outras versões deste mito, inclusive uma narrada pelo historiador Heródoto. Mas a narrativa mais importante para a compreensão do mundo contemporâneo é a de Platão no diálogo A República, pois trata do emprego da ética em sociedade.

A questão em tese no diálogo é simples: tendo uma pessoa a posse de um anel que a tornasse invisível poderia cometer crimes sem sentir culpas?

Platão convoca os personagens Sócrates, Glauco e Adimanto (irmãos de Platão) para reger o diálogo que vão perscrutar as diferenças entre a justiça e a injustiça.

O fato do Anel de Giges tornar as pessoas invisíveis isto pode contribuir para a tentação de cometer crimes, pois a invisibilidade torna o criminoso protegido por falta de testemunhas e sem a possibilidade de ser punido.

A justiça e a injustiça estão sombreadas pelas intencionalidades das transgressões, porque habitam fronteiras próximas.

O cidadão contemporâneo jamais portaria o Anel de Gíges com tranquilidade, por dois aspectos: 1) hoje é impossível se tornar invisível, 2) sua consciência é histórico-social.

Mas o mito nos diz mais: é preciso ser ético.

Este ainda é o grande problema da política, apesar de todas as lições aprendidas com os filósofos gregos: ser ético.

Todos sabem que a ética detesta as metafísicas, que na política são sinônimos de promessas (diferente do conceito de promessa em Hannah Arendt, que é sinônimo de renovação), mas uma forma de capturar o eleitor a partir da exploração de suas necessidades sociais.

O que o mito do Anel de Gíges ensina às sociedades contemporâneas é que a temporalidade do homem-invisível, na política, é sazonal: de quatro em quatro anos reaparecem velhos mitos salvadores prometendo a redenção dos Pecados da Capital: melhoria de escolhas, rede sanitária, transporte urbano, construções de novos hospitais e até nova cidadania para quem sempre foi tratado como bárbaro-periférico.

Os políticos parecem usar o Anel de Gíges que os torna invisíveis de quatro em quatro anos conforme o resultado das eleições.

Ora, ser invisível, politicamente, é negar à sociedade o direito de ser bem administrada, é injustiça.

Alguns políticos na PB parecem que roubaram o Anel de Gíges e ressurgem, nestas eleições, de uma invisibilidade mórbida que traz com ela as lembranças de desmandos políticos. Outros, amparados no atraso do novo se anunciam como ‘redentores’, quando os seus padrinhos políticos - com o poder da invisibilidade - tramam amiúde para a manutenção dos currais eleitorais, do atraso socioeconômico baseado no empreguismo, pão e circo.

O que nos resta argumentar: o Anel de Giges foi falsificado pela maioria dos políticos paraibanos, porque eles não querem a invisibilidade, mas a trama política obscura que transforma a justiça cartorial em injustiça, a democracia em armazém ideológico de secos & molhados.

19/11/2020

## João Pessoa: vícios públicos, benefícios privados?

---

Toda cidade tem sua linguagem.

Os níveis de linguagem de uma cidade podem ser definidos em quatro categorias: 1) natureza, 2) geopolítica, 3) econômica, 4) política.

As quatro categorias citadas perfazem a anatomia de uma cidade, que ora aparece menos ou mais complexa.

No caso da Capital paraibana, João Pessoa (batizada assim pelas elites políticas desde 1930 - mas antes era chamada Parahyba - capital da Parahyba)), existem peculiaridades em cada uma das categorias que formam a cidade.

Na primeira categoria, a Natureza, somos privilegiados por um banho suntuoso do mar Atlântico com uma faixa de praias cuja acomodação das areias transforma nossa orla em um passeio, que durante séculos recebeu as impressões das pisadas das tribos indígenas que por aqui habitavam.

Uma 'promenade' (passeio) dos deuses, diriam os incautos franceses que tentaram surrupiar parte de nossa Costa.

Do ponto de vista da Geopolítica, somos um povo nômade-sedentário, mas com armas de guerreiros, pois se abrimos nossas janelas a Leste herdamos na face o brilho do Atlântico.

Ao Sul, a bravura histórica de Pernambuco nos auxilia a não temer a História de lutas contra a República Velha e dos camponeses, trabalhadores.

Ao Norte, a força do Rio Grande do Norte - o povo Potiguar e os segredos do mar e do sal da terra.

A Oeste, a extensão de nossa cultura sacro-profana, na polifonia entre árabes e judeus conjugada no verbo de Camões, nas lutas pela liberdade do Dragão do Mar. Somos todos Ceará.

Por isto, todas as nossas fronteiras dignificam o nosso caráter.

Do ponto de vista Econômico, João Pessoa sempre foi o ‘centro administrativo’ que despachava com diligência os processos burocráticos dando conta da riqueza da Parahyba.

O grande hiato econômico - que invadiu a política - se deu nos anos 1930 - com a Revolta de Princesa e sua luta contra o governo de João Pessoa. Uma luta pelo controle da distribuição e venda do algodão, mas que não passava - para os coronéis da época - pelo controle governamental.

João Pessoa foi a grande afetada pela “Guerra Política de 30”, pois nasceu jovem, apesar de ter sido velha em outros governos, inclusive com outros nomes.

A política sempre marcou a violência latifundiária em nosso estado, mas a capital detém a maioria desses sintomas - sobretudo na forma de urbanização da cidade velha.

Como as elites político-econômicas apagaram a nossa história, a Paraíba virou adjetivo esdrúxulo, sinônimo de subdesenvolvimento.

João Pessoa ficou como a cidade de ‘veraneio’ dos ricos fazendeiros, de políticos envolvidos com os governos ditatoriais: uma península de amor e ódio, como o Inferno de Dante.

Da cidade projetada na Belle Époque, não resta quase nada - sequer o sonho de Castro Pinto de ver o mar da sacada do Palácio do Governador, através da extensão da Avenida Presidente Epitácio Pessoa.

Nos anos 1970, o grande ícone da modernidade na capital foi o Viaduto Damásio Franca - que depois se tornou ineficiente do ponto de vista arquitetônico.

Alguns comemoram, com saudosismo lacônico, a antiga cidade, com seus casarões, praças, janelas art-nouveau, mas esta era a cidade dos ricos, dos coronéis do algodão que hospedavam suas amantes no Hotel Globo - Largo de São Francisco.

Não se fala de pobreza no lirismo histórico das fotografias em preto-branco.

Mas nos anos 1970, os conjuntos habitacionais começaram a mudar o cenário urbano da cidade para abrigar o contingente da classe média-baixa composta de funcionários públicos.

Os trabalhadores com um menor nível de escolaridade foram empurrados para as periferias, sem assistência social, água, esgoto e, muitas vezes, com a falta de luz elétrica. Nasceram as favelas em João Pessoa.

Os prefeitos, com raríssimas exceções, só vieram se preocupar com o ‘corpus’ da cidade a partir da década de 1990, quando algumas administrações trabalharam para melhorar não apenas a orla marítima, mas os bairros sem infraestrutura.

Houve lutas no campo ideológico e econômico para se manter um dos maiores símbolos de liberdade-imaterial de João Pessoa: a proibição de construção de espigões à beira-mar. Esta luta acompanhei de perto como repórter do Jornal O Norte (extinto) nos anos 1980.

No início dos anos 2000, a cidade teve um crescimento urbano imediato, mas isto não afetou o orgulho do pessoense - porque via na prática as diversas administrações públicas cumprirem a responsabilidade social com as comunidades e a manutenção do patrimônio urbano da cidade.

Mas e agora?

Se uma cidade é um bem político - como afirma Aristóteles em A Política, vamos deixar que aventureiros e maus administradores solapem nosso patrimônio?

A maioria também pode ter se equivocado quando votou. Ora, a maioria erra, assim como condenou Sócrates à morte, ele que amava tanto Atenas, sua cidade, seu oráculo natural.

João Pessoa é uma cidade transcultural, nunca mais pode ser mal administrada ou ter a sua riqueza estético-cultural roubada.

A riqueza estética diz respeito à cultura dos pobres, a cultura do bem-comum traduzida nas melhores condições sanitárias em bairros periféricos, um melhor transporte público, saúde e educação de boa qualidade - segurança e incentivo ao exercício da cidadania do ponto de vista da religiosidade, sexualidade e etnia.

João Pessoa, tão bela e tão traída, não pode cair no conto do vigário: vícios públicos, benefícios privados.

17/11/2020

## A inquisição do Femicídio mata “bruxas”

---

Quando o Cristianismo se tornou a Religião Oficial do Império Romano - no séc. IV d.C., invadiu a Irlanda de origem celta e a sexualidade das mulheres, na Europa do Medieval, começou a ser vista como ameaça.

Inocêncio III (o papa mais violento da História) criou o Tribunal da Santa Inquisição, uma das mais assombrosas máquinas de torturas do Ocidente, para matar a arte sensual feminina e os hereges.

Assim, as mulheres começaram a ser vista como bruxas, e a Igreja de Roma se apressou a criar um Catecismo da Sexualidade - determinando estações, dias e modos de fazer sexo.

A única reação à demonização feminina se dava através das comunidades heréticas, como os cátaros - ao sul da França, porque não reconheciam no papado corrupto autoridade para falar em nome de Deus.

As mulheres na pós-modernidade continuam sendo tratadas como bruxas, mas agora mortas pelo Tribunal de Inquisição do Femicídio, negligenciado em sociedades autoritárias.

Ser mulher no século XXI é tão perigoso quanto na Idade Média.

01/01/2021

## Como o Brasil se tornou sadomasoquista?

---

É próprio dos tiranos o exercício do Sadismo.

Se faz comum a quem apoia a tirania a adoção de atitudes masoquistas.

A tirania é um regime que procura infligir dor para obter prazer, poder e glória. Isto é próprio do Sadismo.

O Masoquismo é a busca do prazer através da dor.

Masoquismo e Sadismo se complementam e se afastam através de usos e costumes dos poderes opressores de Eros (vida) e difusores de Tânatos (morte).

Todo sádico é professoral, exerce seus saberes em um tempo imperativo.

O método do sádico é a descrição, portanto indutivo - parte dos detalhes para explicar a obter o domínio do todo através da dor.

No Sadismo, a voz de comando é professoral, dita as normas em sentido racional, não se importa com os meios, pois o que importa é o fim: o prazer através da dor.

Mas é própria do Sadismo a busca de negação do prazer em dor, portanto visa à Teologia da Violência - do controle da alma através do sofrimento do corpo.

O Masoquismo é a negação da dor-corporal, na busca pelo prazer mental, o controle a negação do corpo através do sofrimento da alma.

Ambos os dois fazem parte da religiosidade da tortura, na qual os sádicos torturadores esperam ser absorvidos pelo masoquismo dos torturados.

Da cultura dos hebreus, de Freud a Lacan, passando por Deleuze, desembocando em Mussolini e Hitler, são vários os exemplos tenebrosos da união entre tiranias, Sadismo, Masoquismo e povos, em determinados períodos históricos, governados por tiranos.

No Brasil, um país multirracial, privilegiado com a imbricação de várias culturas, sobretudo as africana e silvícola, estamos presenciando um momento de tensão entre Sadismo e Masoquismo.

O povo enfrenta, como em todo o mundo, a pandemia de Covid-19 responsável pela morte de milhões de pessoas, mas seu presidente, usando a indução sádica, declara que não tem pressa para comprar vacinas e livrar os brasileiros de morte iminente - principalmente os que sofrem com comorbidades.

O presidente do Brasil exerce uma atitude sádica quanto à política de enfrentamento do coronavírus.

Por outro lado, apoiadores do presidente negam os sofrimentos infligidos pela pandemia, boicotam as vacinas, sublimam o número de mortes por convicções não científicas, como se a morte fizesse um minuto de silêncio antes do jogo das infecções.

Só nos resta perguntar a Macunaíma, o nosso herói sem nenhum caráter, como o Brasil se tornou um país sadomasoquista?

30/12/2020

## A República dos maus sentimentos

---

“Quando o progressismo moderno pensava já ter assepsiado tudo, eis que o vírus volta com força”.

A citação acima é do livro *A república dos bons sentimentos* do sociólogo francês Michel Maffesoli.

Maffesoli demonstra que a razão ocidental promoveu uma assepsia moral no intuito de negar tudo aquilo que possa colocar em xeque o domínio da burocracia, das novas tecnologias e da expansão do capital financeiro, que não vive mais da exploração do trabalho industrial, mas da agiotagem.

De minha parte, em se tratando do imediatismo instantâneo, promovido por mídias e governos totalitários, assesto o discurso no falseamento das realidades através da espetacularização da política ou da transformação do mundo da vida em algo a ser constantemente substituído – descartado – através da teologia do consumo.

Há um moralismo que está na origem da imobilização coletiva travestido de pensamento social, quando na verdade nada mais é que o conformismo lógico imposto pelas linguagens totalitárias das mídias.

Este conformismo lógico faz com que as pessoas comecem a acreditar que um tal mundo proposto por um sistema político (totalitarismo de massa ou não) seja o mundo real e que não há possibilidade de sobrevivência fora dele.

O conformismo lógico também diz que a única verdade é obedecer a palavra dos líderes – não importando se a manutenção da ordem seja construída através de ódio, crimes ou falsas religiosidades.

A mídia colabora, diretamente, com o conformismo lógico quando, em plena pós-modernidade, não respeita os oxímoros do mundo da vida – ou seja – a figuras de linguagens responsáveis pela união de forças antagônicas que são construídas através da fala e da escrita de comunidades mundiais.

A pandemia provocada pelo Coronavírus veio desmontar as certezas de um desenvolvimento ad infinitum plantadas na modernidade, mostrando quão frágeis são os nossos sistemas peritos, e falsa a linguagem – para usar uma expressão de Michel Maffesoli – “de caixeiro-viajante dos políticos”.

Alguns segmentos da sociedade brasileira aparecem na mídia negando o caráter destruído, tanto do ponto de vista econômico quanto sanitário, do Coronavírus. Estes negam até formulações bíblicas que atestam ser este mundo da ordem das impurezas, como a expressão latina de Santo Agostinho: “Mundus est immundus!” (mundo é imundo).

O vírus representa a impureza do mundo que, na Idade Média não conduziria o homem à Cidade de Deus (Santo Agostinho), mas no conformismo lógico ele atrapalha o desenvolvimento, os lucros do pernicioso capital sem trabalho.

Por isto, numa lógica antitética – contraditória – negar o vírus, sua força biológica, que pode destruir comunidades inteiras e comprometer gestos afetuosos, é desconhecer a biopotência da natureza.

Para a mídia, mantenedoras das transações capitais, não importa se o “mundus est immundus”, mas que o ciclo factual da renovação dos lucros não seja paralisado. Isto também ocorre ao discurso

político totalitário, cuja regra é: combater quaisquer estruturas que ameaçam a sobrevivência de governos tiranos.

A partir das ideias do sociólogo francês Michel Maffesoli, aprendemos que uma República dos bons sentimentos é aquela na qual o controle social se dá através de modelos explicativos, racionais, falsamente didáticos, cujo objetivo é a manipulação dos fatos sociais.

Ao anunciar como luta contra a corrupção e pela democratização do país, negando a potência letal do Coronavírus, a mídia institui no Brasil A República dos maus sentimentos – na qual as impurezas do mundo estão no outro, no adversário político do conformismo lógico.

A República dos maus sentimentos no Brasil é peculiar, não teme a expressão transcendental agostiniana: “Mundus est immundus”.

## Brava gente brasileira! Longe vai temor servil!

---

Somos o quinto país em extensão territorial do mundo.  
Somos o quinto país em população do mundo, abaixo apenas dos EUA, China, Indonésia, Índia e Rússia.

Somos um dos países mais ricos do mundo.

Temos um povo multiétnico, herdeiro das grandes culturas, como árabes e africanos.

Nossas crianças refletem a beleza de todos os povos.

Nossos corpos trazem as marcas de todas as orações, dos deuses do Deus da Torá a Iorubá.

A nossa língua é latina, mas se entremeia no galego, no basco, onde habitar uma boa vogal átona.

Resistimos a tantas dominações, a Vírgula de Vieira, a ferradura dos europeus.

A quem tememos? Por que negociamos nossa soberania em nome de privilégios pessoais? Por que não respeitamos as alteridades? Por que somos cúmplices do senhor que estupra nossas filhas, namoradas, esposas?

Por que negamos que a nossa pele tem vários matizes?

Por que humilhamos as crianças, as mulheres, as minorias?

Que lucro tens, cara pálida tupiniquim, em ocupar cargos, postos de direção nos quais a tua palavra é ferro quente usado para diminuir a consciência dos outros?

Tu tens carnes? Sente dores? Estás passível de obter infecções?  
Teu filho tem a mesma arrogância como arma?  
Brava gente brasileira, longe vai temor servil!  
30/11/2017

## Um país não é uma mercadoria

---

**N**ão anos 90, o agricultor francês José Bové - criador de cabras e produtor de leite - destruiu uma loja de Mcdonalds com um trator.

A alegação de Bové foi que a rede de fast-food não estaria respeitado a cota de compras de mercadorias dos agricultores estabelecida pelo Governo francês.

Depois da prisão, José Bové percorreu o mundo ministrando palestras, divulgando seu livro, cujo título virou um paradigma social: O mundo não é uma mercadoria.

No Brasil, do governo golpista de Temer, a mídia lamenta a saída de Pedro Parente da Petrobrás, alegando que ele tirou a empresa do déficit gerando um lucro de mais de R\$ 7 bilhões de lucro líquido no primeiro trimestre do ano (os dados são do jornal Folha de S. Paulo - 02/06/2018), como se o país fosse uma mercadoria.

Ora, mais o que esses bilhões têm a ver com as condições do Brasil. Nada! É dinheiro que aumenta o lucro dos acionistas e transforma uma empresa, majoritariamente pública, em mercadoria.

A mídia brasileira exercita, metodologicamente, uma “Fenomenologia Negativa” criando fenômenos ideológicos, mercadológicos nomeados de acordo com as necessidades do mercado financeiro. Essa é a principal linguagem dos jornais, telejornais.

Na leitura esquizofrênica dos jornais de circulação nacional, vemos o distanciamento do discurso midiático da realidade social, pois

há, em cada esquina do Brasil, fome, violência e rebaixamento do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Os jornais, as TVs, as revistas - as mídias digitais - pensam apenas em vender o Brasil.

Mas um país não é uma mercadoria!

Mesmo assim essa falsa consciência de que tudo passa pelo mercado tem assassinado o imaginário cultural do nosso povo, nos tornando, como diz Max Weber: “Especialistas sem inteligência, hedonistas sem corações”.

02/06/2018

## O contrato social do Estado brasileiro contemporâneo: quem matou Marielle Franco e o seu amigo Anderson

**O** Estado machista e homofóbico trata brasileiros e brasileiras desta forma:

Cláusula 1 - A mulher é inferior cognitivamente;

Cláusula 2 - Toda mulher, negra, parda ou índia terá sua sexualidade colocada à disposição da masculinidade do dono da terra e de seus herdeiros;

Cláusula 3 - O senhor da terra não será obrigado a registrar filhos das jovens que engravidar de seus herdeiros ou de 'balanços lúdicos' na rede;

Cláusula 4 - As mulheres devem trabalhar do sol à lua - mesmo que esta seja sanguínea - em períodos de mês-truão.

Cláusula 5 - Às mulheres fica vetado qualquer nível de formação escolar;

Cláusula 6 - Não é permitido às mulheres usarem adereços que possam realçar seus atributos físicos.

Cláusula 7 - Quando jovem, as mulheres devem servir aos mais velhos - não importando a ordem das carências - sobretudo se eles são políticos astuciosos.

Cláusula 8 - Não usar o verdadeiro nome da Terra de Vera Cruz em vão ou gritar quando as mãos do presidente da província avançarem sobre tuas riquezas geográficas;

Cláusula 9 - Calar verdades;

Cláusula 10 - Aceitar mentiras.

Ps. Vamos rasgar nas urnas esse contrato imposto pelas elites brasileiras.

02/05/2018

## Há mistificações sobre o porte de arma

---

Desde a união das colônias inglesas que fundaram os Estados Unidos, o porte de arma foi previsto para proteger a propriedade privada.

No Brasil, a ideia disseminada é que o indivíduo deve usar uma arma para garantir seu direito de ir e vir. Isto é uma contradição enorme, porque fere o contrato com o Estado que é nosso ‘protetor’, de acordo com a filosofia contratualista que demonstrou ser possível proteger o nosso medo de outros humanos através de leis.

O porte de arma, instituído nas constituições republicanas que visam proteger a propriedade, por isto chamadas por cientistas sociais de repúblicas da propriedade, visava tão somente facultar aos senhores donos de terra atirar nos invasores.

Mas o porte de arma como forma de coibir a violência urbana gera uma série de problemas que vão das neuroses à aniquilação da alteridade, ou seja, o reconhecimento das formas de violência vai ficar embaçado.

Quem pode portar uma arma deve saber que haverá sempre um impulso latente para usá-la e que este pode ser a centelha do rompimento da legalidade, nascimento da aluvião de violências pública e doméstica.

Defender o porte de arma é fácil, saber usar uma arma são outros quinhentos.

10/09/2018

## O porquê do #EleNão no feminino plural

---

**A**s mulheres são as mantenedoras, em quaisquer culturas, da razão sensível.

Vem das mulheres o Logos (discurso ou pensamento) da imaginação que serve como chave para fazer funcionar o imaginário - significado do conjunto de formas sociais exercitadas no cotidiano.

Do ponto de vista material, a frase marxista “o homem produtor do homem” é reescrita pelas mulheres na contemporaneidade, porque, hoje, há uma feminização do trabalho.

A feminização do trabalho implica numa dependência do capitalismo das habilidades femininas, haja vista que a pretensão econômica é produzir ‘mercadorias imateriais’ necessárias à manutenção da subjetividade das sociedades.

Neste sentido, o capital neoliberal enfrenta uma força poderosa que, muito antes, era tratada com medo: as formas de bruxaria inscritas socialmente pelas mulheres.

As fogueiras da inquisição, na transição do feudalismo para o capitalismo, não foram capazes de deter a sensibilidade feminina - denominadas bruxarias por reis e clérigos - que retorna com força total na pós-modernidade.

A feminização do trabalho representa uma nova Heurística (método de testar conhecimentos) produzida por mulheres do mundo inteiro.

Líderes estudantis, parlamentares, jornalistas, médicas, profissionais liberais,, filhas, mães, namoradas, esposas, amantes, mulhe-

res que (para lembrar Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo*) sabem que são detentoras do domínio de seus destinos, por isto lutam com armas incapazes de detecção na cultura do material: afetividade e biopotência. Ambas complementares!

A biopotência coloca as mulheres para além de uma biopolítica (medical, jurídica, educacional, mercadológica) que procura fragmentar o corpo feminino de acordo com a posição do desejo masculino, ao mesmo tempo que mostra a sensibilidade feminina como método capaz de reverter a instrumentalização de sua sexualidade.

O Estado ocidental começa a se apavorar com o poder da sensibilidade e da biopotência feminina, pois quando estas se opõem à violência da falocracia faz desmoronar todo modelo de uma possível ‘certeza sensível’ (no sentido hegeliano - a certeza pronta), pois o capital e os estados totalitários não conseguem, de forma totalitária, controlar o imaginário feminino.

O #EleNão! no Brasil representa não só a capacidade e feminização do trabalho, que exige uma nova inscrição temporal para a produção de bens, mas a capacidade de enfrentar o discurso fascista com uma arma poderosa: o afeto.

O afeto domado pelas mulheres contra quaisquer prerrogativas autoritárias é pontiagudo, tem lâmina larga afiada pelo imaginário feminino, pois este sabe, através de inúmeras tradições estético-religiosas, quando convém ser afetado(a) ou afetar o mundo.

27/09/2017

## O fascismo e o Tlön tropical

---

Deus é brasileiro.

O Papa é argentino.

Um dos maiores escritores de todos os tempos é argentino - porque escritor não morre: Jorge Luís Borges.

Somos brasileiros, neste momento distante - parecem as evidências - de o Deus cristão e humanista, longe do Papa, quiçá perto de Borges e sua genial ficção.

Mas, no momento de luta fratricida, na qual o fascismo igual a Caim odiento - que matar a liberdade, é de bom alvitre invocar uma das obras primas de Jorge Luís Borges, o conto *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, publicado em Ficcões.

Neste conto, Borges descreve uma sociedade secreta de sábios, engenheiros, poetas, matemáticos que vivem no desconhecido planeta Tlön, com um sistema filosófico próprio.

A narrativa de Borges é uma metáfora perfeita do isolamento mantido por alguns intelectuais da luta contra o fascismo no Brasil contemporâneo.

O ódio convicto contra as alteridades são partículas de um violento Tlön que começa a aparecer à realidade brasileira.

Uma agressividade regida pela ética da convicção que não deixa margem ao diálogo, à exposição de ideias, senão quando os 'seres menos inteligentes' são submetidos aos seus caprichos e birras.

O final narrativo pode ser trágico, mas os senhores do Tlön tropical reinam confortáveis em seus tronos sapienciais, mantendo a rígida moral do Psiu!

23/10/2018

## O ódio aos pobres está nas fontes da vergonha

---

**A**pobreza no Brasil é uma doença classificada pelos mais ricos como contagiosa.

Ao longo dos séculos, nossos senhores escravocratas e latifundiários - hoje doutores de leis e saúdes - disseminaram a ideia de que “quem nasce pobre tem mazelas cognitivas, não serve para estudar”.

O pobre que escapa da ‘pobrezemia’ se considera salvo, mais forte, inteligente. Odeia pensar que um dia morou em casas geminadas localizadas em bairros periféricos com problemas de transportes, segurança, lazer.

Como o corpus que escapa isolado das infecções sociais provocadas pela ‘pobrezemia’, ele odeia lembrar suas origens, por isso jamais fala sobre *Les sources de la honte*, (As Fontes da Vergonha - belo livro de Vincent de Gaulejac).

Ao frequentar a universidade (ou faculdade particular), procura imiscuir-se no estamento de classe média, apagando as marcas de suas memórias de procedimento - para que não seja censurado, tampouco ter sua ascensão social negada.

Nunca mais tempo para o futebol com seus amigos ‘mamelucos’, sequer o amor pela moça simples do bairro ou o papo firme com o amigo nefelibata que tocava sua bateria imaginária acompanhando – à beira do campinho - Bill Paul.

Ao vencer na vida, ele se torna, cheio de convicção, o arauto de uma cultura que tem ódio aos pobres, pois teme que eles retardem sua entrada no Reino do Deus das Mercadorias.

11/04/2018

## A Baixa-Elite é dona do formigueiro nacional: contrapontos ao cientista social Jessé Souza

**H**á no Brasil uma ralé, como já codificou o cientista social Jessé Souza.

Esta ralé é subproduto econômico, resultado da ‘libertação’ mentirosa e cartorial dos povos africanos que aqui trabalharam sob o jugo dos senhores republicanos até o início do século XX - como empregadas domésticas, carregadores de encomendas, lixeiros, escravos das madames urbanas, com direito apenas ao alimento, sem carteira assinada, entrando nos condomínios pelo elevador de serviço - símbolo permanente de nossa mentalidade escravocrata.

Mas a ralé não é uma massa amorfa. Ela possui uma socialidade que, na maioria das vezes, não se faz detectar pelos padrões de dominação socioeconômicos.

A socialidade da ralé é algo invisível às instituições - que geram apenas sociabilidades no controle dos cidadãos de baixa renda através da moral, da violência, e de um processo educacional excludente.

As socialidades da ralé estão em suas sinergias estéticas, na música, no teatro, na paixão pelos esportes coletivos, no prazer que sentem em jogar conversa fora com os amigos.

A ralé sabe reagir, principalmente quando toca samba, forró e faz a festa carnalizando o mundo, pois não tem vergonha do seu corpo, da cor de sua pele ou de sua religiosidade, algo sempre da ordem do sincrético.

Mas o problema não é a ralé!

O problema é a Baixa-Elite (algo que ultrapassa os desígnios da classe-média).

A Baixa-Elite é inerente aos preceitos do Homem Cordial, bem analisado por Sérgio Buarque de Holanda, e tem parentesco com a classe-média, pois lutou muito para compreender as regras do jogo para uma possível ascensão social.

Ultrapassado os limites alcançados pela classe-média, a Baixa-Elite sai do estado de instruído para instrutor: consegue fazer pós-graduação, frequentar ambientes Cult, ampliar seu repertório em uma língua estrangeira, e, ocupando espaço em algum momento, se torna protagonista no aparelho estatal, a partir de sofridos parentes classe-média que lograram sucesso.

Assim, a baixa-Elite se torna professores universitários filhos de professores universitários, juízes filhos de juízes ou desembargadores, fiscais de renda, filhos de fiscais de renda, médicos, filhos de médicos, políticos profissionais, filhos de políticos amadores, porque aprenderam de forma epitelial as regras do jogo.

O que acontece quando a Baixa-Elite ocupa o Estado?

Quando a Baixa-Elite se encontra no comando, a primeira providência é apagar os imaginários da ralé e da classe-média para não deixar vestígios em sua biografia dos laços familiares.

Para a classe-média, a Baixa-Elite reserva o papel de ‘ajudante’, que são aqueles de ‘inteligência média’ - prestadores de serviços, técnicos nas repartições públicas, serviços sexuais e ideológicos em nome da grande cruzada em direção à Burguesia Nacional.

À ralé, a Baixa-Elite dedica o seu desprezo, sua caridade grotesca ou seu ódio barroco, mas tem a certeza de que eles não vão se rea-

bilitar do pecado capital, pois nasceram negros, índios, mulheres, homens feios que geram crianças sujas irrecuperáveis.

A Baixa-Elite adora os novos messias que prometem a aniquilação da ralé e a limitação dos sonhos da classe-média pelo consumo de bugigangas eletrônicas, carros de segunda-mão, celulares - sexo drive, cheque-especial, cartão-de-crédito.

A Baixa-Elite usa seus deuses para colocar viseiras político-educacionais na ralé e na classe-média, almejando que seu assalto ao Estado não seja revelado; promovendo a ideia de que o crime, a pobreza, o consumo de drogas, são inerentes à camada economicamente inferior da sociedade.

A Baixa-Elite vai à missa, ao culto, mas não se mistura, pois é a dona do formigueiro nacional.

## Racismo estrutural

O racismo no Brasil é estrutural. Ele está disseminado e alimentado por toda a engrenagem do Estado.

O racismo brasileiro é um sistema perverso, pois não tem mais ligação direta com um modo de produção, mas alimenta a discriminação teológica – baseada em citações e leituras precárias do Velho Testamento.

O racismo em nosso país é tão violento que cidadãos negros agri-dem cidadãos negros para defender a república.

No caso mais explícito de racismo, um agente penitenciário negro de um dos presídios da cidade do Rio de Janeiro agrediu com socos um cinegrafista negro do SBT TV.

O cinegrafista negro esperava a liberação de um homem que tinha sido preso por engando, quando foi interrompido pelas agressões do agente negro, o que prejudicou o trabalho da equipe de reportagem.

São casos que têm se tornado corriqueiros na vida hodierna do povo mais pobre, negro, em nossas cidades.

Mas de onde vem esse ódio entre pessoas de uma mesma etnia? Por que negro odeia negro em uma nação de brancos racistas?

Este ódio é fruto de um trabalho de deseducação de nossas elites que ‘branqueiam’ as nossas crianças negras na escola. Mas ela não é a única culpada, pois o clero também insiste na ideia racista do ‘negro de alma-branca’.

O racismo no País do Carnaval é duplo quando se trata da mulher negra, porque entende o seu corpo através de poções servidas à libido dos homens brancos: bundas, seios.

Racismo violento como falso espelho que cobre a origem entre cidadãos da mesma cor: este é o racismo brasileiro.

Homens, mulheres, adolescentes negros não se sentem à vontade ao caminhar pelas ruas ou alamedas brasileiras: o corpo do negro está sempre em delito, precisando do habeas corpus cristão.

No Brasil, racismo estrutural é alimentado pela ferrugem do Estado totalitário que faz com que um homem não reconheça homens com a mesma cor da pele – sem falar na violência das elites brancas contra negros.

Na verdade, a cara do Brasil patrocinada pelos doutos senhores não tem vergonha nem nunca terá – pois sempre reivindica uma falsa ascensão ‘branqueada’ pelos europeus do século XVI para dizer cinicamente que não têm nada a ver com a história cotidiana brasileira.

O racismo estrutural mata, esfolia, estupra, inverte as relações consanguíneas, como bem denunciou Machado de Assis (que tentaram durante anos branquear) no conto *Pai contra Mãe*.

O racismo é uma peste, cujo vírus corrói o  
Brasil há séculos.

## Para que existe este país?

---

**D**a Aristocracia latifundiária, ficaram o Deus funcional, o consumo de bens duráveis, o ódio à gente negra, pobre, feia eliminada numa política de eugenia travestida de Saúde Pública.

Reinou o gosto pelo diploma universitário cuja finalidade é apressar as leituras do real como jugo contra os que não tiveram acesso à escola.

No mesmo imaginário de posses “divinas”, o estupro - o falso moralismo diante das filhas do senhor de engenhos urbanos, cujo neolatifúndio se mede em metros quadrados de confortáveis apartamentos - entre o mar o campo.

Botijas de criminologia são achadas no solo ensanguentado dos bairros periféricos - mortos por falta de respiração social, sem direito a lamentos, reféns da falocracia branca que espreita a bunda das mulatas: falseamento do samba em sexismo barato.

Triste herança, distópica para uns, lucrativa para outros em um país cuja utopia virou mercadoria transportada por Caronte, o barqueiro do inferno, oferecida nos postos de nossa memória ribeirinha.

Para que existe este país? Que não pergunte Zeus, pois perdemos a mitologia suficiente à reflexão.

23/06/2019

## O revisionismo histórico como apologia ao Golpe de 64

---

Muito cuidado com o que dizem os filhos de Bolsonaro! Na maioria das vezes, a fala deles reflete analfabetismo político, truculência social, mas em algumas vezes não.

Como todo discurso tem ordem e propósito, como nos ensina Michel Foucault, em seu livro clássico *A ordem do discurso*, às vezes a fala dos filhos do Capitão (reformado para a presidência) busca reavivar práticas antidemocráticas e sangrentas da Ditadura Militar no Brasil.

Quando um dos filhos de Bolsonaro disse que para invadir o STF era preciso um cabo, um soldado e um jipe, talvez ele tenha sido orientado a rememorar um episódio histórico:

“No dia 12 de setembro de 1963, os sargentos rebelados tomaram de assalto a Base Aérea, o Grupamento de Fuzileiros Navais, o Ministério da Marinha, o Serviço de Radiofonia do Departamento Federal de Segurança Pública e a Central Telefônica. Além disso, obstruíram as principais estradas que levavam a Brasília e o aeroporto civil. Chegaram a invadir o Congresso Nacional e tomaram o STF, prendendo o ministro Vitor Nunes Leal (...)”.

O relato da invasão do STF com a prisão de um de seus ministros, em setembro de 1963, demonstra que a fala do filho de Bolsonaro não foi ingênua, mas serviu de alerta a partir de práticas estabelecidas pelos momentos que antecederam o golpe de 1964.

O protesto dos militares, em 1963, se deu por conta da anulação das eleições de militares para o Congresso.

Este relato está no livro do historiador Marcos Napolitano - 1964 - História do Regime Militar Brasileiro - o que demonstra que os predecessores do Golpe de 1964, contrariados pelo STF não respeitaram as instituições democráticas.

Muito cuidado com a fala, aparentemente desorganizada, dos filhos do Capitão, mas que podem ser sinais de fumaças históricas.

07/04/2019

# Educação

## A universidade e a banalidade do mal

---

Com a indicação de um reitor biônico para a Universidade Federal da Paraíba, o governo de Bolsonaro reescreve a história sombria deste país quando a Ditadura Militar nomeou o professor Guilhardo Martins como interventor à época.

Mas a UFPB, criada para fortalecer o sonho de muitos em transformar a cultura em maná (alimento de sobrevivência) cultural tem sido objeto de ataques externos – por grupos ligados à aristocracia escravocrata-patrimonial regida pela ideologia do empreguismo.

Os ataques externos foram sempre orquestrados por aqueles que nunca compreenderam o porquê de a UFPB não servir à parentela remanescente do fogo morto dos engenhos ou mesmo da decadência bacharelesca da classe média urbana, que sempre apostou no Estado como o provedor de sinecuras.

Felizmente, com a instituição do concurso público as assinaturas patriarcais foram diminuindo nos contratos para a carreira docente, mas permaneceram poderosas na tomada de poder dos cargos administrativos.

Qualquer um – sem nenhuma bagagem acadêmica – mas exercendo um ofício que tangenciasse disciplinas universitárias, se achava agraciado com inteligência para se tornar professor da UFPB. Neste caso, o que menos importava era a formação didático-pedagógica – mas o notório saber que, no caso de João Pessoa (PB), era testado no

Ponto-de-Cem-Reis (praça no centro da cidade) – a Universidade do Senso Comum.

Os ataques externos eram motivados por um silogismo perverso: em um Estado economicamente pobre, o melhor empregador é o Governo Federal – portanto a universidade é um dos melhores empregos. Assim, valeria a pena ser nomeado para uma assessoria, um cargo de Professor Notório Saber – pois o importante era passar a fazer parte da classe média-alta do estado e recuperar sonhos perdidos entre a Casa Grande & a Senzala, voltando a ter direito a usar o chicote do avô Senhor de Engenho.

Durante alguns anos, especificamente nos anos 1980, alguns jornalistas e comunicadores – alguns deles brilhantes – reproduziram o discurso dos ataques externos à UFPB – regidos por interesses próprios (reprovação em concursos, não nomeação para assessorias) plantando junto à opinião pública uma imagem negativa da instituição, o que muitas vezes levava os polígrafos a puro exercício de misoginia contra professoras que chegavam de outras culturas para lecionar em nossa universidade.

Por trás dos ataques externos propagados pela elite econômica, por formadores de opinião ou mesmo segmentos da sociedade, cujo imaginário social não se aproxima do conceito de universidade, o que sempre floresceu foi a lógica do empreguismo em um dos estados mais pobres da federação.

Mas devemos ser honestos: os mais pobres nunca participaram desses ataques externos, pois a eles durante muito tempo sequer foi dado o direito de pronunciar a palavra universidade, quanto mais reivindicar empregos ou cargos.

Depois de referenciar o quadro dos ataques externos à UFPB, vamos entrar no busílis da história: os ataques internos ou os butins burocráticos.

Manter uma instituição democrática em uma Paraíba ainda hoje pobre e sacrificada pela vaidade das elites ou por seus herdeiros decadentes não é fácil, porque suas ideologias – volições antagônicas – se espriam no interior da administração – construindo uma enorme distância entre o acadêmico e o administrativo.

O butim interno na UFPB legitima na luta desenfreada por cargos administrativos, controle de equipamentos, uso de pessoa como ‘gado eleitoral’ e projeção de um Ego abusivo contra os alunos.

Desse butim interno, participam o que eu chamo de “Piratas do Holerite”, que demarcam suas ilhas pessoais a partir dos recursos diretos e indiretos que se somam ao salário de professores.

Os Piratas do Holerite negociam em todas as instâncias, mas a que menos preferem é a acadêmica, pois geralmente não se qualificaram como professores e pesquisadores (existem algumas exceções) e preferem rondar os gabinetes ou praticar uma retórica política de envergonhar o menos preparado dos sofistas na Grécia antiga.

Para ser um Pirata do Holerite na UFPB é preciso saber negociar, falsificar números de portarias internas, dialogar com vários grupos, mesmo que alguns Piratas do Holerite sejam raivosos, mentirosos e odeiam a carreira acadêmica e ame apenas a possibilidade em usar a instituição em proveito próprio.

Neste contexto dos Piratas do Holerite, é que nasce um reitor que é nomeado sem o respeito da comunidade acadêmica. Ou seja: o reitor biônico é fruto desse butim interno – dessa falta de uma Ética da responsabilidade (para lembrar Max Weber) – vazio no qual poucos podem negociar tudo em detrimento de todos.

Ultimamente, um dos exemplos de falta d'Ética da responsabilidade se deu quando alguns diretores de centros de ensino se mantiveram no cargo (com aquiescência da reitoria) mesmo estando aposentados.

São essas mazelas internas, esses butins promovidos internamente contra a UFPB que fazem com que uma figura sem expressão acadêmica, refutada por seus pares, continue falseando o saber, truncando dados ensaísticos, se apropriando de trabalhos alheiros (segundo seus pares) se acha no direito de administrar uma universidade, que não é apenas uma instituição burocrática, mas um conceito universal.

Este reitor imposto é o impostor nascido da banalidade do mal na universidade.

06/11/2020

## A paixão pela leitura

---

**H**á uma diferença entre a paixão pelos livros e a paixão pela leitura. A paixão pelos livros forma colecionadores.

A paixão pela leitura forma leitores.

Foi minha paixão pela leitura que, lendo uma biografia de Walt Whitman, me levou ao belo conto Morte na sala de aula.

Morte na sala de aula é um texto magistral de Whitman que diz muito sobre a brutalidade dos professores e a inocência das crianças, o que em nossas práticas cotidianas nomeamos despreparo pedagógico.

Um belo texto que fomenta a paixão pela leitura ou a leitura de nossas paixões pelo mundo.

01/12/2020

## A pesquisa que não se vê aqui é enxergada lá: quando a pesquisa é tratada como coivara

O Grupecj – Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo – criado em 2002 sob minha direção na UFPB – foi objeto de análise na tese de doutoramento sobre Observatórios de Mídia Impressa no Brasil e em Portugal, defendida por Cristiane Parente de Sá Barreto na Universidade do Minho – Instituto de Ciências Sociais – Portugal.

O Grupecj chegou a publicar livros e um Dicionário de investigação do Cotidiano na mídia impressa paraibana.

Por falta de compreensão acadêmica o grupo deixou de existir, porque aqui se mata facilmente a vocação para pesquisador.

Os “gênios”, aqui, ignoravam as pesquisas do Grupecj!

Vejamos trechos da tese:

“Região Nordeste

GRUPECJ – Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo  
– 2002

Criado em 2002, o Grupecj – Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo, da

Universidade Federal da Paraíba – UFPB, é fruto de uma ideia de seu coordenador, Wellington Pereira, quando retornou de seu doutorado em Sociologia, na Université Paris V – Sorbonne, em 1999, com orientação de Michel Maffesoli. Sua missão é “pensar sobre a prática jornalística e seus efeitos no cotidiano”.

Pereira, que nos concedeu uma entrevista por e-mail, conta que após escrever a tese sobre a construção do cotidiano do governo Collor de Mello pela revista Veja, resolveu criar um grupo de pesquisa que estudasse a construção do cotidiano de João Pessoa – capital do estado da Paraíba, Nordeste do Brasil – nas narrativas dos jornais impressos.

A partir de 2002 o grupo passou a reunir-se semanalmente para leitura da bibliografia, apresentação de seminários internos e, em seguida, análises, tendo um recorte temático.

O resultado dessas análises vira publicações. Até agora são 10 livros impressos e um ebook.

Entre eles, “O príncipe lê jornais”, “Formas do Cotidiano” e um dicionário do cotidiano na imprensa paraibana – em dois volumes (impressos).

Por falta de apoio institucional, o Grupecj encerrou suas atividades em 2017.

## Como a filosofia pode auxiliar a sociologia

---

**N**a obra do filósofo italiano Giorgio Agamben, encontramos o exemplo claro de como a filosofia pode ajudar-nos, em termos metodológicos, a entender os fatos sociais, um dos atributos da sociologia. Isso é demonstrado em sua trilogia do Homo Sacer (o homem sagrado):

Homem Sagrado I - O poder soberano e a vida nua;

Homem Sagrado II - Estado de exceção;

Homem Sagrado III - O que resta de Auschwitz. Este terceiro volume interessa, particularmente, aos pesquisadores em linguagens midiáticas, a partir da assertiva de Adorno: “É impossível escrever poesia após Auschwitz”. Após a derrocada da Europa no período pós-nazista, a sensibilidade poética foi afetada. Tivemos a barbárie humana se transformando em barbárie estética; o sensível violentado pelas novas tecnologias mortíferas. Mas é próprio dos humanos reescrever suas tragédias em modos poéticos, como fizeram os gregos. Agora nos resta pensar, que nova poética teremos que engendrar depois dessa barbárie produzida pela Economia Financeira no Ocidente? “A Europa jaz em seus cotovelos”, assim disse outrora o poeta Fernando Pessoa. Então, quais são os procedimentos para uma nova sensibilidade? Alguns ainda não foram pavimentados com clareza pelos governos autoritários e reféns da Economia Financeira, desde a União Europeia até governos golpistas como este de Temer, mas são essenciais para construir uma nova ‘razão sensível’ (Michel

Maffesoli): a educação e o exercício permanente da leitura dos poetas contemporâneos. Assim, o medo de um “Novo Auschwitz” pode ser vencido através da poesia: a metafísica libertadora das amarras físicas das palavras; capaz de transformar todo leitor, independente de idade ou condições econômicas, em Ícaros da vida nua.

14/02/2016

## Pequeno manual de pesquisa afetivo-metodológica

---

1) O tema da pesquisa

Deve ser pensado considerando a temática exercitada pelo senso comum, isto é: aquilo de que todos falam, mas restam dúvidas quanto a suas contingências;

2) Delimitação do problema.

- É quando você sai da temática para o tema, isto é, parte do geral para o particular. Agora, você quer dizer, à sua maneira, (método) como pode se falar sobre o que todos falam;

3) Título

- É uma das coisas mais difíceis no mundo acadêmico. Alguns temem a polissemia dos títulos, a poética, por isso condenam a criatividade. Mas o título deve ser uma extensão do conteúdo;

4) Problema

- Alguns autores de manuais de pesquisa pensam que o problema de um projeto de pesquisa é o seu grau de relevância. Não considere isso. O problema de pesquisa está na verificação de suas conexões temáticas, ou seja, o que se torna claro ou não sob as superposições teóricas e metodológicas, a partir das quais se dialoga com o tema. Isto quer dizer, mesmo que haja vários pesquisadores debruçados sobre um tema, você pode melhorar a compreensão a partir de uma nova abordagem metodológica;

## 5) Hipóteses

- Ousaria dizer: não é apenas responder aos problemas que se apresentam durante a fase de contemplação do objeto de pesquisa (teorização), mas a capacidade em perceber a sonoridade, as formas, as cores dos problemas que vão sendo decifrados durante na construção do saber;

## 6) Justificativa

- É parte da pesquisa na qual o todo é igual ao nada e os nada's influenciam o todo. Toda justificativa deve ser afetiva;

## 7) Objetivos

- Nos objetivos, vamos construir metáforas sobre o universal, o singular e o particular, as quais vão estar inseridas nas fontes bibliográficas;

## 8) Metodologia

- Podemos estabelecer a metodologia como uma forma de afeto-táctil: empirismo, ou ideias: plano conceitual;

## 9) Referências

- Devem ser guiadas por bons telescópios e bússolas teórico-metodológicas;

## 10) Bibliografia:

- Um jogo de Damas no qual as pedras se movem com particularidades do jogo de Xadrez.

08/08/2016

## O artesanato da leitura

**E**xistem padrões ideais de leitura? Não! Mas se percebe quando a leitura não é processada naturalmente.

Quando o ato de ler se confunde com as sinonímias de aberrações bibliográficas (citações em demasia, imitações acadêmicas) a leitura nada mais é que um emplastro escondendo a marca das classes sociais.

O ato de ler sempre é natural e nunca naturalizado, doméstico sem ser domesticado, sábio sem demonstrar sapiência. Como Paulo Freire aprendemos que o ato de ler vai além da função representativa do signo, pois demonstra como os objetos interferem nas ações ou pragmáticas do discurso.

Mas como dizer na sala de aula contemporânea que a leitura é muito mais que decodificar imagens, palavras?

Ler é trazer ritmo e melodia nos olhos que se espalham pela cinética dos corpos. Ler se faz ação de por em movimento os sentidos humanos em sintonia com os movimentos do mundo. Os grandes leitores são as crianças, pois desconfiam desde cedo da possibilidade de ler um livro de cabeça-para-baixo. Então, por que não começar lendo o mundo ao contrário (de cabeça-para-baixo)? Isso nos ensinam os clássicos, pois são eles os reveladores das frestas entre o vivido, o dito, e o inaudito. Por isso não podemos estabelecer padrões de leitura ideais.

Ler é uma espécie de Olimpíadas dos sentidos (na qual o importante é participar) pois envolve tato, visão, odores (tudo que podemos aproximar).

Ao ler lendo sem soletrar conceitos, podemos entender que um cachimbo em sua forma pode não ser um cachimbo, como a suástica dos nazistas não é um símbolo da paz e do trabalho. A todos é dada a capacidade de ler, mas poucos prosseguem no exercício contínuo de descobrir o amor pela semiótica da vida, na qual tudo se empresta a ler, os gestos inefáveis, como diria Mário de Andrade.

O viver já pressupõe uma leitura do mundo-da-vida.

07/01/2014

## A sala de aula é o oráculo das culturas

---

**A** Educação não é autoajuda, mas autorreflexão. Educar é transformar aquilo que o poder institucional procura roubar da essência dos homens.

No Brasil, existe uma perversidade social que mata as crianças em idade de formação escolar. Tudo isso combinado em frases como estas:

“Este menino(a) não nasceu para estudar!”, ou “Pobre não estuda, trabalha”.

São artefatos ideológicos que vão minando o mundo das crianças e reforçando o modelo instaurado por Comenius no século XVII com a ideia da Didática Magna - transformando o ensino - do jardim da infância à universidade - em uma violenta divisão social do trabalho.

Ironicamente, no coração do capitalismo - os Estados Unidos da América - alguns educadores se preocuparam em restaurar o modelo de ensino das 7 artes liberais: gramática, retórica, lógica, matemática, música, geometria e astronomia. Essa foi mais uma tentativa fracassada de humanizar o ensino.

Nos meus 33 anos em sala de aula da UFPB vi poucos projetos pedagógicos claros, na área de Jornalismo, inscritos fora do ranço autoritário do funcionalismo tecnológico, pois neles ensinar era saber fazer, sem saber explicar - principalmente no Campo do Jornalismo e da Comunicação Social.

Alguns professores de jornalismo se acabrunhavam diante das ‘experiências’ comerciais das empresas jornalísticas; outros temiam os manuais de redação das grandes corporações midiáticas. Resultado: teoria e práticas estavam dissociadas.

Havia nessas graduações duas espécies de consistórios: 1) os cardeais da prática; 2) os cardeais da teoria.

Mas esse era o modelo vigente nos cursos de Comunicação Social ou Jornalismo na maioria dos estados brasileiros, pois a ordem era reproduzir modelos, pois pensar a junção de prática e teoria jornalística era um privilégio de pesquisadores do Sudeste.

A inversão ideológica das teorias no ensino da Comunicação Social ignorava ou “debochava” de autores como Luiz Beltrão, José Marcos de Melo ou tantos outros que ousassem pensar fora do eixo. Nesse clima, o que contava era a reprodução das teorias funcionalistas mal traduzidas dos manuais de jornalismo norte-americanos para a sala de aula sem nenhuma função pedagógica.

Na Universidade Federal da Paraíba, poucos professores reagem ao modismo teórico importado, outros - confiavam na sacralização das experiências e, como Homo Sacer (homem sagrado), punia os alunos com gritos e destemperos verbais - dignos de uma Dialética Negativa, segundo Adorno.

A justificativa era que faltavam equipamentos e só a técnica como ideologia protegeria os cardeais da ‘prática’, e a má tradução de textos, como *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (Walter Benjamin), acomodaria os teóricos em suas babéis.

Mas um dia chegaram as máquinas, os livros importados, a política de qualificação de professores rumo ao doutorado efetivada no governo FHC, que mais parecia uma corrida à Serra Pelada da ex-

celência cognitiva. Isso não melhorou a sala de aula, com algumas exceções muito positivas.

O que ficou valendo, na universidade pública e gratuita, paga por uma maioria que hoje não pode frequentá-la, foi o talento para a encenação das aves de rapina sempre ávidas em degustar pequenos privilégios - nem que por isso tivessem que acusar colegas do mesmo departamento de furtos - por estarem tentando criar um novo departamento ou atirar objetos em colegas indefesas numa reunião.

Estas aves de rapina - fingindo possuir doutorado e orientando com arrogância ou falsificando diplomas - sempre contaram com o apoio de grupos que formavam consistórios teóricos ou práticas, distanciando a universidade do seu fundamento principal: formar cidadãos.

Evidentemente, que esta alegoria sombria, alienada, digna da Caverna de Platão - é compreensível de forma mais clara por quem vive ou vivenciou este sistema de ensino. Mesmo assim, não conseguiu macular o talento e a beleza do afeto que alguns docentes e discentes exercem na sala de aula em busca das novas formas de saber.

Nesta simbiose entre uma pedagogia crítica e a vontade transformadora do educador é que muitos, sem consistórios, ainda lutam para que a morte da sala de aula não seja anunciada de forma espetacular em programas policiais.

Há um professor que se transformou em educado ao longo dos anos, mas este permanece desprezado pelas diatribes dos conchaves, dos arautos da retórica autoritária, às vezes, disfarçada em não violência em sala de aula.

É preciso pensar, como nos ensina o cientista húngaro István Mészáros, que educação não é mercadoria, portanto a universidade não deve se preocupar com o mercado, mas com a formação de seres humanos sensíveis, porque começam a fazer falta.

Depois de ter vivenciado todas essas contradições na UFPB, digo 33 anos de ensino e pesquisa e, de coração aberto, começo a caminhar em busca de novas ressonâncias harmônicas.

Dialeticamente, fica o aprendizado: a sala de aula é o oráculo das culturas.

## O professor e a arte de ministrar aulas

---

Uma disciplina representa o mapeamento cognitivo de objetivos específicos das ciências.

A forma de ministrar uma disciplina se denomina didática, e a maneira como se aplica as teorias e os conceitos definidores da natureza da disciplina pedagogia.

Mas uma disciplina se compõe ainda de dois elementos complementares à didática e à pedagogia: 1) o ensino; 2) a aula.

Ministrar aulas quer dizer: harmonizar o ensino e pedagogia, aula e didática, buscando o conhecimento.

Existem outros problemas inerentes às confusões estabelecidas entre disciplina e aula: existem aulas sem disciplina, disciplinas sem aulas. No primeiro caso, a didática é anulada pela precariedade pedagógica. No segundo, o lado precário é a didática.

Esses dois problemas denunciam outros aspectos sensíveis à construção do conhecimento em sala de aula: 1) disciplinas teóricas limitadas aos aspectos referenciais de obras “científicas”; 2) conceitos sem teorias - apenas utilizados de formas tautológicas; 3) ausência de contextualização histórica da produção de saberes; 4) falseamento do conhecimento através da cultura da informação; 5) percepção do diálogo científico como evento midiático.

Para escapar dos ardis escolares, podemos dizer: uma disciplina é uma estrela na galáxia do conhecimento, e a aula é a forma como observamos e falamos sobre estrelas e planetas.

A observação é a teoria; o falar o conceito. Ambos se afastam ou se aproximam da estrela dependendo do caminho escolhido: o método.

O nome da disciplina reflete a sua fala (conceitos), e a maneira como ela caminha (método).

Nosso desafio, enquanto professor, é construir uma disciplina para nos aproximar de uma “galáxia de conhecimentos”.

A primeira providência é entender qual é o nosso ponto de partida.

Através da aula, é que se dá a configuração espaço-temporal do conhecimento.

Sendo assim, ponto inicial é pensar a humanidade e não apenas o humanismo, pois este se tornou um apanágio do Iluminismo europeu.

Pensar a humanidade em termos didático-pedagógicos é criar caminhos (métodos) para que homens, mulheres, crianças caminhem livres, independente de etnias, orientações religiosas ou sexuais. Mas para isso se faz necessário que as Ciências Humanas percam o medo das subjetividades e admitam novos paradigmas.

Toda teoria vista em sala de aula deve estar em sintonia com a Ecosofia, a harmonia cósmica que impulsiona a vida dos seres na Terra, pois desta não devemos apenas aproveitar a crosta, o clima, os acidentes geográficos, mas as cores e sons da natureza.

A sala de aula é uma extensão da Terra-Pátria, no dizer de Edgar Morin, ou Terra-Mátria – como se diz na bela canção de Caetano Veloso.

Na sala de aula, temos a península de nossos sentimentos, ancorados entre mares, rios, manguezais que produzem as lágrimas do sumo de nossa existência.

Por isso, aula e disciplina se fundem – em sala – para gerar novos paradigmas – modelos – que são pontos de partidas e não de chegadas.

Não existem modelos acabados, nos ensinam o historiador das ciências Thomas Kuhn, os biólogos Maturana e Varela, a comple-

xidade de Morin, a crise paradigmática de Prigogine, a sociologia compreensiva de Max Weber, a Razão Sensível de Michel Maffesoli. Assim, estamos chegando quando partimos entre o orgânico e o inorgânico, material e imaterial, o químico e quântico.

Quantum não é valor de medida, mas de conexão: eis o que deve nos ensinar a sala de aula. Mas nada de explicar, pois explicar (do latim *explicare*) quer dizer dividir, cortar.

Nesse caso o ideal é pensar. E o pensamento deve estar para além do que nos oferecem a mídia, os conceitos lineares, as aulas sem disciplina, as disciplinas sem aula: buscar a palavra envolta na *techné* da vida cotidiana, que não é técnica instrumental, mas *métis* – capacidade de desviar o olhar do que se apresenta pronto.

Retirado o conceito da confusão sintática entre aula e disciplina, resta a palavra.

Mas a palavra do professor não é a única *sã*. Pode estar doente, febril, contaminada por Um relatório para uma academia pelos “Relatos de uma Academia” – bela narrativa de Franz Kafka.

Adoentado, o professor é um lobo acuado, uiva por estar perdendo seu objeto de desejo: o conhecimento.

Na perda parcial ou total do conhecimento, o professor – na maioria das vezes – se sente perdido entre a disciplina e a aula, mas não pode chorar: fácil é uivar.

Uivo de lobo castrado, circuncidado, inferiorizado pelas armadilhas do Estado. É quando o professor tenta aparar o rasgão no Casaco de Gógol e, como mero funcionário - pensar em passear pelos corredores do estabelecimento de ensino como fosse a Rua Nevsky com suas vitrines – manjedouras das fantasmagorias ocidentais.

Mas na saúde de seus dias – *sã* ilusão de poucos docentes – o professor nunca fecha o diário de classe. Parte com rosa na lapela,

martelo na consciência, pois a sala de aula exige – de forma nietzschiana – uma filosofia a golpes de martelo.

Filosofar a golpes de martelo é reconstruir o Todo que está constituído no Nada, e o Nada que resta no Todo.

Essa é a tarefa do professor que – ao longo dos anos – pouco a pouco – num enxerto entre cravos e rosas, foi se descobrindo educador; ora, Sísifo, ora, herói Pícaro diante dos desafios acadêmicos.

O martelo-filosófico esculpe um novo homem que vai aparando a cinética das pedras que se movimentam em sua imaginação. Nesse sentido, o professor sabe que tudo é dialógico – acidental e frugal: não parte, tampouco bate a porta da sala de aula.

15/10/2019

## A professora, o Pai Nosso e Hermes Trismegisto

---

**P**lotino, o filósofo do êxtase, amava a luz do amanhecer. Sabia que a teurgia dos deuses estava no encontro da luminosidade com as cores.

Por isto, o Pai Nosso - a oração matinal é alquímica, força que emana da Goetia à Cabala - dos hereges a Jesus Cristo.

Tudo isto sabia Adalgisa Jacinto: educadora e orientadora de várias gerações na pequenina Sumé (PB) de nossa infância - enquanto lia a história de Hermes Trismegisto e a Tábua das esmeraldas.

27/08/2020

## A balbúrdia universitária e a secularização do saber

---

**A**s grandes universidades europeias nasceram na Idade Média. Antes dos saberes serem agrupados na universidade, havia a predominância de colégios de instituições religiosas que ensinavam teologia e preparavam cidadãos para o poder clerical.

O ato de ler no Medievo era uma forma de controlar os bárbaros e ‘estar mais perto de Deus’. Nesse sentido, o controle do saber por parte do clero era totalitário, mas nunca totalizante, pois havia dissidência.

Uma das escolas dissidentes desse período era a de São Vítor - que funcionava em Paris, famosa pelo ensino da arte de ler e da Gramática, tendo em Hugo um de seus mais famosos discípulos.

Quase sempre, entre estudantes, os embates eram violentos, mesmo quando o latim estava afiado. Mas nenhuma cidade europeia, como Salamanca (Espanha), Bolonha (Itália), Paris (França) - para citar algumas das mais importantes - ousava desvalorizar sua universidade.

Alguns desses centros de conhecimentos ajudaram a fomentar o desenvolvimento econômico de seus países, a alavancar a fama das cidades-sede, como a Universidade de Paris - Sorbonne - criada em 1170.

Os franceses criaram a mística que a Universidade de Paris era uma ‘translatio studii’ -transferência de erudição “por meio da qual o centro mundial de ensino e aprendizagem passara do Egito Antigo

via Atenas para Roma e daí Paris”, como nos explica o historiador Colin Jones, em seu livro, *Paris - Biografia de uma cidade*.

Paris ainda não era a Cidade Luz - berço das grandes reformas urbanas, mas um charco, um ‘marais’, lamaçal, mas que já se orgulhava, no século XII, de sua universidade.

Além de uma grande produtora de conhecimentos, cuja formação se baseava no Trivium - lógica, gramática e retórica e no Quadrivium - aritmética, geometria, astronomia e música, a Universidade de Paris atraía cidadãos do mundo inteiro - gerando riqueza socioeconômica.

Como em algumas cidades do mundo contemporâneo, Paris medieval se confundia com sua universidade; esta, com a cidade. Por isso, estudantes e professores eram protegidos pelas autoridades mesmo em detrimento de algumas balbúrdias, como explica Colin Jones:

“Uma pancadaria entre membros da cidade e da universidade numa taverna da margem esquerda em 1200 deixou cinco estudantes mortos, os estudantes então ameaçaram deixar Paris caso sua queixa não fosse adequadamente ouvida. Felipe Augusto colocou todos os estudantes sob a jurisdição episcopal em vez de sob a justiça laica administrada pela corte de Châtelet (...) o ato real tornou estudantes e professores clérigos uma entidade corporativa, os colocou sob jurisdição mais do papado que do Estado”.

No Brasil dos anos 2000, a balbúrdia está distante dos sopapos retóricos e agressões aritméticas trocados à margem esquerda do rio Sena (Paris), porque ela é promovida por um governo que insiste em matar a produção de saberes através do corte de verbas destinadas às instituições públicas de ensino.

Evidentemente, temos oradores brilhantes e apaixonados como Abelardo e sua Heloísa - em suas lutas pela popularização dos saberes a margem esquerda de nossos rios, mas o problema é que o

governo promove o Genocídio Cognitivo de nossas universidades e não temos sequer a quem reclamar.

Assim, é fácil matar as universidades acusando-as de balbúrdia, quando esta representa o grito pela secularização do saber.

06/05/2019



## Parte II

# Quotidiano e midiocracia

## Jornalismo crítico ou clínico?

---

O ensino de Jornalismo no Brasil dos anos 1980 era considerado um ofício no qual os professores ensinavam e os alunos aprendiam técnicas de anúncio dos fatos sociais com base nas regras do jornalismo norte-americano.

Nos cursos de Comunicação Social, as disciplinas de Jornalismo, raramente, dialogavam com as de caráter teórico, que se resumiam ora à Teoria da recepção, ora à Teoria crítica - que tinha como questão de fundo a análise marxista dos fenômenos da comunicação de massa através da Escola de Frankfurt, da teoria da dominação e alienação provocadas pelos meios de comunicação ou da massa disforme ideologicamente que habitava os grandes centros urbanos.

Com raríssimas exceções, os professores de Jornalismo eram vistos como possuidores de uma contribuição sociológica ou filosófica para o enriquecimento do campo de produção de informação em escala industrial.

Os teóricos da comunicação viam o ensino de Jornalismo como uma guilda medieval na qual o operário trabalhava com as ferramentas do patrão para produzir mercadorias a partir do positivismo técnico, cujos emblemas eram o Lead e a Pirâmide invertida - recursos de apresentação e organização da informação - respectivamente - implantados no país dos anos 1950 sob influência dos americanos do norte.

Ao mesmo tempo, as Teorias da comunicação se dedicavam à luta contra os ardis político-ideológicos dos meios e seus efeitos numa sociedade de massa – sob a tutela de conceitos marxistas como: alienação, valor de uso, valor de troca, mais-valia.

Teorias funcionalistas, sociológicas ou disfuncionais eram debatidas em sala de aula sem a devida contextualização histórica, tendo a prática jornalística como razão instrumental.

O Jornalismo era considerado um campo meramente técnico – mais que tecnológico à época – não contava com o auxílio das ciências humanas. Por isto, pouco se falava de uma Sociologia do Jornalismo (mesmo que o texto de Max Weber sobre o poder da imprensa diante do Parlamento alemão fosse difundido no início do século XX).

Não havia estudos linguísticos aplicados ao Jornalismo, tampouco uma discussão sobre as técnicas etnográficas de possíveis utilizações pelos jornalistas. Assim, o Jornalismo era terra de polígrafos, tanto na teoria quanto na prática, porque havia a pretensão de praticar jornalismo aos moldes beletristas do século XIX.

Só a partir do primeiro decênio dos anos 1980 é que o ensino de Jornalismo vai sofrer uma grande transformação, deixando de ser um mero exercício de oficinas gramaticais para se engajar na investigação das formas narrativas que habitam o jornal impresso e suas categorias.

Na UFPB – Universidade Federal da Paraíba – a transformação do campo jornalístico teve o professor doutor Luiz Custódio como pioneiro em um diálogo transversal com três grandes pesquisadores: Luiz Beltrão, José Marques de Melo e Cremilda Medina.

O professor pernambucano Luiz Beltrão, nos anos 1960, militante da esquerda católica, foi precursor da classificação de categorias e gêneros jornalísticos no Brasil, demonstrando haver mais comple-

xidade nas relações entre os textos dispostos na página impressa do que imaginava a ‘turma das teorias’.

O alagoano José Marques de Melo, primeiro doutor em Jornalismo do país, docente da Universidade de São Paulo – USP – trouxe para o Jornalismo uma metodologia que aglutinou as teorias de Beltrão com as inovações em pesquisa na área de comunicação de massa, sobretudo a sociologia estética de Gilberto Freyre e do alemão Georg Simmel.

Cremilda Medina, de origem portuguesa, mas coração gaúcho, contribuiu para a introdução de conceitos da filosofia pós-moderna no Jornalismo, sobretudo a aplicabilidade da Teoria do Caos (Ilya Prigogine) na interpretação dos fatos jornalísticos.

Nos meus anos de graduação, tive a satisfação de ser aluno do professor Luiz Custódio na UFPB, participei de alguns seminários com a professora Cremilda, e tive a honra de dividir mesas com José Marques de Melo tanto no Nordeste quanto no Sul do Brasil.

Desde o meu início como docente, no Curso de Jornalismo da UFPB, me esforcei para fortalecer a pesquisa em Jornalismo – sobretudo na relação entre a informação jornalística e a vida cotidiana.

Em 2002, depois do doutorado, criei o Grupecj – Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo – com 11 livros publicados sobre a Imprensa paraibana – e pesquisadores que galgaram o topo da titulação acadêmica em diversas universidades brasileiras e estrangeiras.

A minha preocupação hoje é reforçar a quebra do dualismo jornalístico, informação ou opinião, crítica ou alienação, aproximar o campo jornalístico da filosofia de Deleuze, Spinoza e Bergson, precisamente, para que possamos pensar um jornalismo crítico, mas também um Jornalismo Clínico.

O Jornalismo Clínico ultrapassa os limites da esquizofrenia informacional da sociedade midiática – pois além de apontar, através da crítica os problemas sociais e os estragos causados por eles, demonstra as formas de cuidado – a clínica – que devem libertar os cidadãos dos afetos tristes, como o medo, a depressão, a busca do ‘instante eterno’ através do consumo.

No Jornalismo Clínico, o discurso dos especialistas não é mais importante que a fala antropológica dos líderes comunitários, pois o que deve predominar é o imaginário de cada povo.

O Jornalismo Clínico exige que o jornalista esteja bem formado a partir da complexidade social para que possa narrar os fatos sociais em suas nuances mítica, estética, e filosófica, pois uma guerra surda entre narrativas empobrece a intuição e a razão.

23/10/2020

## A mídia e as metáforas sociais

---

“Se não fossem as metáforas a gente não voltaria para casa”.

A frase do cineasta francês Jean-Luc Godard contribui para o entendimento do uso da metáfora na vida cotidiana.

Metáforas são transportes que aproximam ideias de sensações imediatas.

As metáforas são pontes de significação que regem os signos de nossa imaginação.

Na vida cotidiana, a metáfora é uma ferramenta segura para evitar o peso conceitual das linguagens totalitárias, porque o uso metafórico está ligado diretamente ao imaginário de cada grupo cultural.

O manejo de metáforas na literatura ajuda a compreensão entre os tempos verbais, retorno do presente ao passado, tanto no caso da sonora lembrança das madeleines (bolinhos) de Proust, como nas sensações de assimetria dos olhos de Capitu, a grande metáfora de Machado de Assis.

Na sociedade pós-moderna, a mídia é a grande produtora de metáforas, principalmente no campo comercial, mas sobretudo no uso dos gadgets eletrônicos.

No recente livro do sociólogo polonês Zygmunt Bauman publicado no Brasil, *O Elogio da Literatura – um diálogo com Riccardo Mazzeo* – no capítulo 8 – os dois discutem quais são as principais metáforas do séc. XXI.

Mazzeo fomenta a discussão sobre as metáforas do século XXI a partir da afirmação de outro escritor italiano, Stefano Tani, professor de Literatura, que as define: 1) as telas, 2) o mal de Alzheimer, 3) o zumbi.

A discussão provocada por Mazzeo, de acordo com a assertiva do professor Stefano Tani, gera uma bela reflexão por parte de Bauman. Mas o que nos interessa não são as respostas do sociólogo polonês e sim como podemos interpretar a interferência dessas metáforas na vida cotidiana.

Do ponto de vista midiático, a metáfora das telas é um dos exemplos de mudança de comportamento do homem pós-moderno urbano.

A tela de qualquer aparelho eletrônico, principalmente dos celulares, se constitui em novos oráculos – desta vez não mais respondendo a enigmas, mas interferindo nas ações cotidianas.

O telos do Homo Eletronicus é a tela.

O Homo Eletronicus vive em tela e para a tela, gerando diálogos e prazeres em telas.

Um dos telos da tela é a selfie.

Em selfies, homens e mulheres querem se mostrar ao mundo; tornando suas aparências e ideias públicas – provocando o surgimento de uma ágora sensual na qual a luta retórica se dá contra o esvaziamento mental e existencial.

## A mídia e a palavra

---

A palavra é o Gênesis de todas as mídias. Na Cultura ocidental a palavra dá à luz ao Logos e ao verbo, a toda imagem e iconografia que não podem ser explicadas sem o uso de palavras.

Se a razão diz que uma imagem vale por mil palavras é difícil explicar isto prescindindo de palavras.

A palavra é o significado e o significante, o conteúdo e a forma na produção dos discursos ocidentais.

Platão e Aristóteles criaram regras para embalar as melhores palavras, através de uma rigidez retórica, mas foram os sofistas que dessacralizaram e popularizam o uso da palavra.

O Cristianismo subverteu ordens semióticas a partir da filosofia medieval de Santo Agostinho; partindo do significante ao significado (este é o corpo, este é o sangue de Cristo) usando o código verbal como reino da semiologia (Linguística) dominante em relação às outras formas de linguagens (Semiótica).

A palavra na Cultura ocidental é larva e borboleta, cores e sons, istmos que preenchem o vazio das ideias nas formas comparativas ou imaginativas das realidades.

Palavra na mídia é *mot de passe* (senha) para proteger ou revelar contextos culturais em suas nuances – diferenciações tratadas na complexidade social.

Na Modernidade, o cinema deixou de ser mudo e fez sua transição para a nova forma cinematográfica que inclui a palavra com signos pontuadores das imagens. Assim, a palavra-cinematográfica renovou a arte do roteiro e deu destaque à fala.

O rádio, considerado um dos mais importantes meios de comunicação de massa, tomou para si o domínio da palavra no plano socrático: a sonoridade da fala (Linguística) que gera formas imagéticas de discursos (Semiótica).

No Ocidente vivemos sobre o reino da palavra, ora encarnada em Logos, ora em Verbo. Pois todas as formas artísticas quando necessitam de explicação recorrem a referencialidade das palavras.

Mas a palavra não é apenas mera técnica instrumental. Ela é também produção de beleza, como acontece com a poesia e as letras das canções de grandes compositores populares ou palavras pintadas.

Palavra puxa palavras que geram novas formas estéticas. Portanto, na mídia as palavras ainda exercem forte poder de significação.

Quando a mídia se endereça ao Reino das Palavras, em geral, ela admite o uso de diversos gêneros narrativos: jornalismo, radiojornalismo, telejornalismo, telenovelas, transmissões esportivas, narrativas de entretenimento, o talk-show. Por isto, a mídia na palavra requer léxicos e sintaxes diferentes.

Uma das formas de se perceber a relação da mídia com as palavras está, justamente, no enriquecimento da sintaxe dos conceitos oferecidos pelos mecanismos de busca nas mídias digitais como o Google, por exemplo.

Por trás do Google, este castelo de cartas ou peças de dominó fornecedor de conceitos, conteúdos, está justamente uma palavra: algoritmo.

O algoritmo é a palavra que gera e controla imagens, sons, discursos, iconografias fornecidas pelos mecanismos de busca. É a engrenagem do mundo digital que fornece significados em série.

Em seu livro, *Palavras – maravilhas da língua portuguesa*, Paulo Caliendo afirma:

“O algoritmo é o latim de nosso tempo. É linguagem culta e secreta de nosso mundo daqueles capazes de ler para além das aparências de aplicativos celulares, computadores e dizem até geladeiras”.

Novamente, uma palavra, algoritmo, mostra que pode ler o mundo para além das formas aparentes, o que está contemplado pela filosofia de Santo Agostinho, mas também pela semiótica de Wittgenstein.

Assim, na relação entre palavra e mídia, mídia e palavra, o algoritmo é o oráculo do mundo pós-moderno.

## Mademoiselle mídia e a promiscuidade com ditadores

---

Nunca uma mentira mudou a temporalidade para fazer mal a um povo como o Golpe Militar de 1964 no Brasil, que aconteceu no dia Primeiro de Abril (Dia da Mentira), mas foi posto oficialmente na História tendo acontecido em 31 de março.

As ditaduras são assim: modificam as temporalidades para dominar e subjugar os cidadãos aos seus projetos de assepsia social.

A história do Golpe Militar de 1964 é uma extensão da frágil república implantada no Brasil pelas elites e seus militares de forma atrasada – em 1889 – quando a maioria dos países do continente era republicana.

Em seu livro, *Pequena História da Ditadura Brasileira – 1964-1985*, José Paulo Neto traça um perfil de nossa instabilidade político-republicana que vai de 1889 até os anos 1960.

Nesse período de inseminação artificial de nossa república, Paulo Neto nos informa:

“...um presidente renunciou ao cargo( Deodoro da Fonseca, em 1891); outro foi derrubado (Washington Luiz, em 1930); um terceiro, Getúlio Vargas, que o movimento de 1930 levou ao poder (impedindo a posse de Júlio Prestes), instaurou a ditadura do Estado Novo (1937), foi deposto por um golpe em 1945 e, eleito em 1950, suicidou-se em 1954, respondendo à iminência de um outro golpe. Antes, um presidente não concluiu seu mandato (Afonso Pena, que morreu no exercício da presidência, em 1909) e outro não chegou a ser empossado (Rodrigues Alves, eleito em 1918, faleceu antes de assumir(...))”.

A longa citação extraída do livro de José Paulo Neto demonstra que a República brasileira cabe muito bem em um enredo de Shakespeare. Mas não tem o caráter restaurador da moral e dos bons costumes das tragédias gregas.

Na sua juventude, no afã de exercitar o modelo social imposto à Europa pelo positivismo, tanto nas ciências quanto na política, a República brasileira desconhecia o Brasil.

Ao desconhecer os brasis os republicanos brasileiros armaram seu exército contra os movimentos messiânicos que, aos olhos positivistas, eram antimodernos e ameaçavam a estabilidade da República.

Numa guerra fratricida, o exército que representava o Estado moderno se lançou contra os seguidores de Antônio Conselheiro em Canudos – no sertão da Bahia.

Derrotados pelas condições climáticas, pela vegetação de caatinga na maioria das batalhas, os militares contavam com o auxílio da mídia da época – os jornais impressos – cuja maioria dessas publicações enxergava nos nordestinos uma sub-raça, quase humanos – perdidos no tempo.

Não fossem as crônicas de Machado de Assis – que à época atuou como um verdadeiro ombudsman (crítico interno de jornais ou instituições), o preconceito tinha sido ainda maior.

A República brasileira do século XIX dava as mãos ao sensacionalismo jornalístico, embora reivindicasse a cientificidade positivista dos europeus para se apresentar como nova forma de organização do poder.

A mídia e a ditadura no Brasil vão estreitar os laços, mais precisamente com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961.

Jânio governou por apenas sete meses – de 31 de janeiro a 25 de agosto de 1961. Era um histriônico. Não tinha programa de governo, mas agradava à imprensa.

Alguns historiadores gostam de lembrar que um dos motivos da ‘renúncia’ de Jânio Quadros foi a comenda que outorgou ao líder da Revolução Cubana, Ernesto Che Guevara, irritando os segmentos conservadores da sociedade brasileira.

Mas onde estavam os jornalistas e os intelectuais de esquerda da época? Presos ou aliados pelo Estado Novo de Vargas; que quase dizimou parte da *intelligentsia* brasileira.

A partir do conflito para se empossar ou não Jango começa um longo período de promiscuidade entre a mídia brasileira e a República que, através do Golpe Militar, instala, oficialmente, por mais de 21 anos – 1964-1985 – uma das mais mortíferas ditaduras militares do mundo – cujos campos de concentração funcionavam ao ar livre.

O namoro da mídia brasileira com os ditadores militares começa com a implantação de um sistema de comunicação capaz de cobrir todo o território nacional, através das novas tecnologias via satélite.

Enquanto os jornais impressos e algumas revistas agonizavam nas mãos de censores ad hoc, os setores de telecomunicações cresciam abruptamente – em especial o de telefonia – pois a ideia era ligar o Brasil de ponta a ponta.

As artes, música, teatro cinema, literatura eram objetos de investigação policial por parte da censura, mesmo que o autor da peça se chamasse Sófocles e tivesse existido a.C.

O Congresso foi fechado. Estudantes e trabalhadores torturados, mulheres estupradas ou empaladas, enquanto o torcedor brasileiro gritava gol de Pelé, Jairzinho ou Tostão na Copa do México de 1970, enquanto a mídia televisual vendia cigarros e uísque importados.

Parte da grande mídia tirava proveito da situação, especificamente as emissoras de TVs, como a Globo, o SBT e a Manchete.

A TV Globo foi acusada de forjar contratos com o grupo norte-americano Time Life, o que foi motivo de uma CPI (como sempre terminou em pizza).

O SBT foi um presente dos militares ao bom camelô Sílvio Santos por serviços prestados à República.

A TV Manchete nasceu dos espólios da extinta TV Tupi, que perdeu o patrimônio por conta de dívidas trabalhistas. Mas sendo do grupo Associados (Assis Chateaubriand) ainda manteve um condomínio de jornais e emissoras de rádios por todo o Brasil.

Os grandes jornais reagiam da forma como podiam e se arriscavam.

O jornal Estado de S. Paulo, para advertir aos leitores mais atentos, publicava receitas de bolo no espaço das matérias censuradas.

No jornal do Brasil, o criativo editor Alberto Dines aumentava o tipo das letras para denunciar as mazelas da Ditadura Militar, entre elas, o assassinado do jornalista de origem judaica Vladimir Herzog – editor de jornalismo da TV Cultura – que morreu sob tortura nas dependências do Doi-Codi em São Paulo.

A grande resistência midiática à Ditadura Militar no Brasil se deu, até a redemocratização, através dos jornais alternativos, como Pasquim, Movimento, Coojornal – entre outros.

O Pasquim, especificamente, teve um papel importante: corroer a ditadura por dentro através do humor – da caricatura; de um gênero jornalístico que passou a ser valorizando no Brasil: a entrevista.

Passados esses anos de violência, medo e insegurança social, eis que o ceticismo-cínico de nossa grande imprensa ainda prefigura um cenário de afastamento das lutas democráticas do nosso povo – fazendo crer que a Democracia é uma forma de suportar, também, agressões à inteligência de uma nação.

E a velha promiscuidade da *mademoiselle* mídia com os ditadores.

## A mídia e o animismo tecnológico

---

Com o surgimento da Internet das Coisas ressurgem a questão que tem intrigado desde tempos remotos a Filosofia ocidental: a relação entre o ser e as coisas.

A res-extensa (coisa) e o cogito (eu) voltam a polarizar as noções de tempo e espaço no mundo pluridimensional da pós-modernidade.

Desta vez, atributos do eu passam a ser amplamente dominados pelas coisas, como a fala, os movimentos cinéticos e as estratégias de sedução para a conquista de um objetivo.

Com o Animismo Tecnológico, os objetos falam, pensam e, o mais incrível, têm alma.

A internet das coisas em uma única ‘tacada’ resolveu o problema da distância filosófica entre o Ser e o Mundo tão caro ao filósofo alemão Heidegger (Meßkirch, 26 de setembro de 1889 – Friburgo em Brisgóvia, 26 de maio de 1976).

Assim, uma nova metafísica se impõe e o homem não é mais um ser para morte (como pensava Heidegger), porque ele agora é o Dasein (ser-ai) em cima da mesa, nas prateleiras, orientando a navegação de pedestres em corridas matinais.

Este Animismo Tecnológico que dá vida física e metafísica aos objetos eletrônicos não é novidade, pois traz a herança do Estruturalismo – círculo no qual os pesquisadores resolveram pensar o mundo a partir das novas ‘estruturas de linguagens’.

Nestas estruturas de linguagens, o importante era perceber novos significados além daqueles sentidos pelos homens, o que podemos chamar de percepto, conceito criado pelo filósofo francês Gilles Deleuze (Paris, 18 de janeiro de 1925 — Paris, 4 de novembro de 1995).

Os perceptos – com a licença de Gilles Deleuze – são sensações olfativas, virtuais, afetivas transpostas do ser humano aos objetos para que neste Animismo Tecnológico as coisas falem, se expressem em um processo de comunicação diária com os consumidores dos diversos nichos da sociedade de consumo.

A relação entre os seres humanos e os objetos na sociedade moderna se legitimou, primeiramente, como a autenticação do uso de sistema de controle, como bem nos ensinou Michel Foucault (Poitiers, 15 de outubro de 1926 — Paris, 25 de junho de 1984) em seu livro, *Vigiar e Punir*.

O objetivo desses sistemas de controle era dominar através da disciplina imposta às manifestações humanas consideradas desregradas, capazes de ameaçar a ordem pública e o modelo de poder baseado no Monarca Absoluto.

Com o Animismo Tecnológico, são as ‘coisas’ que passam a reger as ações do homem, pois criam a ilusão que cada gesto humano é uma extensão natural do estruturalismo tecnológico aplicado à indústria ou à vida doméstica.

Antropologicamente, neste Animismo Tecnológico, estaríamos condenados a pensar que a corrente que prendia o escravo no sistema latifundiário era uma extensão da organização do trabalho, a tornazeleira eletrônica usada por criminosos um símbolo de justiça.

Este é o problema do Animismo Tecnológico: esconde as formas de poder e punição da sociedade midiática.

## Mídia, luto e escatologia

---

Há três fatos sociais que transformados em acontecimentos midiáticos revelaram as rupturas entre a História e o acontecimento factual no mundo contemporâneo.

Estes três acontecimentos envolvem o modo como a retórica midiática opera em nosso imaginário urbano social: selecionando o que deve ser dito e mostrado, transformando acontecimentos históricos em eventos.

O primeiro fato aconteceu em João Pessoa – Paraíba – quando um casal classe-média (saindo de uma festa de réveillon) atropelou e matou em via pública um pedreiro que – no primeiro dia do ano 2020 – se dirigia ao trabalho.

O segundo fato diz respeito à perda da noção de luto público na sociedade ocidental, ou seja, nossos corpos perderam a dimensão pública – o valor de ser velado com direito ao solo pátrio.

No terceiro, podemos recordar a maneira como a mídia ocidental tratou a renúncia do Papa Bento XVI, que renunciou ao trono de Pedro.

Quais seriam os elos entre estes três acontecimentos que foram transformados – com força retórica – em eventos midiáticos?

Para responder à questão posta, vamos recorrer a dois filósofos contemporâneos, Judith Butler – militante feminista, uma das autoridades em pesquisas sobre gênero e sexualidade, em seu livro, *Vida precária: os poderes do luto e da violência*; e Giorgio Agamben, filósofo italiano, discípulo de Walter Benjamin e Hannah Arendt,

um dos mais importantes filósofos europeus contemporâneos, através do seu livro *O mistério do mal: Bento XVI e o fim dos tempos* – sobretudo no ensaio que trata d’o mistério da Igreja.

Começando, como dizem os sábios, pelo começo podemos tentar compreender o que significa a morte de um trabalhador ou de um cidadão simples na escala midiática. Significa apenas mais um registro de violência de acordo com o modelo anunciativo do jornalismo informativo – mesmo que a TV mostre imagens – e todo o drama familiar.

O debate sobre a morte do pedreiro foi polarizado – como na *Ida de Média* – entre quem tem o direito de viver e quem deve morrer sob os auspícios dos senhores de posse.

As vítimas da violência cometida em espaços públicos, contraditoriamente, são automaticamente riscadas de uma perspectiva humana pelas mídias, tratadas de forma dramática e não trágica.

Uma das primeiras reflexões que Judith Butler faz em seu livro sobre as vidas precárias é: “... quem conta como humano? Quais vidas contam como vidas?”.

Veiculada pelos jornais, emissoras de rádio e TVs – a vida do pedreiro morto é drama e não tragédia – no sentido grego, porque o drama apenas expõe os fatos – com intensa carga retórica – a tragédia procura restaurar os sentidos éticos de uma sociedade.

A morte do pedreiro deveria servir como tragédia (narrativa) para que as leis de trânsito e a convivência social em um país civilizado estivessem em harmonia. Mas o que se observa é a continuidade das forças desproporcionais de poder entre os que estão vivos e os que vivem ‘quase’ mortos na sociedade de consumo.

O segundo percurso deste pequeno ensaio diz respeito ao luto e parte, mais uma vez, de uma reflexão de Judith Butler: “O que concede a uma vida ser passível de luto?”.

Particularmente, esta é uma questão que nos remete à tragédia grega de Sófocles, *Antígona*, um dos mais belos textos sobre a relação que temos com os mortos no espaço público.

*Antígona*, filha de Édipo, tenta enterrar o irmão – Polinice – mas é proibida pelo rei Creonte. A partir deste fato, a tragédia demonstra a relação entre o luto e o espaço público, o reconhecimento entre os corpos que são e os que não são reconhecidos pelo Estado.

O que nos demonstra Butler, em seu livro, é que as minorias sociais são ‘percebidas’ pela vulnerabilidade de seus corpos, sujeitos a todo tipo de violência, vivendo publicamente expostos aos diversos tipos de mortes, mas sem direito ao luto.

A perda de um familiar para as classes economicamente mais pobres se torna melancolia e não luto, ou seja, uma vagarosa peregrinação em busca do que foi perdido.

Como diz Judith Butler, algo se esconde na perda. Mas não se esclarece, realmente, o que perdemos, pois o discurso midiático trata essas mortes como eventos temporais, negando que este luto seja público e tenha um senso de comunidade.

Ninguém se responsabiliza eticamente pelo luto (como queria *Antígona* na tragédia de Sófocles), por isso os pobres não morrem, porque já estão mortos.

O terceiro e último liame desses fatos diz respeito à escatologia – as prefigurações imaginárias do fim do mundo.

Se numa frase que, teologicamente, ainda soa confusa, Nietzsche anunciou que Deus estava morto, podemos dizer que para nossa eterna agonia: não haverá Apocalipse. Isto ficou demonstrado com a renúncia do Papa Bento XVI em 28 de abril de 2009.

Bento XVI depositou o pálido no túmulo de Celestino V, que também renunciou ao papado em 1294, como nos informa Giorgio

Agamben em seu livro citado. Mas o que a renúncia de Bento XVI tem a ver com mídia, luto, escatologia?

A tentativa de resposta, mesmo auxiliado pelo filósofo italiano, é arriscada. Mas podemos tentar: Bento XVI renunciou porque não viu mais na igreja uma relação direta entre legitimidade e legalidade.

A forma de conduzir a política no ocidente caiu no abismo entre a legalidade e legitimidade. Por isso, Agamben afirma que a ilegalidade é difundida porque os poderes perderam consciência da legitimidade. E mais grave:

“(...) legitimidade não pode ser resolvida somente no plano do direito. A hipertrofia do direito, que tem a pretensão de legiferar sobre tudo, revela, isto sim, através de um excesso de legalidade formal, a perda de toda legitimidade substancial”.

Com esta assertiva de Agamben, podemos refletir que sem legitimidade, mas insistindo na ‘legalidade’, algumas instituições acabam valorizando a violência, o não reconhecimento humano, a perda do luto e, no caso da Igreja, o adiamento da Parusia – a vinda de Cristo, o que desvaloriza todo o sistema escatológico como conhecemos até hoje.

Portanto, estamos condenados a viver neste vale midiático de violências sem lágrimas humanas.

## A mídia e o paroxismo da indiferença

---

**A**s relações entre as mídias e as sociedades têm se pautado por trocas simbólicas velozes.

No campo midiático, os contatos – na maioria das vezes – não exigem um repertório complexo, porque o importante é assinalar as formas referenciais da comunicação.

Há comunicações midiáticas de baixo impacto que invadem o cotidiano das pessoas substituindo o diálogo presencial, como o WhatsApp, Twitter e similares.

Essas comunicações mediadas a baixo custo geram a ilusão de uma comunicação direta e sem controle que preenche as retóricas do cotidiano ou, como poderiam dizer os gregos, a Oikonomia – o cuidado e manutenção dos setores privados do lar.

Mas é bom lembrar que toda essa comunicação tem o seu volume de troca simbólica realizado no espaço público, em virtude do rompimento das barreiras físicas e temporais pelas novas tecnologias.

São consideradas comunicações de baixo impacto estes diálogos construídos com a mediação de celulares, tablets, notebooks etc. porque não exigem por parte do Estado – ao menos é o que se espera – um rigoroso controle policial, antidemocrático. Mas elas modificam as formas de convivência no cotidiano.

Uma das modificações provocadas por estas comunicações de baixo impacto no cotidiano é a criação de um ‘individualismo mudo’, no qual o diálogo através da palavra dita, sem a mediação de um

médium eletrônico, é quase impossível. Isso pode ser constatado em ambientes de espera que buscam a atenção de algum especialista.

Ao entrarmos em um consultório ou escritório empresarial, até mesmo em uma sala de aula, podemos constatar que há uma espécie de ‘dobras do tempo’ – no sentido arquitetônico do Barroco – em que as pessoas consultando seus celulares não estão aptas a responder os nossos cumprimentos, quer sejam de bom-dia, quer sejam de boa-noite.

Nessas relações, constatamos que, desde estas mídias de baixo impacto (ou baixo custo), se desenha uma nova percepção temporal que vai distanciar os indivíduos de suas relações objetivas e criar uma ‘aparente’ subjetividade que gera o paroxismo da indiferença.

O paroxismo da indiferença se dá quando a maioria dos seres humanos (urbanos) abandona a importância do diálogo direto e passa a depender de uma relativa liberdade em dialogar com outras pessoas que não se encontram no mesmo espaço físico através da mediação eletrônica.

A comunicação de baixo impacto, regida por necessidades ad hoc, gera o outro nível de subjetividade que isola o presenteísmo dos corpos no espaço físico, ou seja: quem está presente pode ficar incomunicável se não estiver usando seu médium eletrônico para se comunicar com outrem.

Diferente das comunicações de alto-impacto – praticadas pelas mídias de mercado – que negociam informações – inclusive falsificadas – as comunicações de baixo-impacto têm servido para isolar do contexto físico, obrigando-os a um isolamento verbo-visual.

Este é o modelo do paroxismo da indiferença na comunicação cotidiana.

## As regras nada elementares da vida midiática

---

A apresentação da vida cotidiana nos jornais, revistas, emissoras de rádios e TVs deve ser pensada a partir das modulações narrativas que procuram reter ou fazer circular o discurso dos atores sociais.

O desafio dos leitores de jornais, revistas, telespectadores e ouvintes no cotidiano ante as regras nada elementares da vida midiática é entender como as relações assimétricas, multiformes, violentas podem ser representadas nas mídias através dos códigos verbais e de estratégias argumentativas presas à ideia de uma razão dominante, objetivamente verticalizada pelos poderes políticos.

Enquanto receptores midiáticos, podemos escolher alguns caminhos para entender como a construção da vida cotidiana através das mídias acaba se reduzindo a proposições argumentativas que distanciam os cidadãos dos níveis de interpretação das realidades, ou seja: o que é real na mídia se constrói através de simulações de referentes socioculturais idealizados.

Portanto, a vida midiática se estabelece como índice de classificações sociolinguísticas, o que exclui sujeitos de falas consideradas menos competentes no funcionamento das performances capitalistas.

Neste sentido poderíamos ensaiar o seguinte raciocínio: aquilo que parece representar a realidade dos fatos, através de imagens, palavras e traços gráficos, nada mais é do que a conversão simbólica de um modelo social determinado pelos donos da economia ou por

atores políticos representantes dos sistemas de controle do imaginário das culturas populares.

Na linguagem midiática, a dominação se evidencia a partir das normas discursivas. Assim, há normas para dizer, ouvir e ver os fatos sociais.

Os discursos midiáticos constituem um mundo no qual a descontinuidade dos fatos é concebida em intervalos temporais programados para evitar qualquer capacidade do indivíduo conectar fatos históricos.

Na narrativa midiática, os fatos e eventos são enquadrados em um modelo funcional-argumentativo da linguagem.

Nessa narrativa, aparece a noção do mundo referencial, ou seja, mesmo que as ações sociais tenham a veracidade legitimada apenas no aqui e agora.

As contradições das regras nada elementares da vida midiática se evidenciam na pretensão de representar o cotidiano através de uma linguagem objetiva, racional.

Para que o cotidiano não caia nas armadilhas das regras nada elementares da vida midiática podemos estabelecer procedimentos de leitura e interpretação – sobretudo em um trabalho educacional com crianças no ensino fundamental:

- 1) as regras elementares da vida midiática são regidas pelas proposições do mundo dos objetos, ou seja, é preciso demonstrar a materialidade dos atos, quer sejam traduzidos em leis ou modelos comportamentais; 2) a vida cotidiana está para a mimese, assim como a vida midiática está para a imitação. A primeira se renova a cada movimento de seus atores, a segunda imita tipos idealizados sociologicamente; 3) a vida cotidiana não poder ser retratada pela vida midiática a partir de procedimentos sistêmicos, estruturais, que geram mais preconceito e violência cognitiva.

## Carnaval, mídia e paródia

A maioria do povo brasileiro assiste ao Carnaval através das transmissões televisuais.

O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo – do ponto de vista midiático – se tornaram uma metonímia dos Festejos de Momo – o todo – embora as partes, carnavais alternativos, comecem a ser explorados pela mídia.

O Carnaval que passa na TV é diferente do que é visto e sentido pelos foliões, pois ele é recortado, embalado e transformado em evento.

Simultaneamente, os telespectadores acompanham, através da mídia, dois tipos de carnaval: 1) um evento enunciado de acordo com a temporalidade da informação jornalística; 2) um espetáculo cuja beleza estética deve atender às regras do estatuto das artes – no caso do desfile das escolas de samba.

Assistir ao desfile das escolas do Rio de Janeiro ou São Paulo através da TV – na maioria das vezes – é reforçar os referentes dos fatos que são transmitidos a partir de uma gramática dos meios de comunicação de massa: o enquadramento das câmeras, a enunciação dos repórteres, a opinião dos especialistas.

Mas, para além da assinatura midiática, o desfile das escolas de samba se inscreve em outro modo narrativo: a arte. Por isso, a ideia de um samba-enredo (ou samba-de-enredo) que conduz a metanarrativa distribuída nas alas, carros alegóricos, mestre-sala e porta-bandeira, bateria, harmonia e o preenchimento de espaços vazios na avenida.

As escolas de samba trazem para a avenida uma velha e longa dicotomia estética: a relação entre conteúdo e forma. Para os diretores e carnavalescos o grande desafio em um desfile é diminuir – justamente – os atritos entre forma e conteúdo.

A arte no ocidente – a partir da herança de Platão e Aristóteles – passou a valorizar mais o conteúdo do que a forma – num esforço nem sempre correto de definir a produção artística como simples imitação – o que os teóricos chamam de mimese.

Susan Sontag, em seu livro *Contra a Interpretação*, nos ajuda a perceber que a teoria mimética da arte é uma forma de desvalorizar a união entre forma e conteúdo, obrigando a manifestação artística a se justificar.

Nesse sentido, Aristóteles se contrapõe a Platão e refuta o caráter simplesmente imitativo da obra de arte, demonstrando sua utilidade.

Outro problema, seguindo a tradição da retórica grega, é pensar o conteúdo como o essencial e a forma como acessório ou embalagem. Esse aporia é irrelevante no tocante ao desfile das escolas de samba, porque nelas o importante é a conexão estética para que o enredo possa fluir naturalmente.

Quando a mídia enuncia formas e conteúdos das escolas de samba – no geral – ela parte do texto manifesto para buscar um significado latente, ou seja, ela está interpretando.

Interpretar uma obra de arte é acrescentar uma visão extra que ora pode aproximar o estético da vida cotidiana, ora pode afastá-lo – porque toda interpretação é arbitrária.

Quem assiste ao desfile das escolas de samba através da TV pode concordar com a reminiscência de Sontag quando cita Nietzsche: “Não existem fatos, apenas interpretações”. Essa citação cabe bem para definir o trabalho dos comentaristas midiáticos em relação às escolas de samba.

Mas no caso das escolas a interpretação midiática não consegue alcançar um terceiro nível, que é o exercício parodístico que repousa, cotidianamente, no seio da comunidade representada pela escola de samba.

Para fugir do controle da interpretação e da necessidade de buscar uma utilidade para o que se considera apenas mimético (imitativo) as escolas de sambam transformam enredos em paródias do mundo da vida – reconstrução com direito a todas as figuras de linguagem.

## O algoritmo é o oráculo do homem-midiático

---

**T**odo início de ano é precedido por uma série de consultas a oráculos disponíveis.

A busca do ser humano continua a mesma por saberes que determinem o tempo de vida, os giros da Roda da Fortuna e as conquistas amorosas possíveis.

A afirmação mais difícil de ser encarada pelo homem pós-moderno urbano continua a ser a assertiva dita pelo Oráculo de Delfos no Santuário de Apolo: “Conhece-te a ti mesmo!”.

Dois filósofos, Heráclito e Sócrates, perpetuaram a frase da pitonisa de Delfos que chegou ao mundo ocidental amparada por ciências como a Psicanálise e a Neurolinguística.

Os filósofos gregos se tornaram os pais da Razão ocidental. Eles nos ensinaram a pensar e a embelezar o pensamento, como os Sofistas, a negar poderes absolutos, os Cínicos, e até discutir formas complexas de sistemas de governo, como Platão em *A república*.

Mas o *Homo Sapiens* se tornou mais próximo da técnica que da *Techné* (união entre o fazer e o sensível) – construiu grandes obras de engenharia, teoremas, mas armas para que o homem pudesse matar outros homens. Toda esta evolução distanciou a alma do corpo, fazendo com que o homem moderno se tornasse unidimensional – capaz de pensar apenas em linha reta.

Com a crise dos paradigmas – modelos absolutos de saberes – o homem moderno passou à pós-modernidade, na qual o passado e o futuro têm o mesmo peso na construção do presente.

Os sistemas peritos (aqueles dominados por especialistas) passaram a oferecer novos oráculos.

O “Conhece-te a ti mesmo!”, tão valorizado por Heráclito e Sócrates, virou sistema de autoajuda ou análise terapeuta diretamente ligado às condições financeiras dos cidadãos.

Mas a tradição de consultar o Oráculo foi reestabelecida através dos algoritmos – que predominam na consulta sobre as performances esportivas, vendas de produtos de beleza, escolhas profissionais e afetivas.

O algoritmo é o oráculo do Homem-midiático, o novo Delfos se chama Google.

Todos confiam no algoritmo para verificar sua sorte, a beleza, e a possível mudança de idade, reconstruir a memória, verificar datas insólitas perdidas no passado fragmentado no presente informacional.

Um dos grandes problemas é que, em nível mundial, a formação escolar (sobretudo dos professores) não é eficaz para enfrentar o culto aos algoritmos, porque a escola perdeu uma das armas caras a Sócrates, o elenkrós, pode de refutação das ‘ideias doadas’ por múltiplos canais midiáticos.

Do ponto de vista de uma filosofia contemporânea, o Google-Delfos nega uma das máximas socráticas: “Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”. Pois no sistema de algoritmos não existe análise mais agrupamento de dados por ordem aritmética sem questionamento.

Evidentemente, que não vamos criar uma guerra contra o Google-Delfos e seu Oráculo em forma de algoritmo. Mas é necessário

não tomar como verdade absoluta aquilo que não podemos refutar, como fazia Sócrates com seu elenkhós-refutação.

O que poderíamos fazer é valorizar, como fez o filósofo alemão Hegel (27 de agosto de 1770/14 de novembro 1831), valorizar a ideia como uma condição essencial para o fortalecimento do pensamento.

Com Hegel, aprendemos que conhecer é ter uma ideia adequada sobre o mundo, usando a intuição como um modo de ser do pensamento.

Portanto, é preciso estar atento, neste início de ano, às falsas premissas enunciados pelos oráculos em forma de algoritmo no templo do Google-Delfos.

## Escatologias midiáticas e pandemia

---

O espectro do Decameron – narrativas de Giovanni Boccaccio – volta a rondar a Itália, cinco séculos após as histórias narradas por sete moças e três rapazes que comoveram o mundo.

Desta vez, os personagens não se abrigam numa vila isolada de Florença para fugir da Peste Negra – como narra Boccaccio – mas põem o mundo em quarentena por conta de uma nova ameaça: o Corona vírus.

A forma de anunciar a propagação da ameaça à humanidade, como foi a Peste Negra na Idade Média, não é mais difundida em livros ricos em iluminuras, mas sobre as mídias de uma terceira geração, que chamamos de mídias digitais.

Como no Decameron ‘italiano’, um vírus rompe as barreiras dos poderes institucionais e chega a ameaçar razões imanentes e transcendentais tecidas por poderes políticos e religiosos.

As economias se desintegram, a esfera pública se imobiliza, os poderosos não podem nada diante de algo que, ao contrário da Peste Negra, é conhecido por suas origens e efeitos patológicos. Mesmo assim é anunciado com grande temor.

Há uma mudança de paradigmas nas formas de anunciar a epidemia, por que ela – no imaginário – nasce como pandemia, uma ameaça a valores éticos e morais, cuja mediação não se dá através do divino, mas das novas tecnologias.

O Corona vírus enfrenta a moral pós-moderna e denuncia a falência dos sistemas peritos que garantiram – na modernidade – resolver todos os problemas de acordo com os preceitos da ciência positivista.

A quebra de certezas e a fragilidade exposta ante o medo da possibilidade do iminente fim do mundo nos leva, em primeiro plano, a uma nova escatologia: a Escatologia midiática.

Nesta Escatologia midiática a preocupação não se dá mais com o fim do mundo, tampouco da humanidade, mas com dois aspectos: 1) coletivização da morte; 2) perda do imediatismo transcendente.

O primeiro estrago causado pelo Corona vírus é a imputação da ideia de que todos vamos morrer – rapidamente. Isto nos leva a perceber que – no sistema Capitalista – a privatização da morte e sua transformação em mercadoria estava consolidada e, mesmo a divisão de classe estabelecida pelos funerais começa a ser banalizada.

O Corona vírus retira a morte do domínio da indústria de produção de bens e a devolve ao espaço público, gerando uma sensação de desamparo: morrer como um qualquer.

A morte anunciada na Escatologia midiática volta a desafiar os sistemas de governo, as tecnologias dos poderosos, porque a sociedade de consumo – através do entretenimento – não pode vender mais a ilusão de imortalidade.

Nesse sentido, podemos refletir sobre o segundo efeito causado pelo anúncio do Corona vírus pelas mídias: a perda do imediatismo transcendental.

Com a iminente ameaça de morte em nível global, os indivíduos deixam de participar ativamente da sociedade de consumo, porque sequer podem ofertar mão de obra para que a engrenagem do sistema econômico funcione sem sopapos.

O consumo conspícuo não admite interrupções – nem mesmo na hora da morte, por isso a ideia de transformar as necrópoles em espaços turísticos, museus.

No imediatismo transcendente, o indivíduo se considera imortal, pois a cada momento são oferecidas sobrevidas através do fetiche das mercadorias e dos sistemas políticos. Mas também se considera signatário de formas de evitar a morte – sobretudo a desconfortável – através de um plano de saúde – um bem cada vez mais acessível aos ricos.

Perder o gozo do imediatismo transcendente – através dos prazeres factuais – é uma das ameaças que faz o Corona vírus à pós-modernidade.

Para a sociedade pós-moderna, a maior violência provocada pelo Corona vírus é: todos vão morrer na pobreza ideológica, teológica e econômica reservada a tudo que se desgasta na terra. Pobre Escatologia midiática.

## Mídia, lives e pandemia

---

**D**urante a pandemia da Covid-19 surgiu um número crescente de debates virtuais ou interferências de especialistas nas redes sociais denominadas lives – comunicação direta, virtual com o público.

No vasto território das lives há opiniões sobre tudo, busca de esclarecimento sobre acontecimentos do cotidiano que podem ser de ordem político-econômica, mas também estético-artísticas.

As lives representam uma forma contraditória – neste momento da pandemia – de uma comunicação de massa sem massa, pois a massa urbana está limitada pela necessidade urgente do distanciamento social contra a contaminação.

Dou outro lado, se estabelece a característica de fóruns públicos – ágoras virtuais – nos quais o debate sobre a vida pública se faz em espaços privados mediados pelas novas tecnologias. Isto demonstra a importância das lives, mas também do empobrecimento do conteúdo de algumas temáticas.

Às vezes, chegamos a pensar que a força das lives é tautológica – se estabelece no próprio manejo das tecnologias de áudio e som, mas não contribuem para o enriquecimento de reflexões sobre os fatos sociais, ou seja: a live vale pela live.

Assim, poderíamos pensar: qual a importância de tantas lives? Quem necessita fazer live? Há uma ordem do discurso nas lives?

A importância das lives está na produção de reflexões sobre o tempo em que estamos vivendo marcado por uma crise sanitária e política no Brasil e no mundo.

O importante em cada live é guardar o seu aspecto didático-pedagógico, que é capaz de recuperar o fluxo de atividades cotidianas para que o social permaneça vivo.

Os autores sociais envolvidos na produção de lives devem pensar o presente em sua formulação agostiniana (Filosofia de São Agostinho) capaz de recuar ao passado e se alargar para o futuro: verificando o instante e a duração do tempo.

Uma live pedagógica é aquela que apreende, através da intuição do expositor, as formas do tempo, seja como instante seja como continuação.

Com o auxílio da filosofia de Gaston Bachelard, em seu livro “A intuição do instante”, poderemos refletir sobre os significados do tempo-quotidiano; como uma live busca resgatar esse tempo.

Dessa forma, Bachelard, procurando definir as características da temporalidade social, nos remete aos filósofos Bergson e Roupanel: 1) a filosofia de Bergson é uma filosofia da duração; 2) a filosofia de Roupanel é uma filosofia do instante.

Portanto, as lives devem demarcar, de forma pedagógica, o que é duração (no sentido de Bergson), mas demonstrar as alterações temporais sofridas pela sociedade no instante (Roupanel) da pandemia.

As lives podem nos ajudar a entender – desde que sejam realizadas fora das doxas – opinião fechada – que é no presente que está a nossa consciência, por isso as modulações temporais em instante e duração dependem do que alimenta nosso imaginário, para que não pensemos num passado de mundo abolido, tampouco em um futuro em que os abismos abissais serão extintos.

Como o nosso instante é a pandemia, as lives devem ter o caráter de reforçar a importância da duração do tempo (Bergson) das vidas em sociedade.

## A mídia e a banalidade do mal

---

**N**as entreguerras do século XX, a humanidade viu nascer um dos movimentos mais cruéis perpetrados pela ânsia de poder e exercício de ódio contra os mais pobres: o Totalitarismo.

O Totalitarismo demonstrou que ainda está vivo e com capacidade de mobilizar vários seguidores neste último final de semana na maioria das capitais brasileiras quando, atendendo a pedido do seu mais novo ídolo – o presidente Jair Bolsonaro – plantou fiéis na frente de quartéis do exército, pedindo a volta da Ditadura Militar e do famigerado AI-5 – o ato governamental que tornou mais violentos os torturadores.

Quem assistiu às cenas televisuais ficou espantado com o espetáculo grotesco de demonstração de religiosidade e ódio – conjugados em um único objetivo: eliminar as barreiras que possam comprometer o projeto de realização das garantias políticas do grupo de apoiadores do presidente Bolsonaro.

Mas como se pode utilizar formas religiosas para pedir o retorno de aparatos tecno-burocráticos que torturam e matam aqueles que discordam da orientação política do líder?

Este amálgama não é facilmente explicável. Precisamos recorrer à filósofa e cientista política Hannah Arendt – alemã de origem judaica que, em seu livro, *As origens do Totalitarismo*, demonstra como os regimes fascistas e nazistas incorporaram a Banalidade do Mal

como uma forma de tornar funcionários – militares ou civis – insensíveis à dor e ao sofrimento humano.

Há 59 anos (1961), cobrindo o julgamento de Eichmann (o oficial nazista que deportou os judeus para os campos de concentração) para uma revista norte-americana Hannah Arendt abriu uma nova linha de reflexão sobre os regimes totalitários buscando entender que o mal não estava apenas na pessoa que cometia crimes, mas era algo sofisticado, alimentado por uma estrutura burocrática, treinando seres humanos para que não tivessem consciência de suas ações.

Desta estrutura, surge o conceito de Banalidade do Mal, a maldade praticada a partir das tecnologias do Estado Totalitário – sem contrapartidas teológicas como a promessa e o perdão, caros a Santo Agostinho, objeto de estudo de Arendt.

Contando com o altruísmo de seus adeptos, os regimes totalitários, quer de esquerda, quer de direita, investiram no mal como uma atração mórbida, não importando se tivesse que matar o semelhante.

O Totalitarismo é uma técnica de dominação política que une misticismo religioso, espetacularização midiática e capacidade de promover uma série de violências individuais que impedem o pensamento social crítico sobre os sentimentos e afetos em coletividade, pois o que importa são as formas de satisfação material oferecidas pela industrialização (pensar nos futuristas) e por objetos de consumo.

Há, nos regimes totalitários, o uso exacerbado da propaganda política, um grande investimento na superficialidade humana e, sobretudo, projetos pedagógicos que embotam a capacidade de reflexão crítica, o que já vimos no começo do governo Bolsonaro através do programa Escola sem Partido.

Quanto menos juízo crítico houver, melhorar será para o Estado Totalitário, pois ele não vai perder tempo com experiências sobre

a injustiça social, sobre os afetos que ligam e religam (religare) as pessoas na esfera pública.

O Estado Totalitário e o Totalitarismo Midiático, através da Banalização do Mal, são estruturas burocráticas que ultrapassam a “Gaiola de Ferro” weberiana, porque procuram eliminar tudo que é sensível, promover uma desvalorização da política como exercício da cidadania, e coloca no centro da sociedade as violências anômicas e simbólicas.

Não há loucura nos discursos dos líderes totalitários e seus seguidores (Jair Bolsonaro e os falsos cristãos rezando pela volta da tortura), mas um projeto de dominação total para que a técnica seja usada como forma de livramento dos que impedem o desenvolvimento econômico, velhos, crianças, negros, judeus, homossexuais, deficientes físicos e portadores de doenças crônicas consideradas custosas ao estado.

O Totalitarismo trabalha com a perspectiva de desenraizamento dos povos para obter mão de obra barata, escravos das baias dos telecentros, pequenos comerciantes de sonhos burgueses, enquanto a banalidade do mal se torna um recurso que apresenta a morte dos pobres das periferias das grandes cidades ocidentais como um acerto de contas entre o Bem e o Mal.

## A mídia e a privatização da água

---

“A propriedade privada é um roubo”. A frase de Proudhon se torna cada vez mais necessária para se entender o avanço do capitalismo de mercado no controle dos bens-comuns naturais.

No mundo contemporâneo, o embate entre o público e o privado é visto como uma polarização arcaica desde que os estados Socialistas e de Bem-estar Social tiveram suas falências decretadas pelos totalitarismos de esquerda e neoliberalismo, cujo proposta maior é criar estados mínimos revogando ideias clássicas da política como a obrigação da manutenção da pólis (cidades-estados).

O planeta Terra, por dentro e por fora, se tornou um grande negócio sem os entraves da metafísica, sem os tentáculos contratualistas do Estado moderno. Tudo se transforma em mercadoria-midiática.

Os rios, as florestas, as reservas animais, os acidentes geográficos não pertencem mais à natureza, mas a poderosos conglomerados econômicos que buscam alternativas para explorar estes bens naturais através da indústria manufatureira de subjetividades.

A subjetividade, em si, é uma mercadoria capaz de ter seus valores de uso ou de troca embalados pelas mais desenvolvidas tecnologias de marketing.

A cultura midiática explora a subjetividade criando um imaginário social baseado nas produções ficcionais e telejornalísticas – muitas vezes sem nenhuma verossimilhança.

Toda a produção midiático-mercadológica segue os padrões dos grandes mercados consumidores; tendo como principal objetivo controlar os movimentos do social (desejos, festas, manifestações políticas) para manter a sociedade (instituições político-financeiras). O controle se dá de forma sutil.

O grande problema é que proibidos de pensar fora do controle midiático-mercadológico os indivíduos perdem a capacidade de diferenciar o que é bem-comum e o que são bens-duráveis de consumo, por isso não reage quando percebe parte da Mata Atlântica devastada para a construção de condomínios de luxo.

Os bens-comuns estão sendo roubados para enriquecer as Democracias Privadas.

Entre os bens-comuns, aqueles que pertencem a todos os povos do planeta Terra, está a água, o mais cobiçado pelas Democracias Privadas e por regimes totalitários.

No belo livro, *Bem-estar comum*, Michael Hardt e Antônio Negri mostram como os movimentos sociais têm reagido às formas de usurpação dos bens-comuns por governantes inescrupulosos e organizações financeiras criminosas.

As lutas desses movimentos sociais são possíveis de acordo com a percepção de que é preciso estar além da dicotomia público-privado e introduzir no seio das comunidades a noção de altermodernidade, uma forma de exercer a política absorvendo a autonomia e a conexão de diferentes reivindicações e subjetividades, como explicam Hardt e Neri.

No livro *Bem-estar comum*, um exemplo das lutas sociais a partir do ciclo altermodernidade:

“Dois pontos altos desse ciclo de lutas foram a disputa em 2000 pelo controle dos recursos de água em Cochabamba e no vale que a

circunda; e a batalha de 2003 pelo direito de controlar os recursos de gás natural em El Alto e nos altiplanos”.

Toda essa reação, sobretudo contra o controle da água na Bolívia, vai de encontro às regras políticas da modernidade, dos preceitos de uma economia de mercado que tem como objetivo tornar os povos despossuídos de riquezas naturais. Como relatam Hardt e Negri:

“No interior da Bolívia o Banco Mundial recomendou ao governo nacional que eliminasse os subsídios necessários para o serviço público de abastecimento de água, vendendo o sistema de abastecimento a investidores estrangeiros que estabeleceriam um sistema adequado de cobrança”.

Vendido o serviço de abastecimento de água, o custo das taxas locais se elevou em 35%, o que deu início a uma série de protestos, em 2003, conhecidos como a guerra do gás e da água, o que obrigou o governo a repensar o projeto.

No Brasil, a luta contra a privatização do abastecimento de água, da estrutura de esgoto sanitário, bem que podia seguir este exemplo do povo boliviano, independente de governo, força midiática ou conglomerados financeiros, pois existe uma nova saída: fugir à verticalização política e encetar esperanças; procurado preservar o que resta de bem-comum em alguns países.

## Mídia: direito ao discurso-livre

---

O controle dos discursos não é uma prerrogativa apenas dos estados totalitários, mas das democracias republicanas de acordo com a constituição de cada nação.

Discursos controlados significam a morte de ideias antagônicas, pensamentos que constroem perspectivas diferentes da verticalização do poder sobre as vidas humanas.

De um modo geral, as fake News representam o descumprimento da ordem discursiva e estabelecem falsos imaginários, ora fabricando o terror, ora criando a ilusão de gozo imediato – o que tenho chamado em meus artigos de Ilusão transcendental na sociedade de consumo.

Fake News são formas de falsificação dos discursos no Estado direito, portanto são crimes inaceitáveis, não importando a orientação político-ideológica de quem constrói. Por isso, antes de tudo, elas negam o exercício do discurso-livre – o direito à expressão democrática na esfera pública, na construção e reconstrução dos direitos da cidade através dos embates políticos na *Ágora* – a praça pública.

Garantir aos cidadãos o exercício do discurso-livre é a melhor forma de combater a violência propagada pelo terrorismo informacional das fake News.

O discurso-livre é a parte do imaginário social eivada de orientações religiosas e ideológicas que, na esfera pública, se exercita a partir das leis e do código de ética de cada profissão – a deontologia.

Como a sociedade pós-moderna vive sob a égide do Contratualismo, quaisquer discursos que fujam à ordem discursiva do Estado podem ser considerados marginais.

Em geral, as tiranias criam o medo através de um discurso moralista para combater a circulação do discurso-livre; assim o fizeram o Fascismo e o Nazismo, Mussolini e Hitler e seus asseclas à direita ou à esquerda no comando dos governos de massa do século XX.

Mas, no século XVII, a Inglaterra para não perder o controle de suas treze colônias ao norte (os EUA) criou uma censura prévia proibindo a circulação do discurso-livre entre os colonos da América do Norte, como nos relata Vitor Amaral Medrado, em seu livro “A liberdade de expressão e a justiça brasileira – tolerância, discurso de ódio e democracia”.

Nesse período, a Inglaterra impôs às colônias da América do Norte outro mecanismo de controle dos discursos: a lei de Difamação Sediciosa, cujo objetivo era proteger as autoridades inglesas de ataques às instituições e cidadãos que representavam, direta ou indiretamente, o Estado.

Evidente que nesta época não se discutia a liberdade de imprensa, tampouco a circulação do discurso-livre entre cidadãos, até que em 1787 os Estados Unidos promulgaram sua Constituição e, como nos demonstra Vitor Amaral Medrado, a liberdade de expressão se tornou a First Amendment – a primeira emenda constitucional.

Mas tarde, juristas fizeram uma revisão do texto e concluíram que era preciso punir quem produzisse informações prejudiciais à sociedade, com demonstra Amara Macedo:

“A justificativa à época era tentar barrar as ideias surgidas com a Revolução Francesa, sobretudo em sua fase de terror. A lei de Sedição foi vendida como uma reforma liberalizante da antiga lei de

Difamação Sediciosa, vez que, nos termos da lei, era preciso que o texto fosse falso para que fosse censurado (...).”

Ora, como hoje, no combate às fake News e à censura do livre-discurso das minorias sociais, quem está habilitado a dizer se uma informação é falsa ou verdadeira?

Como um país em um regime publicano totalitário pode diferenciar o discurso-livre das fake News?

A mídia, impressa ou digital, busca proteção através de técnicas de checagem de informação, mas, na maioria das vezes, esbarra na fragilidade de nossa legislação contra a violência nas redes sociais.

Por isto, é preciso promover a circulação do discurso-livre, dentro ou fora do espaço midiático, o que garante a pluralidade de vozes no imaginário social.

## Jornalismo televisual político-judicante

---

A maioria do jornalismo televisual na PB é anunciativo; se limita a ler notas oficiais.

No caso da operação Calvário, hoje em João Pessoa, apenas uma jornalista, Rejane Negreiros (Band-PB), fez análise.

Alguns apresentadores chegaram a comemorar as ordens de prisão – em claro revanchismo pessoal.

Outros jornalistas esqueceram que há cidadãos na Paraíba que não dependem do Governo do Estado e desejam boas matérias com ‘jus agendi’ socialmente respeitado.

A quem interessa este jornalismo televisual-judicante que se limita apenas a descrever fatos sem análise?

Sabemos que esse tipo de jornalismo-pastoril em estados economicamente pobres como a PB de quatro em quatro anos muda de cor e de cordão.

Por isto, não basta se regozijar chamando pessoas de criminosas, tratando-as como inimigos políticos ad hoc, pois jornalista tem que fazer análise dos fatos, desde que não esteja no papel de assessor de grupos midiáticos.

Como dizia Alberto Dines (in memoriam): “Jornalismo é crítica ou é supermercado”.

Estamos mais próximos de supermercados ou como costumava dizer aos meus alunos de Jornalismo da UFPB, alguns eufóricos pela for-

ça lasciva oferecida pelos donos dos meios de comunicação: o Jornalismo está para o jornal, assim como a Medicina está para o hospital.

O problema é entender quando Jornalismo e Medicina se transformam em mercadorias.

Os leitores querem análise antes de quaisquer comentários financiados pelo cordão ‘encarnado’ ou azul.

17/12/2019

## O direito à mentira na era da pós-verdade

---

O jornal Folha de S. Paulo, na edição deste domingo, 19 de fevereiro de 2016, no caderno Ilustríssima, traz uma discussão sobre o problema dos sites especialistas na produção de notícias falsas.

As matérias, uma reportagem e um artigo, nos fazem lembrar o famoso debate entre Benjamin Constant e Kant sobre quem tem direito à mentira.

A mentira, no Brasil, foi utilizada pelos jovens republicanos e jornais brasileiros quando o exército combatia os seguidores de Antônio Conselheiro.

Machado de Assis foi o único que, em crônica de 1896, protestou contra o abuso dos jornais e ‘exigiu’ que os homens do Conselheiro fossem tratados como seres humanos.

Evidentemente, há uma diferença entre mentira e contrainformação. Esta disseminada, sempre, como estratégia de combate.

A mentira é um recurso usado para ‘ganhar’ adeptos ou ovelhas no sacrifício imposto por vaidades pessoais.

Agora, o desafio no mundo contemporâneo é combater as falsas notícias que são estruturadas em redes sociais com base na velocidade e fragmentação do tempo factual.

Em 2002, publiquei um livro de ensaios O beijo da noiva Mecânica (ensaios sobre mídia e cotidiano), João Pessoa, Editora Manufatura, no qual consta o ensaio ‘Os campos de concentração das realidades esterilizadas’, em que afirmo: advogados e jornalistas terão

no futuro a tarefa de corrigir informações falsas, o que coincide com a preocupação, 15 anos depois, com os sites que produzem notícias falsas. Mas esta discussão ainda vai apontar outros problemas técnicos e éticos na construção da informação.

## A ralé da mídia alimentada pela elite da ralé

---

O cientista político Jessé Souza, em recente livro, *A elite do atraso – escravidão à Lava Jato*, Rio de Janeiro, editora Leya, 2017, faz alguns recortes históricos, no mínimo curiosos, para explicar o porquê da constante desconstrução da realidade brasileira pela mídia.

Particularmente, antes de conhecer a obra de Jessé Souza, sempre afirmei que a mídia no Brasil é uma extensão de dois sistemas violentos: o latifúndio e a escravidão.

Mas como pesquisador e ensaísta fora do ‘Brasil-centrismo’ das universidades do Sudeste, os nossos pensamentos quase sempre morrem antes de chegar ao prelo. Em suma, me senti satisfeito, anonimamente, em ver as ideias de Jessé sintonizadas com as minhas.

Desde os anos 1990, venho defendendo que a mídia não constrói mitos, ela os embala de acordo com exigências do comércio político e moral das elites, que dá forma, comercializa saberes e entretenimento.

Como para todas as elites, econômicas ou intelectuais, a questão central é o poder, vejamos o que nos diz Jessé Souza em seu livro:

“A questão do poder é a questão central de toda sociedade. A razão é simples. É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído. O dinheiro que é uma mera convenção, só pode exercer seus efeitos porque está ancorado em acordos políticos e jurídicos que refletem o poder relativo de certos estratos sociais”.

Essa citação nos ensina que a corrupção não é um fato isolado, como também as ordens jurídicas, pois cada uma obedece ao Senhor invisível, reflexo do latifúndio e do sistema escravocrata.

Tudo converge para o movimento da economia de mercado e, como já afirmava o sociólogo alemão Simmel, o dinheiro é a ferramenta de substituição do humano nas transações comerciais, dando legitimidade ao ‘acidente social’ previsto pelo sistema que alguns denominam corrupção.

“No mundo moderno, quem cria a legitimação do poder social que será a chave de acesso a todos são os intelectuais. Pensemos na Lava Jato e em sua avassaladora influência na vida do país. A limpeza da política que o procurador Deltan Dallagnol, o intelectual da operação, preconiza para o país é uma mera continuidade da reflexão de Sérgio Buarque e Raymundo Faoro (...)”.

A segunda citação é um soco em nossos ideais, porque nos faz entender que há algo de errado com os nossos intelectuais, de esquerda ou direita: são responsáveis por mitos que alimentam estereótipos sociais. Portanto, o que podemos retirar do trecho aludido é que a nossa intelligentsia criou um pensamento hegemônico capaz de gerar estereotipia social: o Homem cordial (Sérgio Buarque) ou demonstrar as performances de nossa elite em Os donos do Poder (Raymundo Faoro). Metáforas que alimentam a ‘naturalização do nosso caráter ou do Herói sem nenhum caractere, Macunaíma.

Jessé Souza parece, em seu ensaio, caminhar por dois caminhos que não se bifurcam mais no capitalismo de mercado, o idealismo e o empirismo, unidos pela produção de bens simbólicos com ênfase na sociedade de consumo.

Nesta nova vertente social que abriga duas formas cognitivas, idealismo e empirismo, entra o auxílio vigoroso da mídia e dos intelec-

tuais à padronização das ideias como forma de ‘privatizar’ os saberes públicos, sem demonstrar a cara de quem realmente manda, como nos demonstra Jessé Souza:

“A construção de uma elite toda poderosa que habitaria o Estado só existe, na realidade, para que não vejamos a elite real, que está ‘fora do Estado’, ainda que a ‘captura do Estado’ seja fundamental para seus fins”.

Nessa terceira assertiva, observamos que quem manda nem sempre habita o Estado ou é um agente do Estado: “Os políticos são os aviõezinhos do esquema e ficam com as sobras do saque realizado na riqueza social de todos em proveito de uma meia dúzia”, afirma Jessé Souza.

Mas o que a mídia tem a ver com isso? A mídia é o médium das elites que promove a distorção sistemática da realidade para que nós, ‘idiotas perfeitos’, imaginemos que a corrupção é algo que pertence, ainda, ao campo da moral e pode ser simplesmente nomeada através das ações fraudulentas de políticos e partidos.

E os intelectuais? Os intelectuais criam padrões estéticos e científicos que são aproveitados financeiramente pela Elite para comandar a ralé.

Ora, a corrupção nada mais é que um projeto sistematizado na economia de mercado para que as instituições e os seus agentes não provoquem rupturas no fluxo veloz de lucros do capital industrial, imobiliário, do agronegócio, do futebol, do entretenimento. Tudo auxiliado por intelectuais e ‘midiólogos’.

O problema seria simples se alguém não exigisse da corrupção autenticidade. Mas como? Os intelectuais – de esquerda ou direita – legitimam a corrupção criando paradigmas – modelos que reforçam,

ideologicamente, a supremacia de saberes que pregam a eficácia de produtos, como é o caso das corporações farmacêuticas no Brasil.

As elites financiam intelectuais, laboratórios, políticos, pesquisas universitárias, oligopólios midiáticos com um propósito, garantir o lucro, a parte maior do bolo, sem deixar que a ralé possa comer sequer os farelos.

Enquanto isso, a mídia nos ‘conforta’ com denúncias ‘programadas’ e ‘previsíveis’ pelo sistema da economia de mercado.

Assim é o nosso ser e estar contemporâneo: uma ralé midiática ‘alimentada’ por modelos educacionais e científicos da Elite da ralé.

01/10/2017

## Jornalismo a golpes de martelo: para não dizer que não falei de Nietzsche

---

O jornalismo horizontal, baseado nas regras do panóptico social, faleceu em junho de 2013. A Mídia Ninja (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) enfrentou as grandes corporações midiáticas brasileiras. Mostrou que o modelo matemático da comunicação (emissor versus receptor) não tem mais sentido. Cada cidadão passa a ser seu próprio médium na pós-modernidade. Isso provocou deslocamentos econômicos e estéticos.

As mídias McLuhanianas (gosto de chamá-las assim) não são mais divididas em Meios-Quentes e meios frios. Agora, podemos pensar na contraofensiva dos “sofistas da informação”, ‘contadores de histórias’ de um mundo contemporâneo em construção permanente. Ao mesmo tempo, os discursos fundadores (Arké) convivem com as tecnologias do efêmero (realizei junto com Rúbia Lóssio uma pesquisa sobre a Sociologia do efêmero) que captam as distorções espaciais das linguagens no hic et nunc (aqui e agora).

O jornalismo informativo é instado a se renovar por dentro – a partir de sua pele – a linguagem. O Midialivrismo é a grande contribuição às novas fusões entre suportes técnicos e linguagens. O jornalismo informativo que estava confortável em seus atos enunciados agora se sente provocado a escolher novos caminhos discursivos. E com isso podemos repensar o papel da Filosofia e sua importância

na formação de narradores do contemporâneo. Oxalá, o Midialivris-  
mo ganhe sua versão acadêmica; fazendo com que os doutores do  
saber (nem sempre da alegria) passem a usar as mídias democrati-  
zando as nuances dos saberes.

04/12/2018

## O jornal parecido com a TV

---

A esquizofrenia editorial da mídia brasileira é ímpar. No domingo, 19 de março de 2017, dia da visita história de Lula e Dilma à cidade de Monteiro (PB) para celebrar a chegada das águas no Cariri paraibano, o Jornal Folha de S. Paulo trouxe na capa um comparativo através de fotos mostrando contradições do projeto e demonstrando que a transposição não é aceita por boa parte dos nordestinos.

Nesta segunda-feira, 20 de março de 2017, a folha publica na primeira página uma foto na qual aparece Lula se banhando com águas do Velho Chico.

Na edição do domingo o jornal ficou muito parecido com a TV, no episódio histórico em que a TV Globo ‘editou’ o debate entre Lula e Collor, favorecendo na corrida presidencial o candidato ‘caçador de marajás’ que foi um dos maiores fracassos na Presidência da República.

Criado em 1921, o jornal Folha de S. Paulo, cujo lema é ‘Um jornal a serviço do Brasil’ (?) é muito ‘novo’ para entender de seca ou como dizem lá no Cariri paraibano: se faz de doido.

Sabe a folha, mas disfarça, que a seca já engoliu vários nordestes; em 1877 mais de 500 mil nordestinos morreram por conta da insegurança hídrica.

Mas o jornal que pegou carona na campanha das Eleições Diretas, deve aprender: 1) a seca é parte do imaginário do povo nordestino; 2) o imaginário das populações rurais do Nordeste sempre foi alimentado por um assistencialismo covarde e enriquecedor de polí-

ticos desonestos; 3) a seca nordestina e os seus regimes diurnos e noturnas ajudaram a criar movimentos estéticos de grandes expressões artísticas, como a Estética da Fome de Glauber Rocha (foto), o cancionista de Luiz Gonzaga (foto), cantando a desterritorialização do camponês nordestino; O Movimento Tropicalista encabeçado por baianos, paraibanos e pernambucanos, mostrando a força das metáforas contra a ditadura militar nos anos 1960, e o Mangue Beat, movimento pernambucano liderado pelo genial músico Chico Science que faz a releitura da *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto.

Tudo isso, além dos movimentos messiânicos e separatistas que encharcaram de sangue o Nordeste, do oeste da Paraíba, o Ceará, ao Sul, Pernambuco.

A mídia brasileira desconhece a força do amálgama cultural que é o Nordeste: índio, africano, árabe, europeu diverso. Tudo isso contado, amiúde, na obra de Gilberto Freyre.

Por isso, imaginário nordestino enverga quaisquer retóricas midiáticas sem verossimilhança.

20/03/2017

## As desilusões iludidas e as ilusões desiludidas

---

O jornalismo, independente do suporte, é um campo de exposição das ações humanas, com relações profícuas entre a estética (aísthesis), as ciências, mas sobretudo com a ciência prática que se denomina ética.

O Jornalismo factual, informativo, na maioria das vezes, ignora os sistemas filosóficos, a não ser quando isso implica na verificação das influências materiais no comportamento humano dentro dos limites de uma cultura de massa que, muitas vezes, se confunde com a análise de recepção das mensagens e do emprego de uma dialética negativa originária da leitura crítico-marxista tão evidenciada no Brasil pelos seguidores da Escola de Frankfurt e suas preocupações com a difusão da cultura através de reproduções mecânicas; assim demonstrada no seminal ensaio de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* - lido muito mais como elemento doutrinário do que crítica ao mal-estar causado pela predominância na instrumentalização técnica dos campos artísticos.

Assim, a larga tradição de crítica aos efeitos provocados pela infraestrutura no campo da produção de informações jornalísticas, a partir dos militantes marxistas da USP, transformaram o campo jornalístico (outro conceito criado pelo aparato técnico de Bourdieu - sociólogo marxista de franca orientação e militância política contra os efeitos do capital) em manual de engajamento político. Privilegia-

ram a materialidade econômica em detrimento do imaginário, das forças antropológicas do cotidiano.

É verdade que o marxismo (até mesmo o dos não marxianos) se faz importante para uma leitura correta de formas violentas que ainda demarcam a vida social no Brasil, como o regime escravocrata e o latifúndio.

Neste sentido, a contribuição de Marx ao desvendar essas formas de violência simbólica é fundamental; mas não pode ser o único método de leitura capaz de nos ajudar a entender as abas das desilusões iludidas pelo pessimismo (ou mesmo o olhar blasé) que o estamento burocrático, sobrevivendo de salários públicos usa como forma de exercer uma crítica como arma contra a crítica às armas ‘pequeno burguesas’, que vão do homem cordial ao ‘coitadismo’ profissional, melancólico e individualista no trato das coisas públicas.

O que podemos acrescentar: a melancolia da dialética negativa transformou-se em forma de poder, um poder temerário pelo simples fato de ser treinado e treinar ‘orientandos’ universitários para a crítica negativa, quer seja com relação às dissertações e teses (cada vez menos sapienciais e mais doutorais) até o exercício de uma Pedagogia do Erro, que proíbe mestrandos, doutorandos, discentes na graduação de desenvolverem ideias próprias e livres. São as desilusões iludidas, pois pregam um Apocalipse ad hoc a partir de suas conveniências éticas. Por isso que o mundo acadêmico, no Brasil, é cada vez mais triste e carrancudo.

Neste mundo dantesco, o inferno começa se um jovem pesquisador revela, por menor que seja, um lapso de otimismo.

O jornalismo acompanha esse modelo ‘acadêmico’ a partir da ideia que o cotidiano é o espaço das injunções sociais, ou seja: nada pode dar certo no dia-a-dia.

O ser humano longe das dimensões materiais da vida cotidiana, tão bem discutidas por historiadores e sociólogos de orientação marxista, como Agnes Heller e Henri Lefvbre. Mas coube à professora Marilena Chauí nos resgatar uma ética da alegria, através do filósofo Espinosa, como também a Diana klinger, em seu excelente livro, *Literatura e ética - da forma para a força* -, editora Rocco (a minha edição é digital: setembro de 2014). Portanto, entramos no campo das ilusões desiludidas - aquelas que nos conferem o direito de exercer a alegria cotidiana, o qual se encontra codificado no livro IV da *Ética* de Espinosa. O que nos chama a atenção, sobretudo no contexto em que estamos vivendo, é a insistência de Espinosa em fazermos do ‘conhecimento’ o mais potente dos afetos.

O conhecimento, na ótica de Espinosa, leva ao fato que alimenta formas de conhecimento libertadoras. Mas isso só se torna possível se a cada indivíduo for permitido ‘ensejar os seus desejos’, porque estes são potências da mesma ordem econômica das commodities, ferro, aço e soja, responsável pela grandeza econômica do Brasil.

Em seu ensaio, Diana Klinger cita Pasolini, para que o verdadeiro fascismo consiste em apagar os gestos, as almas e as linguagens do povo. Este é o modelo de governo que será imposto pelo Presidente-Interino Temer. A prova está na composição de seu ministério: não há mulheres ou representantes de grupos minoritários da sociedade. Mas por quê? Porque é própria dos governos totalitários a intervenção dos desejos pessoais, sobretudo, quando na ética se faz uma reflexão sobre o imaginário de um povo e suas contribuições.

A mídia informativa não trabalha com essas temáticas, porque elas fogem ao controle do tempo factual. Ela não considera que há uma economia dos desejos representada, muito bem expressa, pelas artes do Terceiro Mundo, como a música popular brasileira e a literatura da

escola do realismo fantástico. O afeto das culturas afros e indígenas sempre serviu como contraponto ao domínio da razão ocidental.

É através do desejo, sexual ou cinético, que as formas de vida são modificadas. Isso Gilberto Freyre fala em Casa Grande e Senzala, mas o reducionismo marxista da USP não permitiu uma leitura correta da obra de Freyre, atitude capitaneada pelo sociólogo FHC.

Ao produzir presenças sociais com base em uma economia de mercado, o jornalismo informativo se aproxima das Desilusões iludidas, pois - de forma argumentativa - nos doutrina a caminhar pelos jardins do pessimismo, da estereotipia dos mais pobres, da autoridade sem reflexão, do desenvolvimento tecnológico a-histórico sem entender o verdadeiro sentido das formas de resistência social no mundo contemporâneo, entre elas a transformação da expressividade política do mundo (apud Diana) em nomadismo cotidiano, da macroeconomia em modelo anti-humano, ou mesmo a criação de 'micros territórios', nos quais os grupos sociais renovam a ideia de tribalização.

O Brasil, como Laboratório da Pós-Modernidade, palavras do sociólogo francês Michel Maffesoli, recrudescer no exercício dos afetos e coloca os processos informativos como superiores aos comunicativos, produzindo uma falsa presença do corpo social, fragmentando e distanciando a participação dos mais pobres (porque ainda somos um país de pobres economicamente) e gerando uma presença vicária nos espaços públicos.

Muitos vão se arrojar de capacidades de <salvar o Brasil>, confundido o desejo de cidadania como a economia libidinal do entretenimento, que retira do jornalismo a capacidade de tornar expressivo o espaço público.

Antes tínhamos uma forte divisão do trabalho que marcava a primeira era do Capitalismo. Hoje, temos a divisão e a mercantilização dos poderes instituídos com a ascensão do fascismo burocrático de Temer: onde a espera - vazio melancólico - vai matar o desejo social de transformar o imaginário cultural em riqueza sociopolítica, através dos programas e bem-estar social, superando a miséria econômica.

Perdemos a capacidade de ver o desejo como uma força produtiva. Desejo de ser cidadão, de ter direito de sentir prazer sem separar o corpo da alma, como atesta a ética de Espinosa, desejo de não ser apenas mulher sexualizada pela libido dominandi, desejo de não ser discriminado pela pele, branca, negra ou vermelha. Desejo de ser o que queremos ser. Mas podemos pensar como Deleuze e Guattari, em obra conjunta, *Mil Platôs*: “É nas linhas de fuga que se inventam armas novas para opô-las às armas pesadas do Estado”.

13/05/2016

## Jornalismo caixa-de-Pandora

**O** artigo do sr. Hélio Schwartzman, Rede de Intrigas, publicado no jornal Folha de S. Paulo, página A2, caderno Opinião, edição deste sábado, 11 de fevereiro de 2017, é uma aula de esquizofrenia jornalística. Vejamos alguns trechos:

“Receio que o público, hospitais e os próprios conselhos de medicina estejam exagerando na reação contra médicos que fizeram comentários inapropriados sobre Marisa Letícia. Eu mesmo escrevi uma coluna condenando sua desumanidade, mas não devemos perder a medida das coisas”. Início triunfal de um colunista Caixa-de-Pandora para conquista o leitor.

Depois vem a explicação baseada na ‘cultura jurídica’:

“Violar o sigilo que cerca o prontuário do paciente é grave. Além de infração ética, é ilícito penal. Se algum médico de fato divulgou informações a que teve acesso no sistema do hospital, fica sujeito a demissão por justa causa, processo ético no conselho e a uma investigação policial”. Depois desse sopro doutrinário, a mordida reacionária se espalha pelo texto:

“A questão do comentário é bem menos óbvia. Odiar uma pessoa e desejar sua morte, embora pouco enaltecedor, especialmente para um profissional da saúde, não está tipificado como crime - e nem deve estar”. Neste parágrafo a isca se abre, mas traz o relativismo no seguinte:

“Antes que petistas mais afoitos me xinguem, lembro que tanto eu como eles celebramos a agonia e a morte do ditador Francisco

Franco, para dar um único exemplo. Fazê-lo foi um crime. Parece-me claro que não”. A comparação entre dois contextos históricos diferentes como antítese das ideias fascistas para justificar a tese do artigo, que segue em novo ritmo:

“Dependendo da interpretação, comentários desairosos podem configurar violação ao Código de Ética Médica, mas essa é uma hermenêutica muito draconiana. Prefiro considerar que os dispositivos do código só se aplicam a médicos no exercício da profissão, não nas 24 horas do dia”. Nesse parágrafo o reforço de que quaisquer cidadãos podem desejar a morte a uma pessoa sem se preocupar com a ética, pois a hermenêutica, a interceptação, é uma peça draconiana - que não serve para a clarificação dos fatos. E como vale tudo, no Jornalismo caixa-de-Pandora, vejamos a síntese do articulista:

“Para manter a saúde mental, seres humanos têm necessidade de uma esfera de intimidade na qual possam deixar seus superegos de lado e dizer qualquer gênero de besteira sem temer consequências. Até pouco não era difícil encontrar um ambiente desses num papo com amigos”. Nesse parágrafo a amizade, o diálogo íntimo, servem de foro privilegiado para as agressões pessoais que legitimam o desrespeito às regras sociais. Mas o mais grave está no final:

“O caráter efêmero das palavras faladas que desaparecem depois de pronunciadas, assegura a sem confidencialidade (sic). Com o advento das redes sociais, em que aquilo que foi dito dura para sempre, a conversa com amigos deixou de ser um espaço de intimidade. O incrível é que as pessoas ainda não se deram conta de que as redes sociais não são uma mesa de bar”.

Esse artigo é uma peça bem articulada do que faz o pensamento neoliberal na tentativa de apagar quaisquer erros do ponto de vista de uma crítica social. O ilustre colunista do maior jornal do país de-

veria, se possível, demonstrar que espaços públicos e privado se tocam, se amalgamam, e muitas vezes de uma simples conversa entre amigos nasce um ovo de serpente.

“As redes sociais não são uma mesa de bar”. Ora, esta assertiva é uma aporia, pois Hitler usava as mesas das cervejarias para unir seus adeptos do mal e fortalecer sua polícia, a SS.

Ao ler jornais, é preciso ter cuidado com os ardis da opinião.

11/02/2017

## O cosmos e o caos no universo midiático

---

**A** verdade é: nenhum governo brasileiro teve a coragem de cobrar dos oligopólios midiáticos brasileiros a dívida que eles têm com o BNDES.

A Rede Tupi faliu por causa de dívidas trabalhistas, a Manchete por má administração.

Sílvio Santos e Globo foram beneficiados para fazer campanha em prol da Ditadura Militar.

A revista Veja morreu.

Todos têm negócios midiáticos escusos e são financiados em parte por empréstimos dos governos.

Os modelos narrativos dos oligopólios midiáticos estão em crise a partir da predominância das redes sociais.

Há uma geração, com menos de 30 anos de idade que não assiste a telejornais ou lê jornais impressos.

As ‘clássicas’ teorias do jornalismo não servem mais para explicar os novos fenômenos sociais, porque há uma exigência de novas epistemologias.

Cada vez mais o que sobra é a corrida desonesta dos empresários da mídia em busca de audiência, desrespeitando a luta pela cidadania e oferecendo ‘produtos jornalísticos’ de péssimas qualidades.

Os grupos sociais minoritários estão organizados e dominam as linguagens das novas mídias digitais.

A palavra Editar - que vem do latim 'edere' - dar à luz - perdeu seu sentido nas redes sociais.

Agora, quaisquer pessoas podem editar suas imagens, textos e sons.

Os cursos de jornalismo e mídia digital continuam operando no nível elementar das informações léxico-tecnológicas, formando operadores de 'teares eletrônicos' para um mercado que, a cada mês, se esfuma no ar.

A falência dos modelos das mídias tradicionais volta a polarizar o Cosmos e o Caos no universo midiático.

Precisamos de um ensino crítico que nos faça romper as falsas aparências do espetáculo midiático. Para tanto, é preciso implantar nos currículos escolares um programa que vise a uma pedagogia voltada às linguagens midiáticas.

20/07/2018

## Jornalismo e literatura: escritas da vida cotidiana

---

O jornalismo e a literatura são formas da prosa do mundo, como podemos pensar a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, que nos ensina a inscrever os objetos em nossa contemplação sem cair na tentação de nomeá-los.

Mas entre literatura e jornalismo há distâncias abissais. Aquela é arte; este, produção de informação em escala industrial, analógica ou digital.

A literatura se escreve a partir de técnicas que privilegiam nuances estéticas e determinam o domínio que o escritor tem de construir espaços a serem ocupados pelo narrador - os chamados focos narrativos - ou tipos de personagens, enredo e cenários.

Literatura se faz com domínio estético, memória, imaginação e imaginário: componentes fundamentais para se tornar um bom autor.

Jornalismo é um campo de inferências no universo das informações no qual são produzidas ferramentas linguísticas para a interpretação, opinião, investigação, através de gêneros narrativos, como o artigo, a entrevista, a reportagem ou de anunciativos; a notícia por exemplo.

Desde que a filosofia judaico-cristã derrotou a filosofia grega, o texto escrito passou a ser o princípio fundador das culturas na Ásia menor (onde nasceram as três religiões monoteístas, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) até formas de organização do pensamento Ocidental europeu.

Mas o que aproxima o Jornalismo (enquanto campo produtor de informação) e a Literatura (arte de narrar fatos verossimilhantes) não são as modulações formais ou de gêneros bases construídos, a partir dos contratos simbólicos entre oralidade e escrita. Mas uma ética da estética.

O que leva a importância de uma ética da estética, tanto no jornalismo quanto na literatura, são pequenos detalhes que saltam aos olhos dos leitores, como as diferenças entre narradores.

Narradores literários ocupam várias posições dentro do texto e são considerados ‘personagens’ (lembro aqui *Angústia* de Graciliano Ramos) construídos de acordo com a habilidade do escritor

Na literatura, o escritor é uma pessoa física e o narrador produto de sua imaginação. Mas esta quebra formal se deu quando Gustave Flaubert disse: - Madame Bovary, sou eu!

No jornalismo, o narrador ocupa a superfície do texto a partir de sua assinatura. Portanto, é senhor de obrigações jurídicas e responsável pela forma como emprega os verbos, *diciendi*, *faciendi* e *deklarandi*, após as falas dos entrevistados.

O narrador jornalístico não pode ser protegido pelas estratégias ‘redacionais’ do repórter-escritor, mesmo que o seu texto guarde requintes estéticos de aproximação com a poética (ou autopoieses) literária.

Mas ambos estão próximos através da união entre uma ética da estética vivenciada de forma lúdica e criativa nas formas pré-científicas e mitológicas das ciências do Conhecimento Comum.

14/03/2018

## O Carnaval, Rabelais, Bakhtin no desfile da Paraíso do Tuiuti

---

O Carnaval não foi criado na Era Vitoriana, como disse a famosa jornalista paraibana que, acusando os foliões, assinava o passe com o SBT para produzir narrativas fascistas contra o povo.

A estrela da extrema-direita do jornalismo brasileira foi defendida por um brilhante jornalista e um talentoso advogado, quando rebati o crasso erro histórico da atriz televisual.

O Carnaval é uma festa pagã e, como os festivais de arte, ultrapassam as linhas temporais. Basta ler as cartas de Aristófanes a Leucipo - importantes textos para se conhecer a formação do povo grego.

Jesus, como bom galileu e militante contra o Império Romano, deve ter tomado conhecimento da tradição dos festivais fenícios e do carnaval, pois ambos não existiram separadamente.

A palavra Carnaval - etimologicamente - vem de Carnavale. Grosso modo, a festa da carne e não do espírito. Por isso, foi na Idade Média - que muitos, erroneamente, chamam de idade das trevas (para verificar esse erro é bom ler o historiador Huizinga e seu belo livro *O outono da Idade Média*), que o carnaval se consagrou como festa de luta contra os poderes, a aristocracia e o clero.

Mas, é através dos estudos do linguista russo Mikhail Bakhtin, em seu importante livro sobre a cultura na Idade Média, que tomamos conhecimento da força do carnaval contra os poderes opressores.

A força do carnaval está na paródia, na inversão dos valores, dos padrões moralistas estabelecidos à força. Isso demonstra Bakhtin ao

analisar a obra de Rabelais, o maior gozador do período medieval, sobretudo quando dá voz aos personagens Gargantua e Pantagruel.

Herdamos deste carnaval medievo a paixão pelas máscaras, a paródia, o oxímoro (figura de linguagem) e, com mais força a dessacralização.

Dessacralizar quer dizer retirar do divino e colocar ao rés-do-chão, ao alcance da ralé. Bakhtin demonstra que estes eram os objetivos da obra de Rabelais: dessacralizar o clero, rebaixar a santidade dos incautos.

Agora, nos chegam estas maravilhosas imagens do desfile carnavalesco da escola de samba Paraíso do Tuiuti - no Brasil contemporâneo sob um golpe político medieval, nos quais o povo demonstra que não está satisfeito com as narrativas lineares da política, do clero e da aristocracia da cana-de-açúcar escravocrata - a mesma do setor industrial - porque o país nunca fez a transição para uma burguesia urbana, industrial. Aqui, o capitão do mato é o capitão da mídia (vide Collor de Mello).

Desde os desfiles dos mendigos de Joãozinho Trinta, não se via na avenida uma Carnavalização (efeitos de paródia) como este desfile da Paraíso do Tuiuti.

Há mais transformações sociais do que percebem as lentes midiáticas.

13/02/2018

## A vida de homens e mulheres jornalistas

---

A vida de um jornalista não se mede em círculos temporais, mas em caracteres, linhas, sons e imagens.

O corpo de um jornalista tem massa óssea, peso e deontologia como coluna cervical.

Os jornalistas são seres de muitas almas. Por isso, o espírito irrequieto invade as formas de todos os objetos, e o paladar das cores, como n’*O teste do ácido do refresco elétrico*, livro de Tom Wolfe.

Estes jornalistas que comungam sinergias, metáforas e vida pessoal são uma espécie em extinção, pois eles têm na musicalidade das palavras a matéria prima de seus textos.

Escrever ouvindo música; escrever compondo música, momentos distintos na produção de discursos. A primeira assertiva pode apenas auxiliar a Logopeia, a dança do intelecto através das palavras; a segunda pode referendar a Melopeia, palavras impregnadas de uma propriedade musical que orienta o significado, e a Fanopeia a utilização de imagens para reforçar a imaginação visual, segundo proposições de Ezra Pound no seu *ABC da Literatura*.

No exercício diário do jornalismo é difícil tornar possível a palavra reveladora de signos e não como simples veículo de significados. Esse é o principal desafio na vida de um jornalista: fugir dos auspícios da razão instrumental.

Ao longo dos anos, a vida do jornalista se confundiu com a sua formação profissional ética, política e religiosa. Mas nos últimos

tempos só o posicionamento político passou a ser o referencial semântico do que é produzido pelos profissionais de imprensa.

O espírito da vida jornalista penetra nas dobras dos modelos estéticos para revelar a simplicidade que nutre todos os processos artísticos, sem se deixar seduzir pelos cânones socioculturais.

Para fugir das armadilhas conceituais estabelecidas pelo materialismo vulgar os jornalistas buscam ilustração cultural. Mas a cultura, neste sentido, não deve ser apenas livresca, mas significar o que põe em movimento pessoas, homens, mulheres, crianças, negros, índios, brancos, homo, hétero, toda a gente de todos os credos.

A vida jornalística nos ensina que o tempo não se medo pela razão referencial dos discursos descritivos. Esta é a forma de viver e atitude de alguns jornalistas.

Os jornalistas vivem e se reconhecem ante as atitudes estéticas do mundo da vida.

22/05/2018

## Walter Benjamin viu Lula no Recife

---

**A**TV Globo pratica uma Geopolítica da informação. Nenhuma imagem sobre a visita de Lula ao Recife.

Tudo isso desde quando a pauta jornalística virou instrumento comercial.

Mas os jornalistas são presos pelo pescoço com as correntes do Endomarketing empresarial, e a liturgia da banca dos telejornais é mais importante que a leitura das conjunturas sociais que se aprende em sala-de-aula das escolas sem paredes na vida.

Karl Marx, apesar de ganhar o pão como jornalista, redator e editor da Gazeta Renana, não foi um teórico do Jornalismo, que desde os anos 1845, na Alemanha, era objeto de estudos em nível acadêmico.

Coube a Max Weber a condição de analista do fenômeno midiático que surgia no século XIX no embate entre jornalistas e o Parlamento alemão.

Weber, em seu belo texto, Sociologia da Imprensa, aconselhava a abertura de um campo de pesquisa para estudar os estragos que a 'imprensa' faria à democracia.

Depois, em mais longo período, os nazistas vieram e tomaram de assalto o rádio, tornando-o o grande veículo de disseminação antisemítica.

Nos anos 1930, quando Hitler - eleito pelo povo alemão - subiu ao poder - a propaganda de massa se instalara na Alemanha nazista

com rigores de crueldade. Mas desta vez era preciso criar formas de análise que combatessem a propaganda da mídia nazista.

Surge nos anos 1930, a Escola de Frankfurt, cujo principal objetivo foi aplicar a Teoria Crítica à leitura das influências da propaganda nazista no cotidiano da Alemanha, sobretudo através do cinema e das mensagens radiofônicas.

Hitler botou para correr da Alemanha os cientistas da Escola de Frankfurt: Adorno, Horkheimer, entre outros. Mas um dos mais sensíveis e mais criativo, Walter Benjamin, com medo da Gestapo - os milicianos do Führer - se suicidou na fronteira entre a França e a Espanha.

O combate que se trava contra a midiaticização da sociedade brasileira não é contra os profissionais de imprensa, mas contra as estruturas hegemônicas de produção e distribuição da informação que, em um país de dimensões continentais como o Brasil, anula as identidades, empobrece o processo democrático.

Os jornalistas são trabalhadores - como outros quaisquer, mas não precisam ser alienados, lambedores da própria imagem condenados por não amar à ninfa Eco (os manuais de redação do patronato).

O que se quer deste profissional é uma postura cidadã, ao menos um diálogo com seus chefes para que não haja distorções na hora de divulgação dos fatos.

É para isto que serve a Sociologia, a Linguística, a Antropologia, o Jornalismo - campo de articulação de saberes, pois se eles não conseguem produzir narrativas competentes sobre o cotidiano o saber popular irá derrotá-los com a força do senso comum.

No Jornalismo como na Sociologia, é preciso sensibilidade. Talvez por isso apenas Walter Benjamin enxergou Lula no Recife (PE).

20/11/2019

## O jornalista não é Homo Sacer

---

Desde o Estado Novo - a criação do DIP-Departamento de Imprensa e Propaganda - passando pela Ditadura Militar - há uma zona nebulosa entre ditadores de plantão e a Imprensa brasileira.

Getúlio, Carlos Lacerda, Roberto Marinho e Samuel Wainer criaram formas de cooptação de jornalistas e empresários da imprensa que afastou o povo do Brasil.

O maior arauto da Ditadura Militar, Assis Chateaubriand - o Chato - foi engabelado pelos milicos e teve que vender a maior parte dos Diários Associados, fragmentando suas emissoras de TV, cuja parte rentável em São Paulo foi oferecida a Silvio Santos.

Mas esta é a parte macro da história que narra a formação dos conglomerados de imprensa.

A parte obscura ainda permanece como uma névoa, porque diz respeito justamente à participação de jornalistas profissionais como colaboradores dos regimes de exceção.

Esta relação promíscua entre jornalistas e poder nunca foi discutida claramente, apesar de haver uma boa bibliografia escrita por profissionais da imprensa.

O ódio a Lula plantado no meio jornalístico tem raízes profundas que cresceram a partir dos órgãos de repressão, como o Doi-Codi - em cujas dependências foi torturado e morto o jornalista de origem judaica Vladimir Herzog, mas advindo também das lutas do jornalista Cipriano Barato - século XIX - e suas Sentinelas da Liberdade.

Com esboço de uma redemocratização, Golbery do Couto e Silva - embaixador da 'abertura' tratou de negociar com os donos de jornais, emissoras de rádio e TVs a cabeça de jornalistas que não serviam à modernização da imprensa.

Narra um chiste, que Roberto Marinho protegia, como bom feitor, seus comunistas em O Globo. Mas na verdade jornalistas como Cláudio Abramo (jornal Folha de S.Paulo), Alberto Dines (Jornal do Brasil) foram afastados de suas funções e deram lugar a gente como Boris Casoy e tantos outros que cumpriam à risca as decisões do Planalto e de seus chefes.

Nesse período histórico, surge a figura do maior plagiador da imprensa brasileira - um ex-militante de esquerda que se tornaria um dos maiores engolidores de pauta e falsificadores de textos, mas idolatrado por uma classe-média forçadamente alfabetizada: Paulo Francis.

Paulo Francis era um reacionário convicto sem o brilho de um Nelson Rodrigues, mas deixou muitos filhotes de texto e de caráter.

Assim o Vêu de Maia ainda encobre parte da atuação e contribuição de jornalistas para a manutenção do autoritarismo durante e depois das ditaduras do Estado Novo e Militar.

O mais incrível é que a maioria dos Cursos de Jornalismo não discute a participação dos jornalistas em diversos episódios históricos, como a cobertura da Guerra de Canudos pelos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XIX.

Se não fosse Machado de Assis, em uma excelente crônica de 1896, não saberíamos como os jornais do Sudeste tinham tratado os seguidores de Antônio Conselheiro no Sertão da Bahia.

Para a maioria dos leitores, o jornalista ainda aparece como Homo Sacer - homem sagrado - que vai defender a liberdade no Estado de

Exceção. Mas no Brasil a história é uma outra de tantas outras que se ouve nas redações ou em mesa de bar.

Ps. Como leitura para os apaixonados pela profissão indico o livro de Bernardo Kucinski, *Jornalistas e Revolucionários* - leitura importante para os que não temem as margens da História.

09/11/2019

## A persuasão midiática contra as universidades

---

A perseguição aos professores das universidades públicas, inclusive com a redução salarial, começou. Isto ficou claro em uma palestra do Sr. Ministro da Educação em um Fórum de Faculdades Privadas hoje (reportagem do jornal O Globo - edição deste 26/09/2019).

Os salários dos professores universitários sempre foram uma espécie de fetiche sádico-destruidor de algumas corporações contrárias às universidades - inclusive alguns setores da imprensa.

Na verdade, em estados economicamente mais pobres, a universidade sempre pagou um preço alto por não empregar a inteligência local - como se tivesse a obrigação de ser extensão do latifúndio.

O problema não era apenas a “inveja” contra os salários docentes que, a despeito da longa carreira sem penduricalhos, sempre esteve abaixo de muitas categorias do Serviço Público Federal.

O busflis era que muitos queria exercitar o saber (alguns conseguiram) sem metodologia ou formação didática para enfrentar a sala de aula.

No final dos anos 1990, o Cientista Social Milton Santos - reconhecido mundialmente - rebateu uma das tentativas do jornalista Boris Casoy de desclassificar as universidades brasileiras, em um telejornal de exibição nacional, com a frase:

“O Brasil é o único país do mundo que fala mal de suas universidades públicas”.

Vamos voltar à persuasão midiática contra as universidades.

26/09/2019

## Se Kant fosse jornalista?

---

Há mais imbricações filosóficas entre Filosofia e Jornalismo (enquanto campo de saberes) do que imaginam as vãs editoriais.

Depois de assistir a uma palestra de um renomado crítico de Comunicação de Massa sobre a importância da pesquisa empírica em Jornalismo – na UFPB – saí com muitas dúvidas, embora tenha feito algumas perguntas – o que me causou – de cara – a antipatia do auditório e dos organizadores da palestra, porque no Brasil incomodar a estrelas do ambiente acadêmico é crime contra o imaginário didático-pedagógico – jardim das delícias das citações bibliográficas “três importantes”, vindo sobretudo de autores europeus a cada verão.

A minha primeira dúvida foi a seguinte:

- O que é Empirismo?

Ora, esta palavra atravessa várias correntes filosóficas, mas entorna o caldo quando se aproxime de Immanuel Kant e David Hume.

O Empirismo é...

Antes de tentar formular um conceito poderíamos pensar em perguntar para que serve o Empirismo.

O nobre professor declarou na brilhante palestra que não admitia que seus orientandos da pós-graduação não passassem por experiências empíricas antes da ‘confecção’ de teses e dissertações.

Uma das maiores dificuldades que encontrei em sala de aula foi dizer aos membros de um grupo de pesquisa que o jornal impresso

era o nosso ‘material empírico’, assim boa parte dos pesquisadores acabou considerando que empírico era sinônimo de ‘material’.

Acredito que boa parte da plateia que assistia à palestra do renomado pesquisador, também aceitou a sinonímia entre empírico e material como conceito unívoco.

Quando estava deixando a universidade naquela tarde agradável, uma plethora de diálogos, fiquei pensando na minha ignorância didático-pedagógica como professor de Jornalismo Impresso durante 32 anos, e com algumas pesquisas e livros publicados.

A minha douda ignorância consistia basicamente em saber diferenciar, para os alunos, o que era empírico e o que era simplesmente material de pesquisa.

Imediatamente, procurei sair do meu ‘sono dogmático’ e ler em Kant, filósofo alemão do Séc. XVIII o porquê da valorização do Empirismo e como isto pode ser exercitado na ‘prática jornalística’.

Ora, Kant é um filósofo com alma de editor de jornais. Depois dele, talvez Karl Marx – que foi jornalista profissional. Mas aquele é um continente, este uma península no universo do conhecimento ocidental.

Kant é autor de três obras que mudaram a forma de pensar do mundo moderno: 1) Crítica da Razão Pura; 2) Crítica da Razão Prática; 3) Crítica do juízo.

Quaisquer jornalistas sabem que um dos maiores desafios cotidianos é testar os limites do conhecimento antes da formulação de enunciados que devem ser transformados em gêneros jornalísticos (notícia, artigo, entrevista, reportagem).

Como no ofício de jornalismo, a crítica de Kant significa entender como a razão pode atingir as várias formas de conhecimento e se tornar soberana, transformando saberes que fogem às razões

em exercício de especulação retórica – como dizemos no jornalismo “enchimento de linguíça”.

Mas é preciso que o filósofo teste os saberes e o jornalista os fluxos de informação buscando a adequação epistemológica – teoria do conhecimento – prática – e teológica – nas relação com o divino.

Com relação ao saber, Kant pergunta:

1) O que devo saber? (teoria do conhecimento), 2) como devo proceder (ética), 3) o que posso esperar (teologia – místico, religiosidade).

Quem teve a experiência de editar uma página de jornal sabe que, de forma transversal, fazemos todos os dias estes questionamentos sobre o saber e suas dimensões no Jornalismo Impresso, pois cada texto editado corresponde a nexus linguísticos e semióticos que se desdobram em mais e mais saberes.

Com um tempo, o trabalho jornalístico cai no empirismo – aquele que depende das percepções e dos sentidos do editor, repórter, colunista, porque todos nós já ouvimos a cantilena: eu tenho experiência.

É o conhecimento jornalístico, ousamos dizer, a posteriori, contaminado pela experiência que leva a rubrica de seus autores.

A impureza do conhecimento jornalístico se dá justamente pelo predomínio da razão, das sensações empíricas determinantes para a forma dos enunciados.

Mas há outro tipo de conhecimento defendido por Kant: o conhecimento puro. Este conhecimento não sofre as pressões sensoriais e não cedem aos cânones de uma ‘larga’ experiência. É o conhecimento a priori.

O conhecimento a priori no Jornalismo Impresso, ou mesmo nas pesquisas em Jornalismo, dialogam com a noção de imaginário e

Fenomenologia – principalmente a Fenomenologia como a prática de observação dos fatos sociais sem antecipar conceituações?

Esta pergunta eu gostaria de ter feito ao nobre palestrante.

19/09/2020

## Wellington Pereira

foi professor Titular do Departamento de Mídias Digitais da UFPB, fez Graduação em Jornalismo e Mestre em Literatura Brasileira pela UFPB e Doutorado em Sociologia, título obtido na Universidade Paris V – Sorbonne. Pereira lecionou na Pós-Graduação em Sociologia (UFPB), sendo vice-coordenador do Mestrado em Comunicação (UFPB). Desde 2002, Wellington Pereira coordenou o Grupecj – Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo – Decom – UFPB – tendo organizado, junto aos alunos pesquisadores, os livros: 1) Leituras do Cotidiano, 2) O Trabalho de Sísifo; 3) Epistemologias do Caderno B; 4) O príncipe lê jornais; 5) As formas do Humano no discurso do Jornal, (2009). Como jornalista, assinou a coluna semanal “Mídia & Sociedade” no portal DiárioPB, na qual discutiu os problemas sociológicos e as inferências das linguagens midiáticas na esfera pública.

Publicou individualmente os seguintes livros: 1) As possibilidades do róseo (ficção); 2) Chanel 19 – histórias no feminino (ficção); 3) Vovó nos protege?; 4) (O beijo da noiva mecânica – ensaio sobre mídia e cotidiano); 5) Diário de um zappeur – TV, insônia e vida cotidiana; 6) Crônica: arte do útil e do fútil – ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso; 7) Catálogo Ilustrado da vertigem humana; 8) As aventuras de José Jacinto em seu redemoinho particular (viagens de um judeu secular); 9) O voo noturno do Pintarroxo – as insônias do Bairro-Norte (contos-ficção).



Wellington Pereira, por Alberto Pessoa

Wellington Pereira

# RASCUNHO EPISTEMOLÓGICO

